Cinearte

ANNO V.
Rio de Janeiro
Preço para todo

NILS ASTHER

Cara inchada

Quando se vê um individuo com a cara inchada, póde-se dizer que elle não escova os dentes. Quem tem esse cuidado, raramente apresenta caries e, portanto, não está sujeito ás inflammações alveolodentarias. Para a defesa dos dentes nada melhor que sabão dentifricio, agua e escova. O proprio sabão de toucador serve, desde que o reserve para esse mistér.

Para a desinfecção perfeita da bocca não existe, porém, nada melhor que os globulos perfumados de Ortizon Bayer, os quaes, dissolvidos na agua, formam uma especie de agua ozonizada, deliciosamente perfumada á hortelã. Este preparado constitue uma util novidade. Quem o usou uma vez, nunca mais o abandona, e quem isto faz, nunca mais se apresentará com a cara inchada.

Exercicios exagerados

Os exercicios gymnasticos são salutares, entretanto o exaggero é prejudicial. Os que abusam dos exercicios tornam-se geralmente nervosos, apresentando certos symptomas que constituem a estafa, uma especie de doença de "excesso de treinamento". Muitos medicos demonstraram que essa anormalidade é rapidamente combatida pela administração de saes phospho-calcios. A Candiolina tem sido empregada com esse fim não só por associações athleticas allemãs, como por associações athleticas brasileiras. A Candiolina fornece ao organismo grande quantidade de phosphoro e calcio gastos com os esforços exaggerados, e cuja falta é a causa dos disturbios que se verificam nos casos de estafamento.

Telegrammas FILME

PROGRAMMA REX

Telephone: 2-3654

ORLANDO MOURA

Rua da Carioca, 6-1.º

RIO DE JANEIRO

CINEMA SONORO

Som no disco — **Som no film**

COM OS AFAMADOS APPARELHOS AMERICANOS PARA FILMS FALLADOS, CANTADOS E MUSICADOS

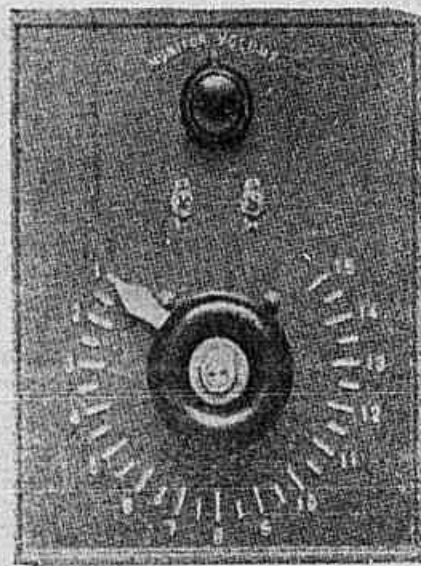
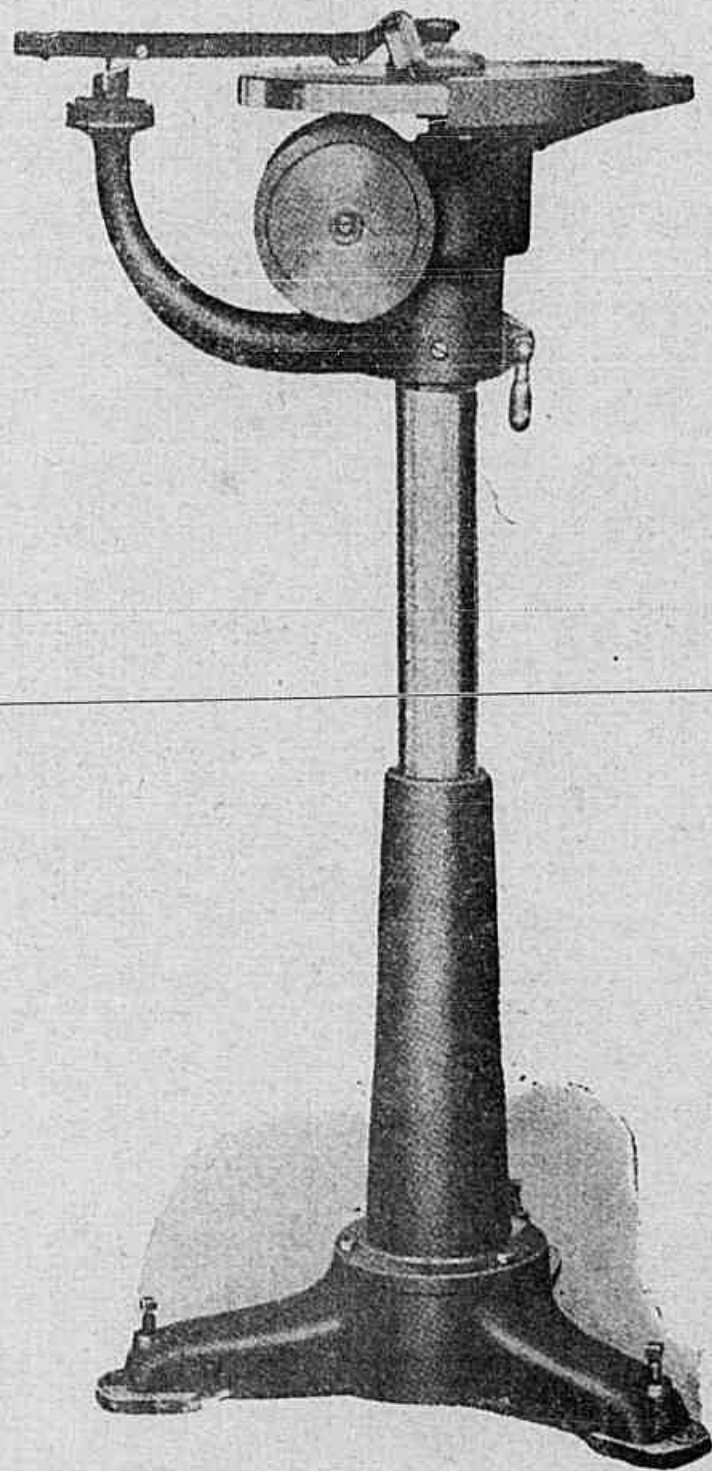
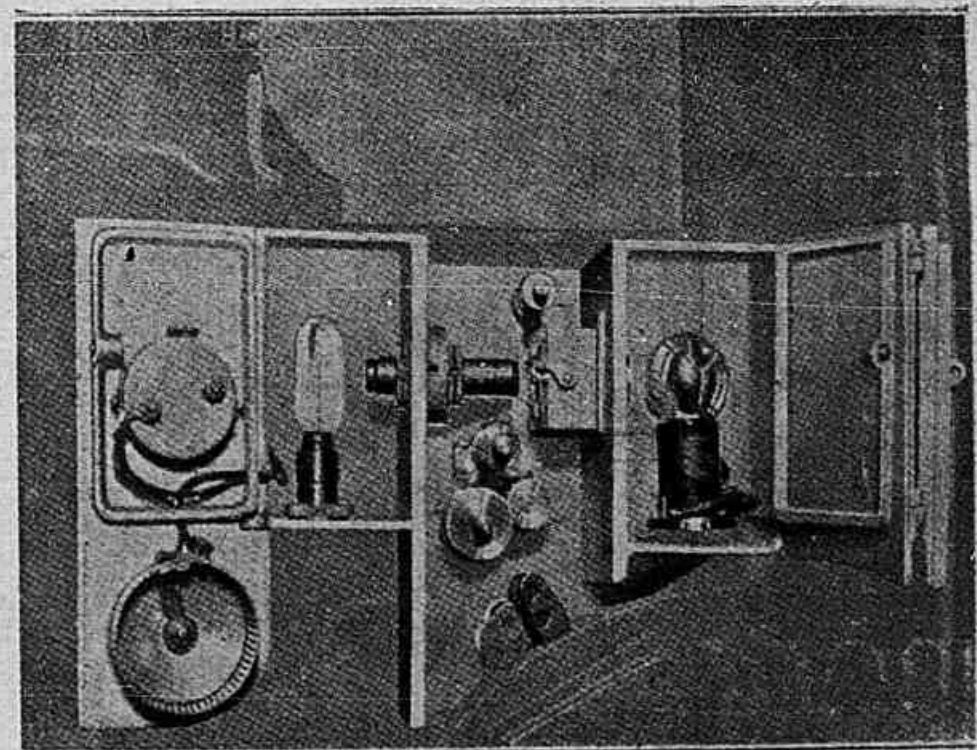
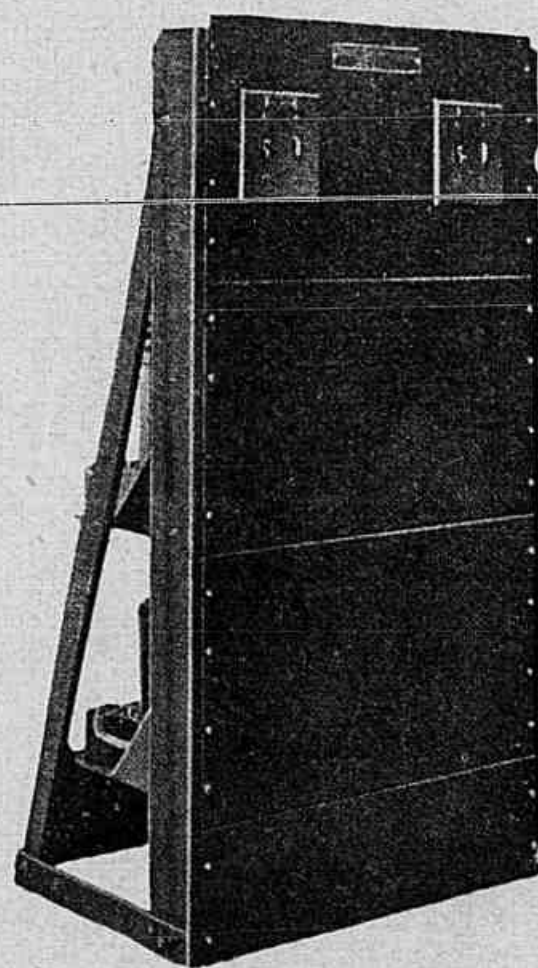
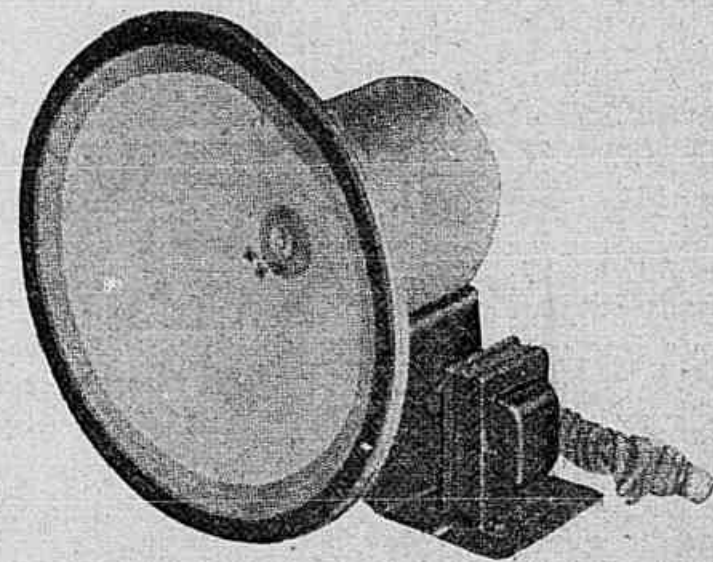
SUPER MELLAPHONE

(DA MELLAPHONE CORPORATION-ROCHESTER-N. Y.)

PARA CINEMAS ATÉ **3.000** LOGARES!

PREÇOS ACCESSIVEIS A TODOS OS EMPRESARIOS

SOM NO DISCO A PARTIR DE **7:500$000**

Adapta-se a qualquer projector

CINEMA FALLADO AO ALCANCE DE TODOS!
PEÇAM INFORMAÇÕES

George Duryea foi contractado para o principal papel masculino de "Night Work" da Pathé.

✣ ✣ ✣

Lilyon Tashman substituiu Fern Andra no papel que a esta cabia em Eyes the World, da Inspiration, que Henry King está dirigindo .

✣ ✣ ✣

Josephine Lovett escreveu uma historia moderna que foi adquirida por Gloria Swanson para seu proximo film.

Peverell Marley e sua esposa Lina Basquette, depois de uma tournée theatral, regressaram a Hollywood. Elle está considerando uma importante proposta para voltar ao seu primitivo ramo e com opportunidade para dirigir, futuramente e ella tambem está interessada em receber alguma offerta para trabalhar em talkies.

OS PREMIOS D'"O TICO-TICO"

O Tico-Tico, a querida revista das creanças, entre os valiosos premios que distribue aos leitores nos seus concursos semanaes, inclue alguns livros de muito encanto e utilidade para a infancia. Esses livros constituem collecções completas, de 9 e 12 volumes cada uma, das preciosas obras "Encanto e verdade", do professor Thales de Andrade, e "Galeria dos Homens Celebres", do professor Alvaro Guerra. "Encanto e verdade" divide-se em nove volumes, a saber: A filha da floresta — El-rei Dom Sapo — Bem-te-vi feiticeiro — D. Iça rainha — Bella, a verdureira — Tótó judeu — Arvores milagrosas — O pequeno magico — Fim do mundo. "Galeria dos Homens Celebres", do professor Alvaro Guerra, comprehendendo os seguintes volumes: I — José de Anchieta, II — Gregorio de Mattos, III — Basilio da Gama, IV — Thomaz Gonzaga, V — Gonçalves Dias, VI — José de Alencar, VII — Casimiro de Abreu, VIII — Castro Alves, IX — Alvares de Azevedo, X — Fagundes Varella, XI — Machado de Assis, XII — Olavo Bilac. Essas collecções constituem primorosos livros de caprichosa confecção material e foram editados pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, que os offereceu para premios d'*O Tico-Tico*, demonstrando, desse modo, o zelo e dedicação que, de ha muito, aliás, dispensa a todas as manifestações em beneficio da instrucção do povo.

NÃO PODE HAVER UMA BÔA PRAGRAMMAÇÃO... SEM UM

PROGRAMMA SERRADOR

PROGRAMMA SERRADOR

Aqui estão os 5 primeiros films desta temporada — O successo alcançado com cada um delles foi formidavel, nos cinemas da

COMPANHIA BRASIL CINEMATOGRAPHICA (RIO) E SOCIEDADE ANONYMA EMPRESA SERRADOR (SÃO PAULO)

1

Synchronizado, cantado e fallado em francez — Adaptação perfeita da obra de ALEXANDRE DUMAS — pela ECLAIR PRODUCTION

O COLLAR DA RAINHA

com MARCELLINE JEFFERSON COHN e DIANA KARENNE

Scenas de idylio — Scenas da luxuosa corte franceza — Scenas violentas que prendem o espirito e fazem palpitar o coração

Programma Serrador CBC

2

Synchronizado, cantado e fallado — com trechos completos da opera "FAUSTO"

MODERNO FAUSTO

O romance de um homem que procurou a sciencia para rejuvenescer... e amar! RICARDO CORTEZ e CLAIRE WINDSOR são os heróes desse film maravilhoso da TIFFANY STAHL

Programma Serrador CBC

3

EMILE ZOLA escreveu o romance — MARCEL L'HERBIER, o grande director, fez a adaptação moderna de

L'ARGENT

E o desempenho coube a artistas como BRIGITTE HELM — MARI GLORY — PIERRE ALCOVER — ALFRED ABEL

Programma Serrador CBC

4

Um romance de sensação, — o amor de uma mulher ante dois homens — com scenas de uma belleza encantadora

DOIS HOMENS E UMA MULHER

é um film-joia da TIFFANY STAHL — com ALMA BENNETT — WILLIAM COLLIER Jr. e EDDIE GRIBBON

Programma Serrador CBC

5

Um film — TODO FALLADO EM PORTUGUEZ! — com discos synchronizados na America do Norte — (mas que tambem póde ser exhibido silencioso)

JANGO!

A narração de uma escurção pela Africa, que levou cinco annos — detalhes impressionantes — O primeiro film no genero vindo ao Brasil

URODONAL

evita a obesidade

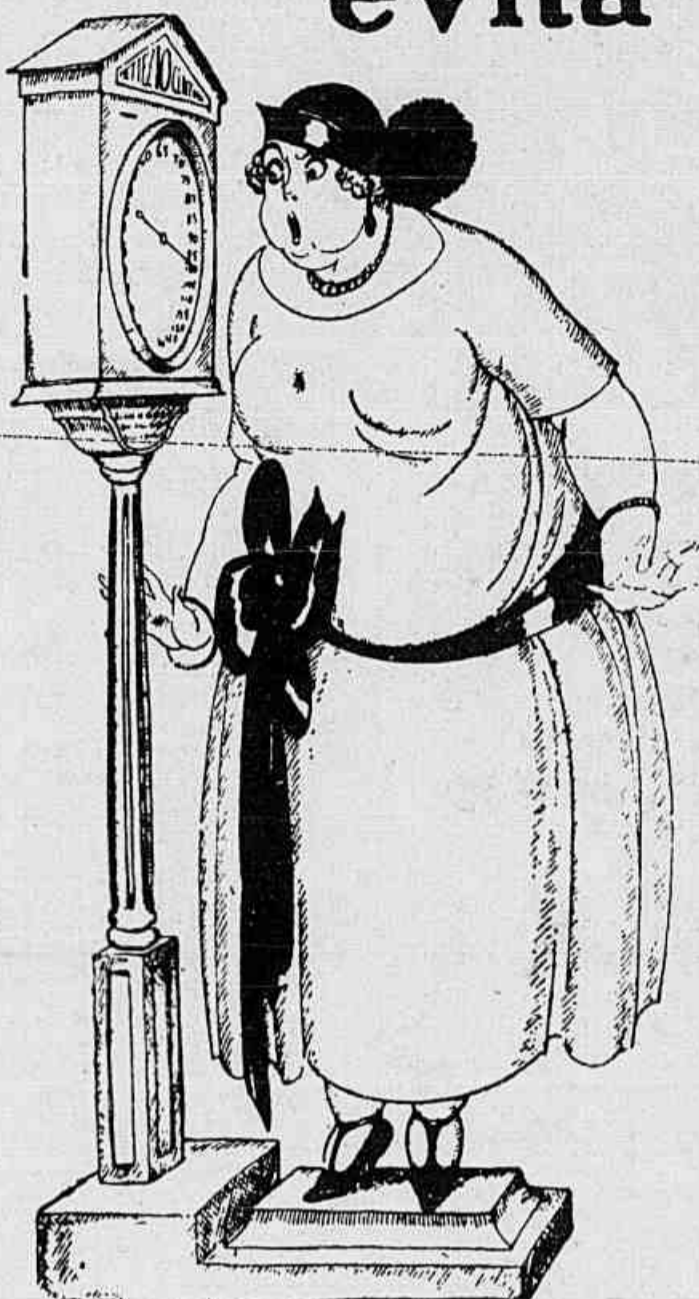
Gotta
Rheumatismos
Arterio-esclerose
Nevralgia
Areias da bexiga

15 GRANDES PREMIOS

COMMUNICAÇÕES :

Acad. de Med. 10 de Nov. de 1908
Acad. das Scienc. 14 de Dez. de 1908

Approvado pelo Departamento Nacional de Saúde Publica do Rio de Janeiro N. 82. — 10 de junho de 1910.

Cem kilos ?!... E' preciso que tome o URODONAL !

lava o figado e as articulaçoes, dissolve o acido urico, activa a nutriçao e oxyda as gorduras

Établissements Chatelain
Fornecedores dos Hospitaes de Paris. 2, r. de Valenciennes, em Paris, e em todas as Pharmacias.

Depositarios exclusivos no Brasil: ANTONIO J. FERREIRA & CIA. — URUGUAYANA, 27 — RIO.

CUTISOL-REIS

A mulher que preza o encanto de sua belleza traz sempre, no seu toucador, um vidro de *Cutisol-Reis*. Limpa a pelle de todas as impurezas, destruindo todos os parasitas que a afeiam, como o attestam as maiores summidades medicas, e é o melhor fixador do pó de arroz. Usem-no os cavalheiros depois de barbearem-se!

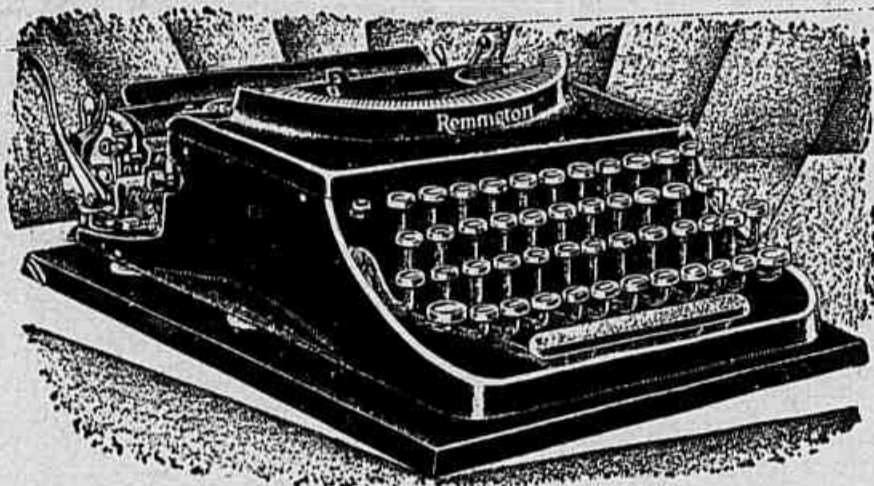
ENCONTRA-SE EM TODAS AS PHARMACIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS.

COUPON

Caso o seu fornecedor ainda não tenha, córte este coupon e remetta com a importancia de 5$000 (preço de um vidro) aos depositarios: Araujo Freitas & Cia. — Rua dos Ourives, 88
Caixa Postal 433 — Rio de Janeiro

Nome ....
Rua ....
Cidade ....
Estado .... (Cinearte)

Remington Portatil

V. S. trabalhará com mais satisfação e facilidade, usando uma machina de escrever "Remington Portatil"

A economia de tempo, a perfeição e a eliminação da fadiga de escrever á mão, fazem desta machina, hoje em dia, o methodo mais pratico e confortavel de escrever. Peçam uma demonstração, sem compromisso de compra, á

Remington Portatil

Filiaes ou Agencias em todos os Estados do Brasil.

"LEITURA PARA TODOS"

Um magazine mensal que publica um pouco de tudo e que, portanto, a todos interessa, sendo o preferido dos viajantes

Uma verdade

Um menino, embora pobre,
Póde julgar-se bem rico
Se comprar e ler attento
Os numeros d'"O Tico-Tico".

O CORPO DE DELICTO

"The Benson Murder Case"

UM FILM DIALOGADO EM HESPANHOL DA PRIMEIRA A' ULTIMA SCENA

com

Maria Alba

(1°. Premio de belleza da Hespanha)

ANTONIO MORENO

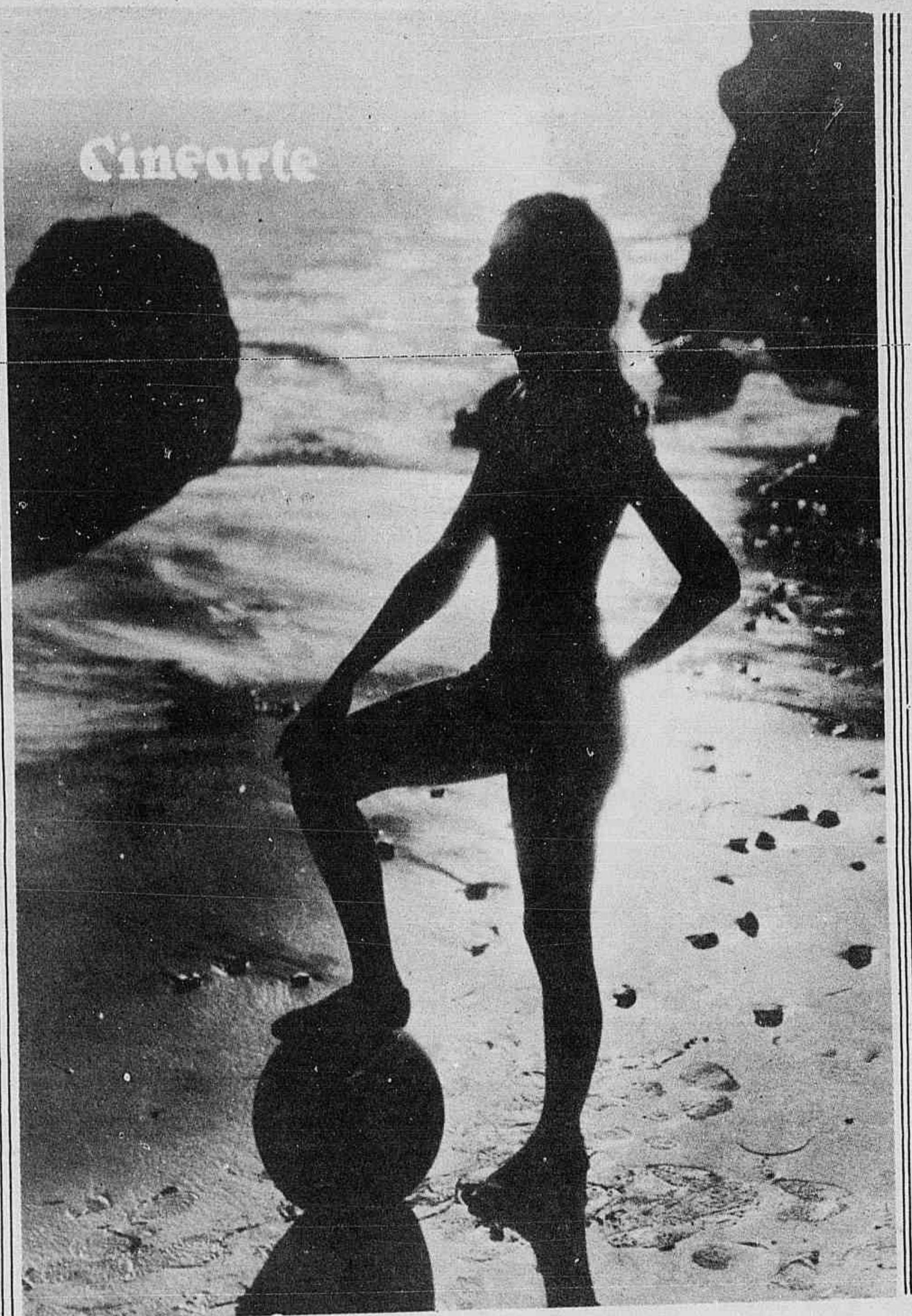
e

BARRY NORTON

BREVEMENTE

no

IMPERIO

1243-Sp. 1

MAY MOYLAN. NUNCA OUVI FALAR DESTA PEQUENA, MAS E' INTERESSANTE. NÃO PRECISA DO SOL.

EM passado artigo fizemos referencias a quantidade de cartas que temos recebido especialmente do interior do paiz em que leitores desta revista se queixam dos programmas que actualmente são exhibidos nos cinemas que frequentam. E' a consequencia immediata da nova politica productora especialmente nos Estados Unidos, ainda os nossos maiores fornecedores. Durante muitos annos a menos que barateie o custo dos apparelhos productores a quasi unanimidade dos salões de exhibição no Brasil servirão apenas para o film silencioso. O monopolio da Western Electric, as exigencias que acompanham cada acquisição dos seus apparelhos, sem duvida até aqui os melhores que no mercado existem, tornam inteiramente impossivel a sua installação por emprezas modestas e essas são a extraordinaria maioria, que exploram o commercio cinematographico entre nós.

D'ahi a necessidade em que se veem de acceitar tudo quanto lhes proporcionam as agencias locadoras, as representantes no Brasil dos productores estrangeiros, e por preços que não baixam proporcionalmente ao valor real do producto, antes tendem para a alta, dada a excassez da mercadoria.

São justas as queixas dos nossos leitores, mas não ha remedio, emquanto não produzirmos o sufficiente para o nosso proprio consumo, senão ir aguentando. A febre do cinema sonóro está empolgando todos os mercados productores. Os europeus, que desde muito podiam ser considerados vencidos, submersos pela vaga da producção "yankee" em vez de procurarem readquirir o perdido prestigio atiram-se á competencia na producção dos films da moda, lutando assim com os mesmos embaraços que lhes tolhiam o surto no campo da producção silenciosa.

Se approveitando a occasião, melhorados os processos, com uma orientação commercial mais intelligente volvessem a disputar os perdidos mercados agora que o film "yankee" já lhes não podiam offerecer tão rude competencia, certamente, dentro de pouco tempo venceriam e sem grandes difficuldades.

Mas não é isso o que fazem e todos os seus esforços se inutilisam buscando concorrer com quem, melhormente apparelhado, com fartura de recursos não pode temer tão precaria concurrencia.

O resultado é esse que vemos. Mercê da pobreza dos programmas vae já o publico enfarando da diversão que era e podia continuar a ser sua favorita. Raros os films que se mantem mais de um dia nos programmas por via de suas qualidades negativas.

E para os exhibidores do interior é isso um problema de summa gravidade que implica com os seus excassos capitaes submettidos a terriveis exigencias por parte dos proprietarios das famosas "linhas", que não querem se convencer de que a gallinha dos ovos de ouro, ao cabo, acabará por se exgotar.

O favor que obtem o film nacional nos meios do interior do paiz em que muitos tem triumphado do modo o mais lisonjeiro ahi está a indicar quão util seria uma empresa que dotada de capitaes fortes e unindo as energias dispersas aqui, ali e além, se atirasse resolutamente á solução do problema, creando uma "linha" propria que servisse a todo o Brasil.

Ha já tentativas sérias para alcançar esse desideratum.

Difficuldades a vencer, obstaculos a remover tem havido e ha de haver ainda.

E' natural que surjam e um triumpho é tanto mais satisfatorio quanto maiores foram as difficuldades para o conseguir.

Temos confiança no cinema brasileiro.

Surgido do nada, em meio da desconfiança, da zombaria, da má vontade senão da indifferença geral elle foi aos poucos crescendo e impondo as suas producções de que algumas dignas na realidade do applauso e da animação.

Faz-se actualmente no Rio uma tentativa com objectivos praticos e dotada de recursos para precipitar a evolução até aqui lenta da producção nacional, approveitando a opportunidade que se afigura e é na realidade promissora.

Esta será, cremos, a unica maneira de prover os estabelecimentos de projecção do interior que vão ficando desertos pela abundancia de films mediocres que hoje figuram em suas programmações. Mais um passo, muita coragem e resolução e faremos por nós aquillo que de muito já deveria estar feito.

e EMILIO DUMAS numa scena de EUFEMIA da Internacional Film de São Paulo.

Uma scena do "Meu primeiro Amor", da Gloria Film com Claudio Navarro, Ernani Augusto, Nina Marina e Luiz Roberto.

Luiz Maranhão do Cinema pernambucano

A Internacional Film de São Paulo já tem bastante adiantada a filmagem da sua primeira producção, "Eufemia". Trata-se de uma adaptação de dois conhecidos romances, feita por Francisco Madrigrano e Mancel G. Franco. A direcção é de Francisco Madrigrano, innegavelmente um elemento de grande iniciativa em São Paulo. Está sempre trabalhando, sempre produzindo qualquer cousa para o Cinema de São Paulo, que sempre foi encarado seriamente e com um caracter mais industrial. Os trabalhos de machina, estão a cargo dos operadores japonezes, José e Pedro Chida. No elenco, estão Cruzetta Moreno, Emilio Dumas, Marcellina Gomes, Isabel Pacheco, Maria Cosentino, Caetano Cinatro e outros.

Luiz de Barros iniciou a filmagem de mais uma producção para a sua "Syncrocinex", que é uma parodia do film "O Pagão" e nelle tomam parte Genesio Arruda, Tom Bill e Vicente Caiaffa.

Consta que a Mendovil-Film de São Paulo convidou Ronaldo de Alencar, para galã da sua primeira producção, "Fatalidade".

Activam-se os preparativos para a exhibição do film "A's Armas!", no Studio da Cruzeiro do Sul, aos representantes officiaes, cinematographistas e demais convidados. Os letreiros, do mesmo film, estão sendo feitos pelo dr. Guilherme de Almeida, conhecido jurisconsulto, poeta e jornalista. Exhibido, ha dias, segundo informações aqui recebidas, ao mesmo teve, o illustre membro da Academia Brasileira de Letras, as palavras mais elogiosas com referencia ao film dizendo mesmo, aos presentes, entre os quaes o dr. Plinio de Castro Ferraz, autor do argumento, que se tratava do "melhor film brasileiro que elle até então vira".

O chronista de uma revista do Rio, acaba de declarar que já está cheio de promessas e que de Cinema Brasileiro só deseja saber noticias como esta: — "O film tal vae estrear no Cinema tal".

Muito bem. Este tambem foi sempre o desejo de todos nós que queremos o Cinema Brasileiro. E vamos approveitar a opportunidade para satisfazer o seu pedido: — Neste mez, Maio, o film "Rosas de Nossa Senhora", da Astro Film de São Paulo foi estreado no Cinema Paramount, de Santos e já deve ter sido exhibido tambem no Rink, de Campinas. Por sua vez, "O Destino das Rosas", aliás baseado na mesma peça de Manoel Mattos, producção da Spia Film de Recife, já deve estar em exhibição no Cinema Royal de Recife. Convem lembrar que a producção brasileira tem sido de 12 films por anno. Não é possivel, portanto, apresentar uma media maior do que um film por mez. E assim tem acontecido já ha mais de um anno, registrando algumas "primeiras" dignas de nota, como foram as de "Braza Dormida", "Barro Humano", "Escrava Isaura", "Sangue Mineiro" e outros.

Esteve alguns dias entre nós, J. Silva, director da Bello Horizonte Film, que aqui veio para adquirir material, para o proximo film desta Companhia a iniciar-se em breve. E informa a "Cinearte", todos os dados sobre a mes-

ma. Trata-se de um drama, cujo titulo provisorio é "O Calvario de Dolores", argumento do proprio J. Silva, que terá o desempenho de Yara Ticoy, a estrella, e Rodolpho Vicentini, o galã. E mais elementos, cuja selecção se está agora realizando.

E' uma historia moderna essa que J. H. Penna, o productor, entregou á direcção de J. Silva, auxiliado por Annibal Mattos, elemento já conhecido no Cinema Mineiro. Rodrigo Octavio Arantes será o operador. Conseguiu, J. Silva, do Presidente do Estado e do Prefeito de Bello Horizonte, o maior apoio, dentro da melhor bôa vontade contando a Bello Horizonte Film, assim, concluir o film até Agosto proximo findo.

卐 Só agora lemos no "Gymnasio", orgão do Centro gymnasial pernambucano, a sua nota sobre "o Cinema Brasileiro e a revista *Cinearte*" e a outra transcripta da "Provincia", sobre o mesmo assumpto. *Cinearte*, sem duvida, sente-se envaidecida com as palavras que ambos os jornaes empregaram ao se referirem á mesma, as quaes, agradece immenso.

DECIO MURILO, LELITA ROSA E PAULO MORANO

Reminiscencia: Adhemar Gonzaga, de "Cinearte", assiste Campogalliani dirigir uma scena da "Esposa de solteiro" da Benedetti Film.

Didi Viana e Decio Murilo são recebidos por Gina Cavalliere no seu bungalow na Pavuna...

卐 Para *Cinearte*, Ruy Galvão exhibiu, ha dias, diversos "rushes" do seu film "Meu Primeiro Amor", de sua autoria e direcção. Presentes, na occasião, além de Ruy, estavam Gloria Santos, sua esposa e a principal artista e Ernani Augusto.

John Barrymore e Dolores Costello, conheceram-se, ha annos, quando, juntos, filmavam "A Féra do Mar". Pois bem. Agora, casados, teve John, durante a filmagem de uma das scenas do mesmo film, em sua versão falada, "Nobby Dick", a satisfação de receber uma telephonada apressada que o chamava ao Hospital para conhecer Dolores 2ª. Para lá foi elle. Naturalmente chorou, fingido e artista como elle só... O facto é que estão satisfeitos. Porque viviam pedindo uma pequena e foi ella mesma que a cegonha trouxe para apertar mais ainda a amizade e o amor de ambos.

卐

E' provavel que Ina Claire passe a ser uma das estrellas da M. G. M. Para vigiar John ao lado de Greta Garbo, Inazinha?...

卐

Ha dias, em conversa, Ben Turpin procurou convencer um cavalheiro de que tinha 106 annos de idade. E' logico que o typo não acreditou.

— E' — disse Ben, revirando os olhos — tenho virtualmente 53. Mas ha 53, portanto que ando vendo tudo dobrado...

卐

Os planos para Ramon Novarro, na M. G. M. são grandiosos. Fará elle a versão falada de "Sangue e Areia", que Valentino ha annos filmou. E, ainda, dirigirá um film com artistas hespanhóes, em Durango, cidade do Mexico que tambem foi seu berço.

Paul Fejos, tendo deixado a Universal, entrará provavelmente para a M. G. M.

卐

Será filmada uma continuação de "Alvorada de Amor", pela Paramount, com Maurice Chevalier, Jeanette Mac Donald, Jack Buchanan e ZaSu Pitts. O director será Ernst Lubitsch, outra vez. E' justo esperar-se um novo formidavel successo.

卐

"Segredos", film que Norma Talmadge fez, ha annos, sob a direcção de Frank Borzage, vae ser refilmado com Mary Pickford no principal papel...

卐

"Flame of the Flesh", da United, reune, no seu elenco, os seguintes artistas, sob a direcção de Sam Taylor. Norma Talmadge, Conrad Nagel, William Farnum, Hobart Bosworth e Edgar Norton.

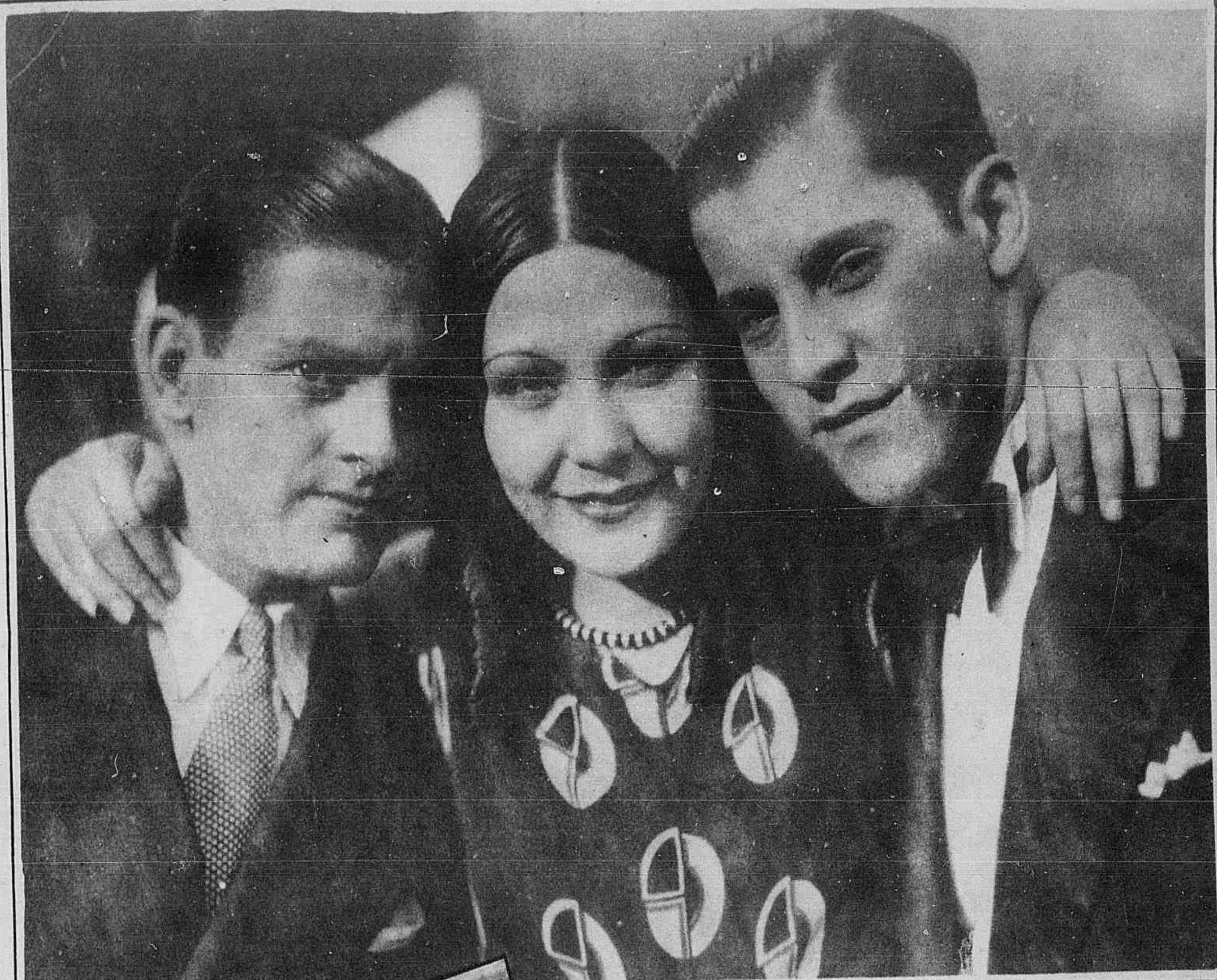
卐

Até aquelle velho, o Burr Mac Intosh que sempre faz papeis de juiz austero, etc., vae pedir o seu divorciozinho de Jean Snowden. Estavam casados desde o natal de 1914.

卐

Marian Nixon e seu marido Edward Hillman Jr., já estão em Hollywood, depois de uma lua de mel de seis mezes na Europa. Quando será o divorcio?

卐

A Paramount comprou o interesse da Fox na Gaumont British. Dizem, os maldosos, que, com esse dinheiro a Fox vae... comprar Cinemas.

A primeira directora do Cinema Brasileiro

Ary Rosa, correspondente do Cinema Brasileiro de "CINEARTE" em S. Paulo, entre Cleo de Verberena, Laes Mac Reni e outras figuras da companhia.

A *Epica Film*, de São Paulo, terminou *O Mysterio do Dominó Preto*. E, apresentando-o, apresentará uma novidade.

Cleo de Verberena, a primeira directora do Cinema Brasileiro.

Ahi estão suas photographias. Verão, nellas, o quão linda e o quão interessante ella é. De nada valeria isso, é logico, se ella so se escondesse atraz da machina, para dirigir. Mas, felizmente, tambem trabalha. E' a primeira figura feminina do film. E, com isto, poderá o publico apecial-a em todo o esplendor da sua formosura.

Orphã, muito cedo, encontrou, casando-se, a felicidade e a união de ideaes que procurava. Pois seu esposo, Laes Mac Reni, principal figura masculina do enredo, soube comprehendel-a e soube elevál-a ao ideal que sempre fôra o melhor sonho de sua vida.

Cinema, em toda a sua extensão, sempre foi seu sonho. Queria realisal-o. Não foi, nunca, como as outras pequenas. Apesar de sufficientemente capaz de arcar com os primeiros papeis, dos films, sentia, nos mesmos, a attracção da sua belleza technica. Procurou conhecer os menores segredos da Cinematographia. Quando assistia um film, Lubitsch Murnau ou Von Stroheim. Eram os nomes que lia antes dos nomes dos artistas do elenco... A direcção. A photographia. Os problemas de luz e de maquillage. Sempre foram os maiores que occuparam seu cerebro sonhador.

E um dia, finalmente, realisou-se o seu ideal. E' verdade que não poucos foram os que lhe propuzeram trabalhar em films. Mas ella só accedeu, quando teve o controle geral do film. E, assim, conseguiu realisar o seu ideal, na integra, Dirigindo, primeiro. E, interpretando, depois.

Já tendo terminado todo o seu desempenho artistico, Cleo de Verberena agora, acaba de terminar as scenas em que figuravam os demais artistas do film.

O trabalho de filmagem. A direcção do film. O seu desempenho. São cousas que a empolgam. Que a fazem sentir a realisação de tudo quanto sonhava realisar, um dia. Embora ache que o serviço de direcção e de confecção de um film, no Brasil, seja penoso, acceita-o com prazer e amor, porque é tudo quanto ambiciona, na vida.

Tem trabalhado dias inteiros e noites todas, até altas horas.

Mulher, antes de tudo, o seu cunho peculiar é a camelia lindissima que sempre traz

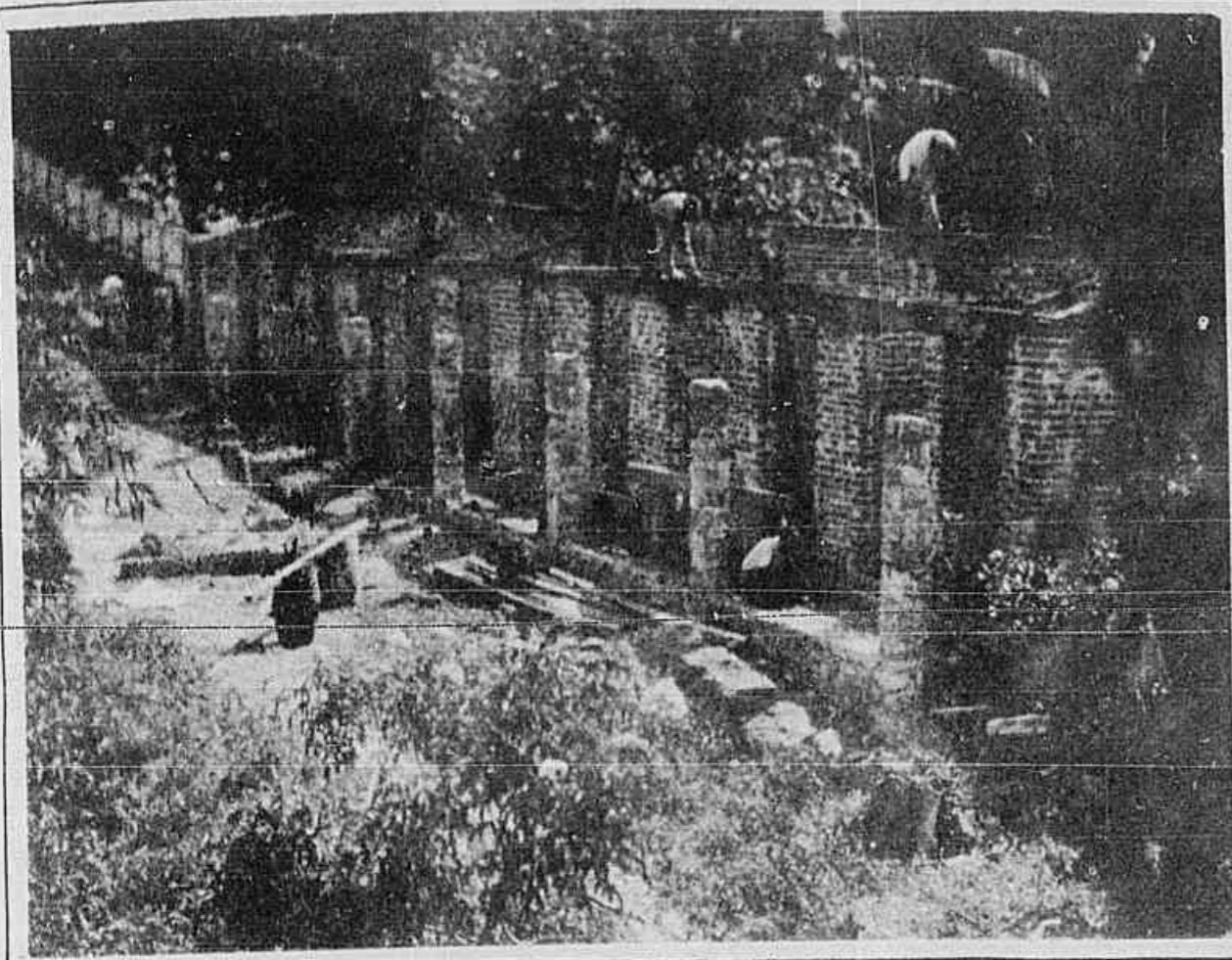
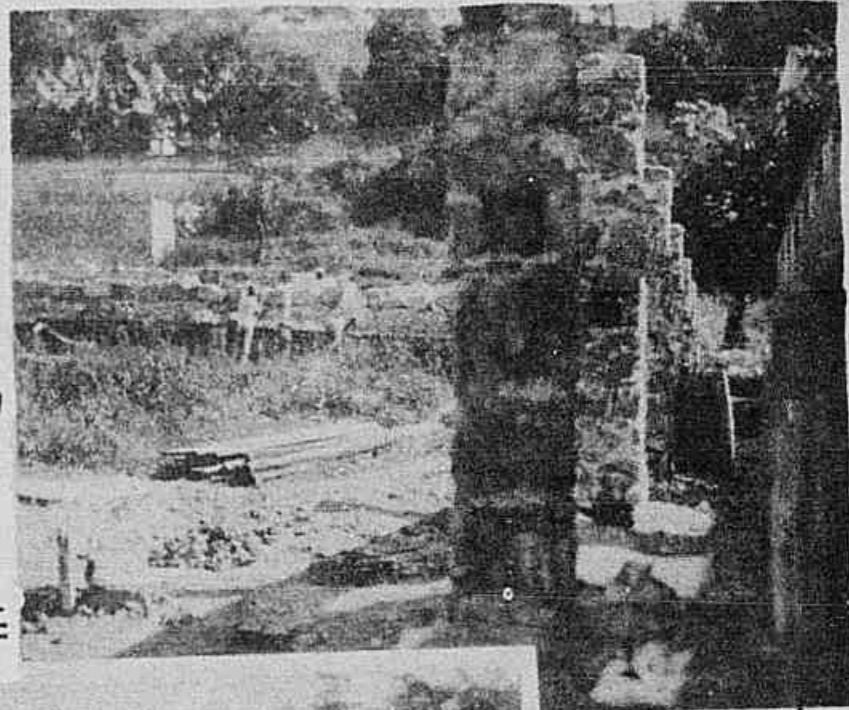
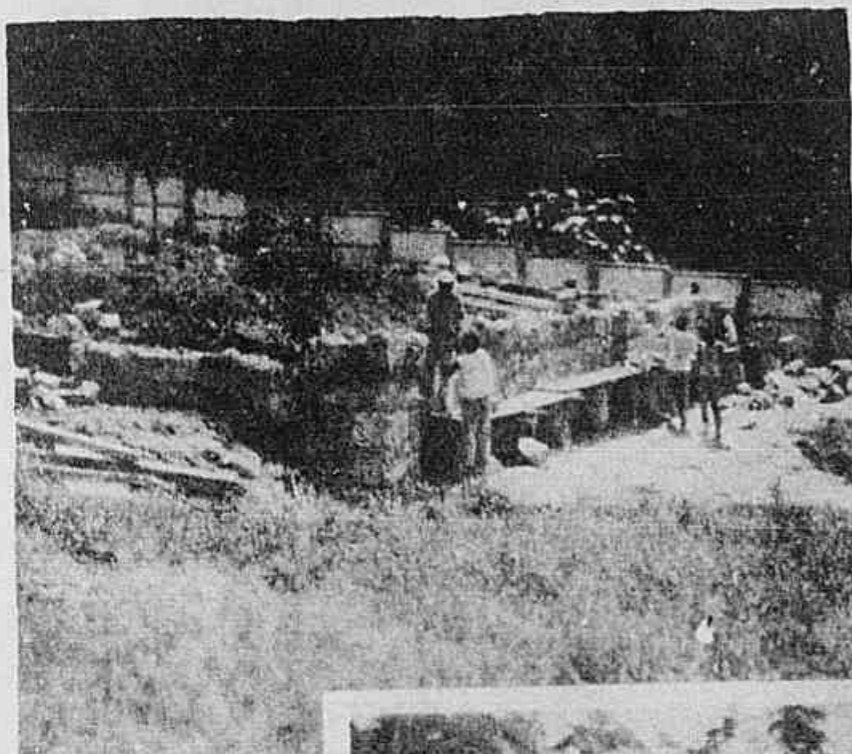
CLEO...

comsigo. Não a abandona. E' pode-se dizer, o seu emblema. Ama-á, como se fosse sua bôa estrella a guial-a pela vida afóra... E quando ella está no Studio ou perto delle, denuncia-a, o magnifico perfume que sempre usa e que sempre a tráe... (com e sem trocadilho)...

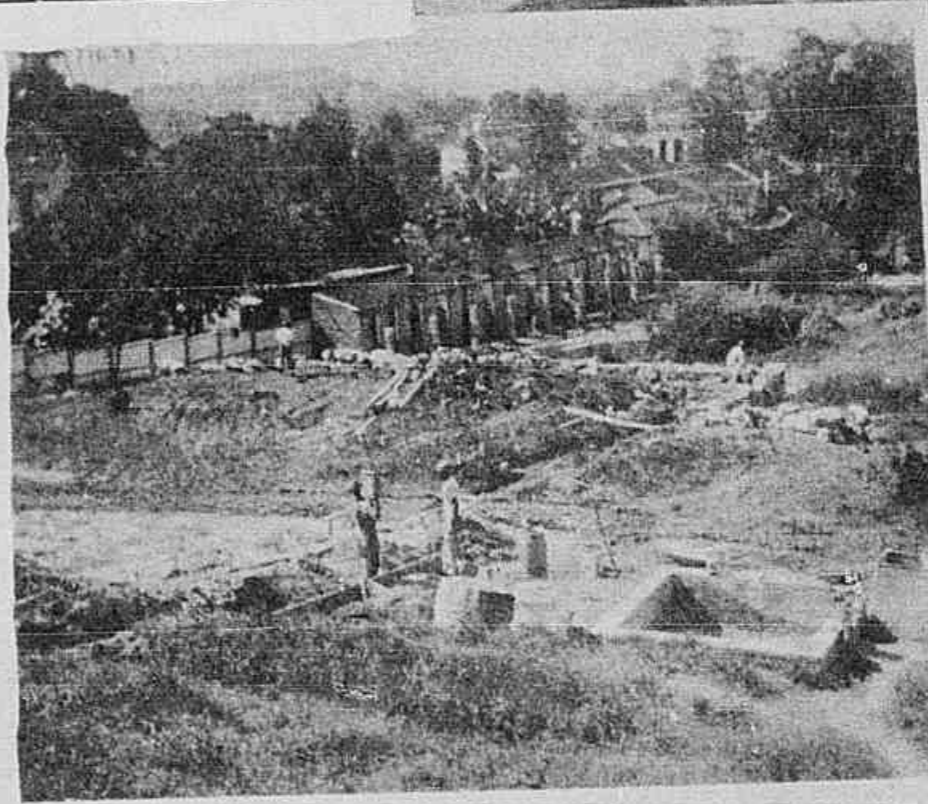
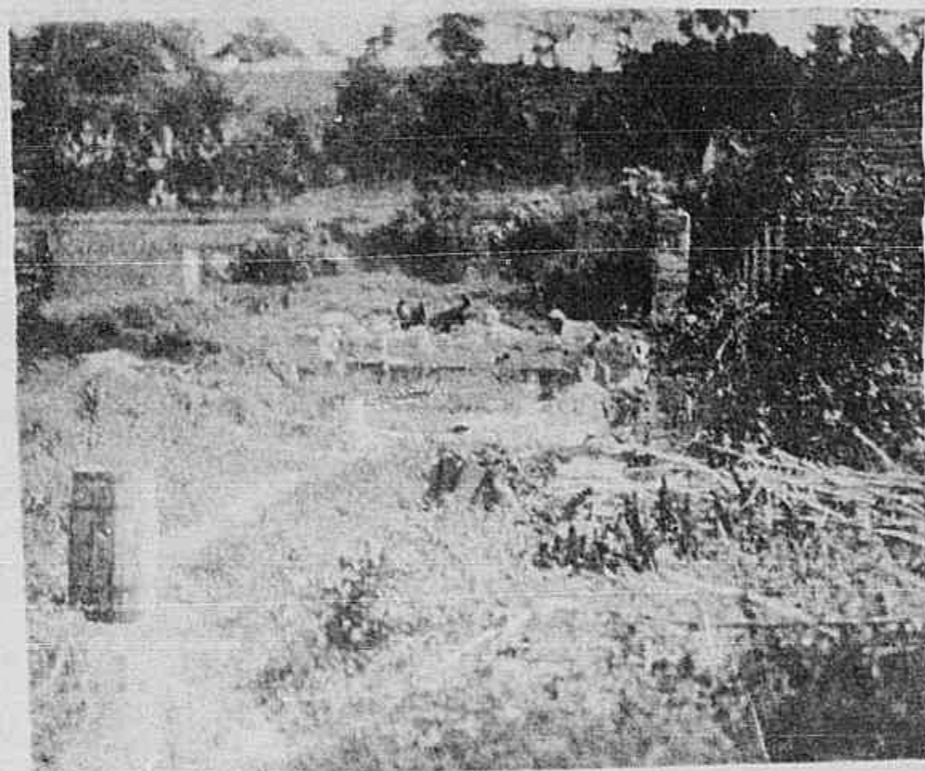
E' vaidosa. Mas vaidosa? Não. E' mulher... O espelho não a deixa. Persegue-a... Cleo tem tanto cuidado comsigo mesma... O seu todo é de mulher aristocratica. Lembra, diante da objectiva, uma Florence Vidor, mulher orchidéa, mais fresca e viva do que a sua flor predilecta, a largar distincção e elegancia pelos detalhes mais insignificantes que a circumdem...

Maquilla-se muito bem. Ella acha, aliás, que é uma coisa simples e sem importancia. Apenas questão de praticar. E fal-a com maestria, diga-se!

Dirigindo, Cleo é de uma exigencia rarissima. Eu a vi em acção. E' esmerada no seu trabalho. Dirige com segurança e firmeza. Muda a *camera* constantemente de posição. Procura, sempre, o angulo mais propicio e mais photogenico. Escolhe as maneiras mais

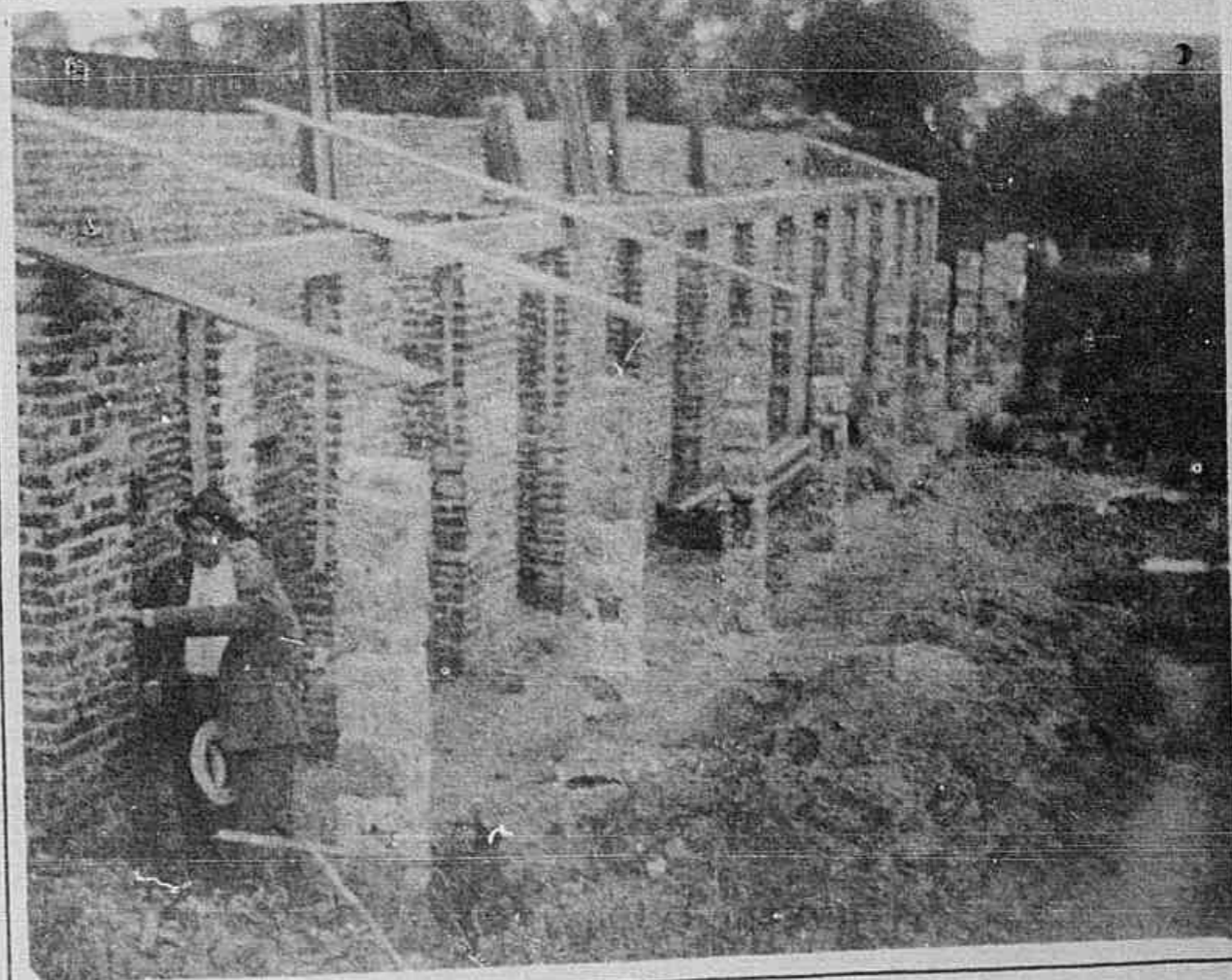
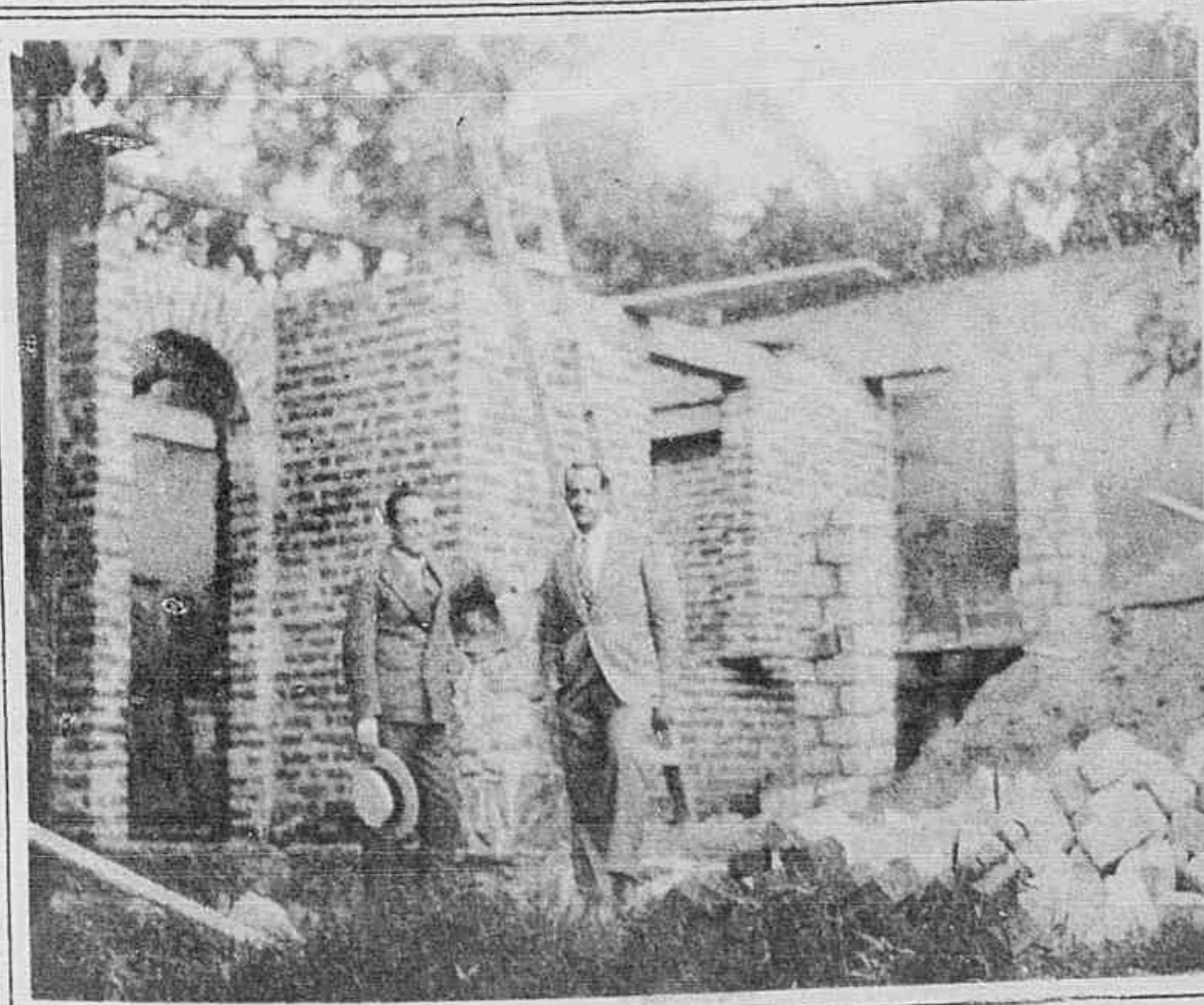
(Termina no fim do numero).

O Cinédia Studio está crescendo!

O bairro de São Christovão vae possuir um Studio.

— o —

Os camarins de Lelita Rosa, Didi Viana, Tamar Moema e...

Ao lado, os alicerces do primeiro grande palco.

—o—

Adhemar Gonzaga e Lincoln Dunham engenheiro constructor e autor do projecto

O desenho animado

SETH, O HOMEM QUE PINTA O SETE, MAS NO CINEMA NUNCA PINTOU "SETS"

O nome do desenhista Seth, que é familiarissimo aos meios de imprensa, tambem ha muito é conhecido do publico em geral. Foi elle o creador do "João Pestana", personagem imaginario de grande pittoresco e que, depois de tornar popular uma revista infantil que tinha o seu nome, sahiu dessa notoriedade para só surgir de longe em longe em alguma publicação esporadica. Poucos saberão, entretanto, que o creador de "João Pestana" foi o precursor do desenho animado, entre nós, e mesmo um dos primeiros artistas que trataram dessa innovação no mundo.

Seth é natural de Macahé... Veio para o Rio muito moço ainda, mas já com o proposito de fazer alguma coisa. Soube ter vontade. Começou por se esquecer elle proprio que se chamava Angelo Marins... Não é um nome commum, assim acompanhado do sobrenome. Mas elle scismou... Preferiu um nome curto, numa só palavra. Escolheu — Seth. Um cartaz. Cartaz psychologico em face da preferencia da nossa gente pelos nomes exoticos. E com elle entregou-se com ardor á composição de outros cartazes, para os outros: para os commerciantes, para os industriaes...

Um dia elle viu no Cinema alguma coisa parecida com uma comedia e cujos protagonistas eram desenhos animados. Lembrou-se de sua infancia. De uns livrinhos como esses albuns não encadernados de photographias com vistas diversas de cidades e que ainda hoje se vendem aos turistas nas casas especialistas. Aquelles livrinhos eram compostos de imagens identicas em posições differentes, que se movimentavam á vista de quem os prendia entre o polegar e o indicador, deixando que as paginas se lhe escapassem rapidamente. Elle chegara mesmo a compôr alguns desses livrinhos com desenhos que se animavam, tecendo curtas historias.

E logo pensou que tambem seria capaz de fazer estes desenhos para o Cinema. Tentou, e o exito foi tão completo quanto o permittiram os meios de que poude dispôr para essa primeira experiencia.

Foi ao tempo da grande guerra o Cinema. Tentou, e o exito foi ser, a figura que contralisava no momento todas as attenções. Guilherme II, sentado em frente a um globo terrestre cobriu-o com o seu proprio capacete, querendo assim significar que tinha a terra sob o seu dominio militar. Mas o Mundo foi crescendo, crescendo, transformou-se num gigante, colheu o Kaiser assombrado e... o enguliu.

Seth recebeu os maiores elogios por esse seu primeiro film, tanto aqui quanto na America do Norte, para onde delle foi levada uma copia pelo nosso collega de imprensa Annibal Bomfim.

Mas o meio aqui não comportava muita coisa nesse genero. Seth venceu o film do Kaiser por 180$000.

E desde então só fez outros — e varios — por encommenda, como propaganda commercial e industrial.

Recordamos essas coisas porque ha pouco, num Cinema de Copacabana, assistimos a um desses interessantes films de Seth, em propaganda do novo systema de telephones automaticos. Trata-se de um film instructivo, ensinando ao publico a "discar"... E ensina de verdade. Tanto assim que desde logo pensamos em procurar o seu autor para perguntar-lhe, satisfazendo certamente á curiosidade dos leitores de "CINEARTE", de que processos usava elle para movimentar assim os seus desenhos.

E logo no dia seguinte procuramol-o em seu attelier.

Seth estava, como de habito, occupadissimo com com os muitos desenhos commerciaes que lhe são encommendados. Mas não nos fez esperar. Attendeu-nos com visivel satisfação e, como homem pratico que dá valor ao tempo, foi logo respondendo á nossa pergunta:

— O publico já conhece, em synthese, como se opera o movimento das imagens, na téla, bem

O Mundo tomando a forma de um gigante para engulir o Kaiser, no primeiro film de Seth.

como sabe que cada metro de film contem muitos quadros; e sabendo, igualmente, que a fita passa com rapidez pelo projector, calculará facilmente que o artista precisa ter a paciencia treinada para substituir-se á machina photographica e executar o maximo de desenhos, afim de obter um minimo de brusquidade nos movimentos. Isto não impede, entretanto, que algumas pessoas me falem ás vezes sobre apparelhagens *mais praticas de animar desenhos,* como dando a entender a possibilidade de inventar-se um apparelho especial para tal fim... Tal absurdo não vale um commentario. Os processos technicos de reproducção, as experiencias de material a empregar, os estudos de luz, os meios de subdivisão e especialização do trabalho entre varios artistas, e, sobretudo, os "trucs" cinematographicos, são elementos, que methodisados, evoluem e, portanto, melhoram e augmentam o trabalho, permittindo ao artista uma producção mais ou menos regular. Mas dar mecanicamente perfeição e alma ao desenho, com o mesmo automatismo e com a relativa rapidez dum apparelho cinematographico, só será possivel quando a sciencia, descobrindo o principio absoluto que anima os organismos vivos, fabricar industrialmente homens artificiaes com intelligencia e espirito...

do Cinema Brasileiro

— E como se procede a respeito nos Estados Unidos? — perguntámos.

— Não sei bem, respondeu-nos Seth. Poucos informes tenho tido com relação ao systema material de que usam actualmente os americanos para fazerem desenhos animados. Mas, com todos os recursos industriaes que possam ter sido introduzidos para melhorar e facilitar o trabalho, no caso dos desenhos animados, não ha fugir á base capital: desenho sobre desenho, estabelecendo a successão dos movimentos, e tantas imagens quantas forem necessarias á perfeição das attitudes determinadas pela observação do artista. Fóra disso, só ha elementos secundarios, de ordem technica, e recursos limitados de "trucs". Para se ter uma idéa do quanto é ingrato e exhaustivo este genero, basta dizer que na propria America do Norte poucos são os artistas que se têm dedicado ao assumpto. Creio que fui eu o unico artista brasileiro — e não vae nisso nenhuma pretensão da minha parte — que conseguiu durante algum tempo produzir systematica e seguidamente alguma coisa no genero. E de que forma? Applicando-as á propaganda industrial. — E quando iniciou essas suas experiencias?

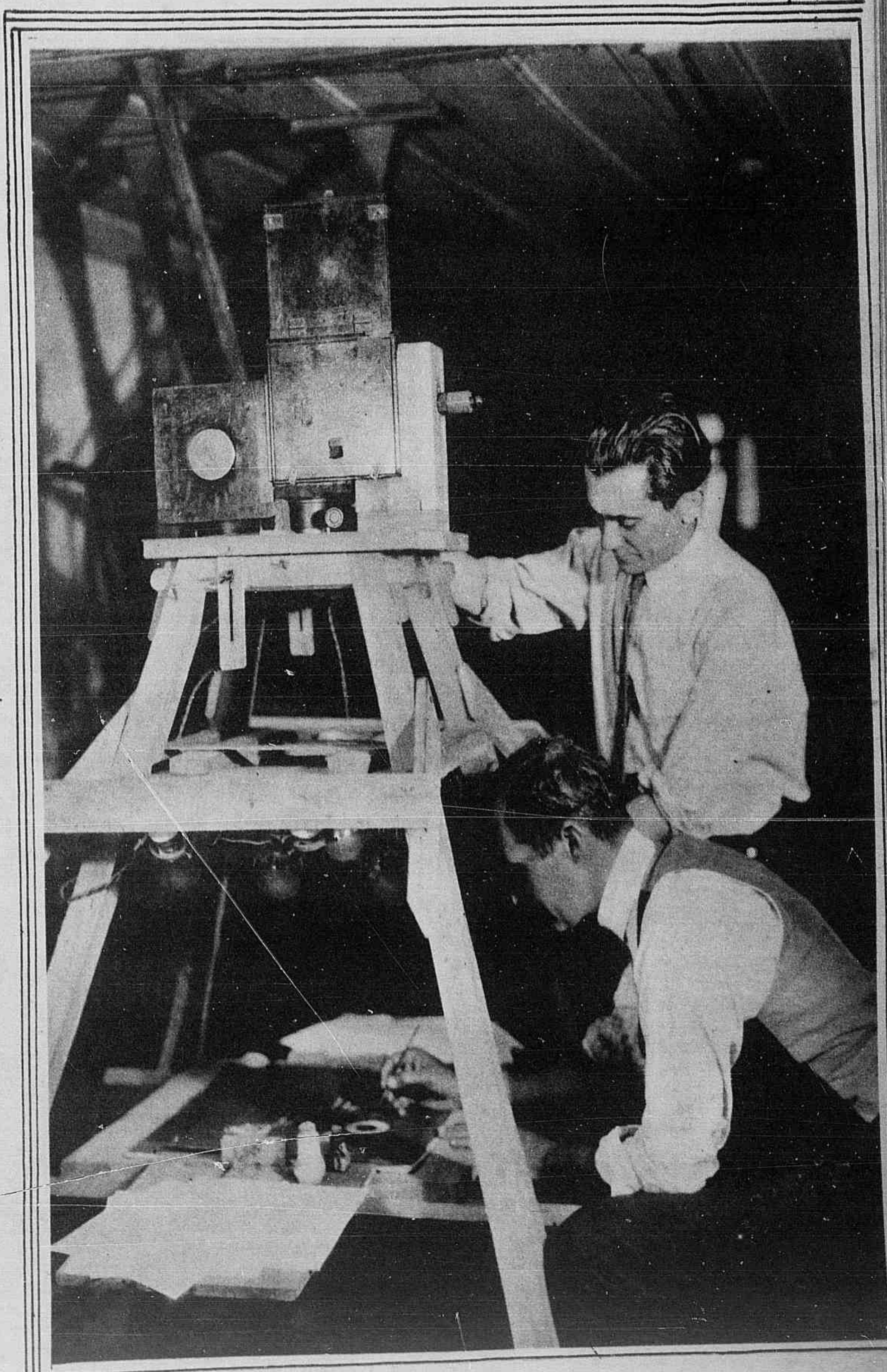
— Ahi pelo anno de 1917, mais ou menos, passando o meu primeiro film, o do Kaiser, no Cinema Pathé. Não tenho que me queixar do exito que, se foi nenhum pecuniariamente, confortou-me, entretanto, moralmente. Explica-se. Esse genero de Cinematographia era raro, e as idéas que apresentei, relativas á guerra e ao ex-Kaiser, eram opportunas. Até então, se me não falha a memoria, só um film satisfactorio, em desenho, fôra apresentado, annos antes, pelo Cinema Parisiense. Era de um conhecido caricaturista americano, cujo nome não me occorre no momento, e fazia-o como experiencia.

— E não fez outros films, recentemente?

— Depois dessa tentativa só cuidei de fazer reclames. Fiz varios e passei-os no antigo Odeon, num jornal cinematographico semanal creado por Elisiario da Silva. Só então, pouco depois, surgiram os conhecidissimos *Mutt e Jeff*, de Bud Fisher, e o admiravel gato *Felix*, notavel pela perfeição technica de naturalidade dos movimentos, ainda não excedida, mesmo, a meu ver, pelo actual *Tony-Tinta*, apezar dos effeitos novos e muita originalidade de apresentação empregados pelo seu autor.

O caso do film demonstrativo da theoria do funccionamento do serviço telephonico automatico, é differente. Tratava-se de tornar mais claro um mecanismo complexo, onde predominam linhas rectas, legendas, signaes e numeros conjugados em movimentos que dêem harmonia e comprehensão de conjuncto do quadro. No genero, foi o mais exhaustivo trabalho que tenho tido, attendendo á sua compelxidade, pois demandou, só para a sua organização e roteiro de producção, quasi uma semana. Nisso muito me ajudou o meu auxiliar Alfredo Gomes, que me acompanha sempre em trabalhos desta ordem. A filmagem, feita com o

(Termina no fim do numero).

Seth compondo um dos seus films tendo João Stamato como operador.

O Villão de "A's Armas!"

(De Octavio Mendes)

Quando se discutia, no inicio, a escolha de diversos elementos para o elenco de "A's Armas!", havia, bem perto de nós. E, por isso mesmo, não chamando a attenção devida. Porque, coisa interessante, não prestamos muita attenção á photogenia dos nossos amigos... Um, que era um typo attrahente, vistoso e excellente para o papel de villão, o Lauro, voluntario que se acobertava da policia sob a farda do exercito...

Afinal, mesmo bem antes de se começar as suas scenas, Nilo Fortes, o tal rapagão de que falei, já era um auxiliar de grande valia. Sempre se achava disposto. Sempre desejoso de auxiliar. E, longe de ser como outros, que queriam até que maquillados fossem... Auxiliava tudo e todos. Chegando, mesmo, durante a filmagem das scenas da estação, a scena de mais movimentação do film, a empurrar carrinhos de linha, com a machina e o operador. E a auxiliar a distribuição de *lunch* aos extras e demais cousas. Nunca se poupou. Era o primeiro a dar a nota de maior dedicação e bôa vontade.

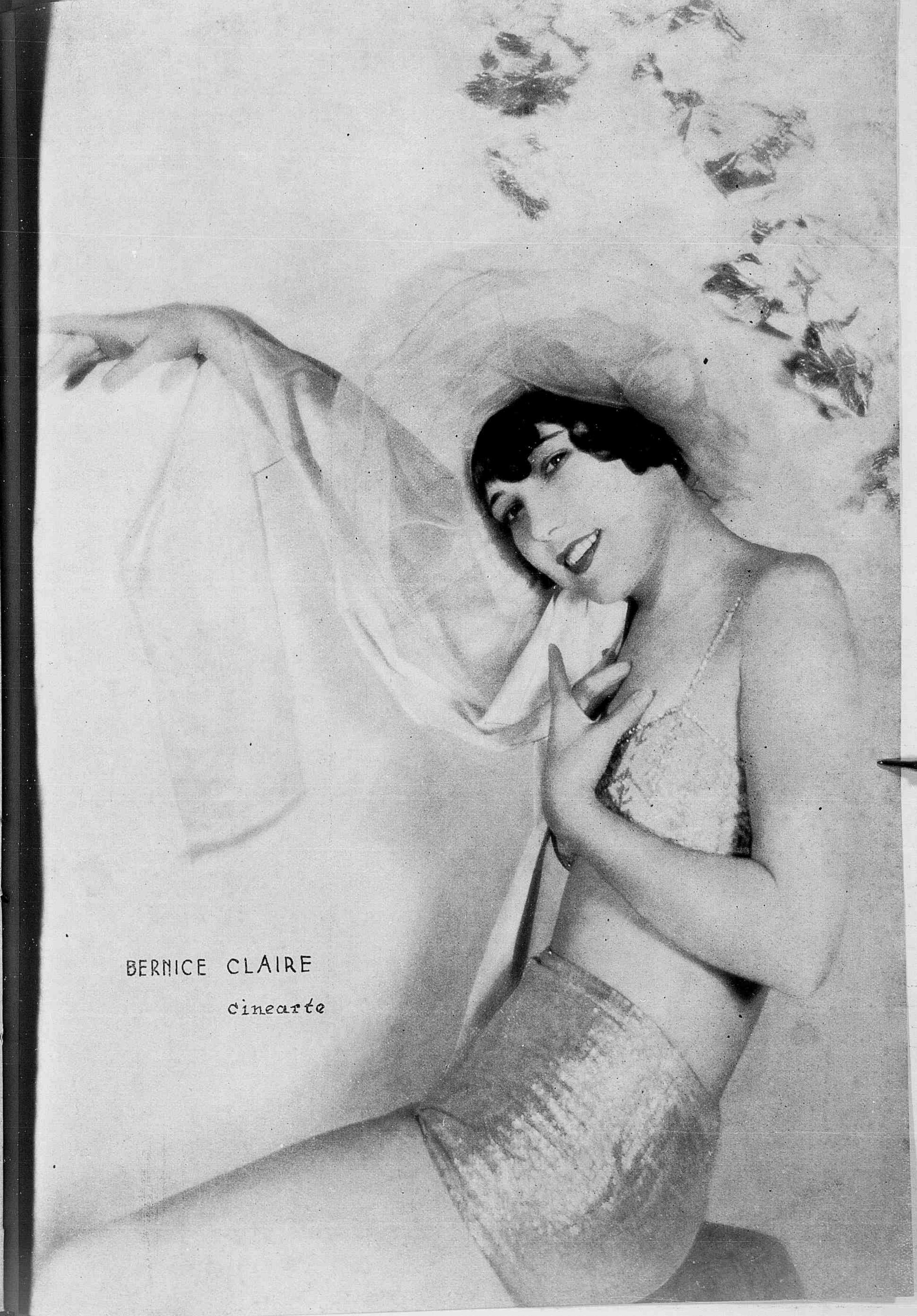
Sendo, como é, um rapaz da melhor sociedade paulista, representou o seu papel, no film, por genuino amadorismo. Deixava o seu consultorio. E, esquecendo-se do seu dever, ás vezes, ia para as filmagens, pontual e firme, todas as vezes que era requisitado.

Nilo é assim um typo para papeis genero Ben Bard. O seu bigadinho é irritante. O seu todo é sympathico. E, assim, deu, logo que pela primeira vez se maquillou e appareceu defronte á lente, provas de sobra de ser um elemento esforçadissimo. Nunca teve a menor pratica em cousas de palco. Apresentou-se, para o film, como Gary Cooper. Sem nunca ter aprendido representação. E, por isso mesmo, é a figura masculina do film mais em evidencia. De excellente bôa vontade, não se importava com a repetição de scenas. Quantas e quantas vezes não me vi forçado a fazel-o representar uma, duas, tres e quatro vezes a scena. Mas elle apenas se zangava comsigo proprio é, afinal, quando chegamos aos ultimos dias de trabalho, não era mais necessario. Bastava que lhe explicasse o que queria e elle promptamente accedia e realisava com a maxima perfeição a expressão pedida. Eu gostava do Nillo, porque elle aliava ao seu gosto pelo trabalho, um senso humoristico profundo. Na ida, durante o descanso, na volta. Sempre nos divertiamos Faziamos as melhores brincadeiras. Contavamos os casos mais engraçados. E nos divertiamos á valer. Nilo sempre foi um companheirão. E talvez por isso mesmo. Que não nos tivesse chamado a attenção desde o inicio.

Quem o indicou para o papel, foi Joaquim Garnier, o productor do film. Eu, assim que reparei bem nelle, acheio, de facto, muito bom para o que queriamos. E, assim, quando entramos pelas filmagens da parte militar do film a dentro, já ha muito que era elle o escolhido.

Nilo confessou-me, um dia, que não sonhou e não esperou, nunca, trabalhar para o Cinema Brasileiro. Que o fazia por curiosidade. Mas que levava o seu trabalho a serio, por que apreciava muito a Cinematographia. Elle é occupadissimo, fóra das horas de trabalho... Imaginem, que, de uma feita, emquanto conversamos, no interior do Studio, elle foi para o escriptorio e, trabalhador incançavel, como é, ficou duas horas, contadas a relogio, falando ao telephone com uma voz feminina muito doce e suave que pedira, quando attenderam ao apparelho, que chamassem "o bigodinho que entrara ali agora mesmo"... Occupadissimo, não acham?

Elle gosta muito de Cinema. Os dramas violentos, em que entram os typos reaes, da vida, são aquelles que o empolgam. Por isso que typos como George Bancroft são justamente aquelles que elle aprecia. Mas, an-

(Termina no fim do numero).

Nilo numa scena de "A's Armas!" com Mechita Cobus.

NORMA TALMADGE

Cinearte

BERNICE CLAIRE

cinearte

ARMIDA
Cinearte

JOAN CRAWFORD

Cinearte

SE EU TIVESSE UM FILM FALADO DE VOCÊ... EU O EXHIBIRIA SEM FALA... OS SEUS OLHOS JA' DIZEM TANTO... E EU JA' A AMO EM SILENCIO...

BETTY COMPSON

homens!...

Maurice Chevalier... *Innocentes de Pa-*... *Alvorada de Amor*... Está apresenta-, não é? Elle vae falar das mulheres. E' ıncez. Parisiense, tambem. Está apresen-lo, não é?...

Mas nem sempre os parisienses são aquil- que os detalhes de Lubitsch mostram den- de uma gaveta cheia de ligas e armas de ;o...

Ouçamol-o.

— Não sou um homem das mulheres.

— Não me deviam pedir para falar dellas. bem pouco a este respeito. Não quero ser ı *grande amoroso*. Eu não o sou.

— Tambem não me importa ser tido co- profundo conhecedor de mulheres. Nem toridade quero ser neste ramo.

— Jamais dediquei dias de minha vida a :udo particular e particular conhecimento sexo... perigoso.

— Tenho muitas outras cousas em que pensar. Outras a fazer. Outras a considerar. Não posso perder tempo...

— Não dediquei minha vida ás considerações do amor.

— Não dediquei minha vida ás considerações sexuaes.

— Já ha muita conversa e muitos pensamentos de gente de letras e de gente celebre. Sobre esses dois assumptos...

— Sei que o amor e o sensualismo dos sexos são uma grande percentagem da vida. Uma percentagem de 99% para uns. Para outros, 10%... Eu?... 40%!

— Existem outras cousas na vida além dessas. Existem pequeninos detalhes humanos, pelos quaes vivemos e pelos quaes lutamos. São pequeninos nadas que nos entram pela vida para formarem um todo grande e poderoso...

— Não quero ser um substituto de Valentino.

— Não quero que me conheçam pelo meu *it* sexual.

— Não poderia ser assim, mesmo que quizesse.

— Não tenho a apparencia pessoal necessaria para isso. Seria o mesmo que me pedisse que lhe cantasse uma opera. Faria malabarices com a voz. Mas conseguiria, pol-a a altura de um Gigli?... O mesmo seria se eu tentasse ser um sheik. Não conseguiria por mais turbantes e pannos que me enrollassem á cabeça...

— Já disse e repito. Quero agradar a todos os povos. O que fiz em Paris, faço aqui. O publico americano já me entende. Já sabe quem sou. Sei como cantar para elle. Como representar para elle. Como para elle falar.

— Mas não é somente para as mulheres que falo, canto e represento. E' para os velhos. Para os moços. Para as creanças. Para todos, emfim! E o agrado, eu quero que parta por ser eu Chevalier e não um *grande amoroso* ou um *sheik*...

— As mulheres não são um problema na minha vida. Não sou aquillo que vocês chamam de *piratas*.

— No meu mundo, as tentações são innumeras. Mais talvez do que pensem. E, ás vezes, mesmo, é difficil controlal-as...

— Não creio no codigo da honra. Sôa muito bem. Mas a vida não o comporta. A vida é muito complicada. As cousas acontecem, pela vida a dentro, mudando nossos pontos de vista e transformando todos os codigos da honra...

— Creio que os homens são tão leaes para as mulheres quanto ellas para os homens.

— Mas tambem creio que o codigo da honra para ellas seja sempre mais pesado do que para elles.

— Já vi mulheres intelligentes e de caracter, encontrarem, na vida, o homem que lhes convinha. E já as vi, pela vida afóra, esconder este amor immenso sómente para não ferir outros innocentes que ás prendiam á deveres do codigo da honra...

— Nestas cousas eu acho que as mulheres e os homens são iguaes. Não existe differença entre elles.

— Um homem pode amar uma só mulher a sua vida toda. E uma mulher tambem pode amar um homem só a vida toda. Considerando-se que ella lhe dê sympathia e entendimento. São duas cousas que um homem precisa ter de uma mulher. São mais importantes do que a belleza do rosto. Assumpto barato nesta questão capital.

— O amor, para o homem, é tão importante quanto para a mulher.

— As mulheres, para os homens, são tão importantes quanto elles para ellas. E' importancia mutua. E' um dá cá, toma lá.

— O amor só não é importante para esses que chamam de *piratas*. Para estes, é um ligeiro divertimento.

— Os verdadeiros amorosos deste mundo, são aquelles que fazem de um ente só o perfeito namorado...

OS EUROPEUS SÃO MELHORES AMANTES. MAS OS AMERICANOS SÃO MELHORES MARIDOS — DIZ LILY DAMITA.

Mulheres!...

— As mulheres importam-se com os homens que sejam mais fortes do que ellas.

— As mulheres, com os labios, affirmam que querem os homens que possam governar. Mas, com os corações, pedem aquelles que as dominem...

— Existem mulheres que se sentem felizes em aprofundar as suas vidas pela carreira dos homens que amam. São as melhores esposas. Existem outras que não entendem isso e nem fazem por entender. Estas nunca deveríam acceitar um annel de casamento.

— Não ha differença de Paris para a America. Ha lá, como aqui, o movimento das mulheres pela liberdade. Pelos direitos individuaes. Pelos direitos dos homens. Não creio que isto dure por muito tempo. O pendulo desse relogio de novidade, subiu. Mas elle tem que descer e voltar ao que era...

— O que importa é a felicidade. Para homens e mulheres. Tendo-a, nem se lembram mais de direitos iguaes e nem de modernismos inuteis...

Para mim, a qualidade principal na mulher é a feminilidade.

— Deve ser feminina de cerebro e corpo.

— O instincto da mulher é muito mais apurado do que o do homem. Se ella o usasse como devia, seria bem succedida sempre. Isto a ensinaria a crear uma intelligencia feminina...

— Acho que uma mulher intelligente pode se comparar a um homem intelligente. Em casos individuaes. Mas, em caso geral, sempre achei que os homens são mais ponderados e mais assentados nos seus pensamentos do que as mulheres.

— Não dou a menor importancia á mulher intelligente que a todo momento quer dar mostras da sua intelligencia. Se ella o fosse, realmente, não mostrava. Os homens não podem supportar as mulheres que saibam mais do que elles.

— Encontrei, na minha vida, um casal apenas de intelligencia igual, carreira igual, felicidade igual. Mary Pickford e Douglas Fairbanks. Estou passando uns tempos com elles e sei o que estou dizendo. Elles são felizes, na mesma vida que levam, porque encontraram o nivel da balança. A igualdade de intelligencia faz com que um sempre auxilie o outro.

— A mulher deve sempre moderar o emprego da sua força. Mary Pickford é moderada. Ella não faz esforço para mostrar que é intelligente. Tem intelligencia. Apparece ella em cousinhas pequeninas. Mas ella sabe dosar perfeitamente a intelligencia com sua feminilidade.

— A maioria das mulheres que me escrevem, como *fans*, são intelligentes.

— Não me escrevem, em geral, cartas cretinas. Não escrevem, como se escrevessem á um amante que despresa. Escrevem-me como se escrevessem a um amigo que conhece melhor a vida e que talvez as possa auxiliar a vencer uma etapa difficil.

— A mulher americana é muito mais franca, no que faz e no que sente do que a mulher franceza.

— Se a mulher americana sente attracção por um homem. Olha-o, olhos nos olhos. E fala, labios nos labios. Não pode haver duvidas. Jamais affectam aquillo que não sentem. E não occultam aquillo que as faz vibrar.

— A mulher franceza é mais subtil. Ella esconde justamente aquillo que a mulher americana revela...

— Como homem, direi ás mulheres. "Não se mostrem demasiadamente como são. Finjam um boccado. Porque os homens não entendem muito bem as franquezas excessivas"...

— Não ha homem que não aprecie a perseguicão antes da conquista. Elles gostam de julgar que foi uma conquista difficil que cedeu ás suas artimanhas astutas.

— Encontrando uma mulher franca, sincera, expontanea. Que acceite rapidamente o seu affecto. Pensará elle. "Mas a felicidade que ella me dá, não dará a outros, depois?"...

— Emquanto não as conhecem, muito e muito bem, os homens sempre suspeitam das mulheres.

— E' o instincto de defesa agindo. Antigamente eram guardadas em cavernas e os rivaes eram esperados a porrete. Agora, não. Guardamol-as nas cavernas do cerebro e conservamos os rivaes a distancia com os porretes das nossas constantes suspeitas...

— Os homens gostam das mulheres indecifraveis periodicamente. Acabam se aborrecendo. Porque não ha nada para uma felicidade como uma mulher que inspira absoluta confiança.

— A amisade platonica não existe. E' amor sob cinzas.

— Um homem attrahente e uma mulher bonita não se podem fazer confidencias por muito tempo sem se amarem. Se isto não se der é porque, com elles, ha qualquer cousa errada...

— Não creio que as mulheres apreciam o homem que beija a mão...

— Sei que muitos homens pensam que é disto que "ellas" gostam. Mas é pura illusão...

— Já vi francezes beijando a mão de infinidade de mulheres. Aquillo me envergonhou, confesso, porque não creio que em casa, com suas esposas, sejam elles os mesmos... — Penso que as mulheres amem os homens simples, sinceros e honestos.

— Penso que os homens prefiram as mulheres intelligentes, attrahentes e sympathicas. Uma mulher de cerebro ôco e corpo cheio, não pode ser a felicidade de homem algum. Não ha nada peor do que falar á uma mulher que é como o éco. Apenas responde a mesmo cousa que se disse...

— Mas nada sei das mulheres...

— Desculpem-me o pouco que disse.

—O—

Agora, ouçamos Lily Damita. Sim, a francezinha endiabrada que já botou mais principes allemães malucos do que vinte e cinco guerras de 5 annos...

— Os homens?... Homens?... Ah! Sei! Os homens! Bem, vejamos...

— Eu gosto muito delles. Mas muito! Tenho disto a plena certeza.

— E' logico que prefiro uns a outros. Gosto mais destes do que daquelles. E tenho tambem aquelles que são os meus typos. Presentemente não ha nenhum nas minhas cogitações. E' muito difficil encontrar-se um homem que possua todos os attributos variados que a mulher procura.

— Era preciso que houvesse amisade. Profunda affeição. E attracção physica. Alguns homens possuem uma dessas qualidades. Outros, têm duas. Mas são raros os que reunem as tres, nelles proprios... E isto é o diabo!

— As mulheres podem ser attrahidas por um homem, a principio, pelo seu perfil. A belleza, para o homem ou para a mulher, é como a vitrine de uma loja...

(Termina no fim do numero).

JA VI MULHERES INTELLIGENTES E DE CARACTER, ENCONTRAREM, NA VIDA, O HOMEM QUE LHES CONVINHA. E JA' AS VI, PELA VIDA A F Ó R A, ESCONDER ESTE AMOR IMMENSO PARA NÃO FERIR OUTROS INNOCENTES QUE AS PRENDIAM A DEVERES DO CODIGO DA HONRA... DIZ CHEVALIER.

Ilha

(THE MYSTERIOUS ISLAND)

Ha muito tempo que Hetvia vinha sendo dominada pelo jugo pesado da oppressão.

Todas as esperanças, juntas, rezavam um nome só.

Conde André Dakkar.

Patriota e scientista.

E tinha um segredo. Um submarino que elle, escondido e apenas auxiliado por sua irmã, Sonia e seu noivo, Nikolai, aperfeiçoava.

O dia ambicionado chegou, afinal. O Barão Falon era o unico que faltava chegar para que as primeiras experiencias fossem feitas com o soberbo mechanismo.

Mas o Barão Falon não era da sympathia de Sonia nem de Nikolai...

Combinam as experiencias.

— Irei eu!

Dakkar não quer.

— Irei. Porque se fracassar, ficarás para continuar á causa santa...

Concordam.

A trahição ali estava. Se elle estivesse esperando pela opinião de Falon, não teria ido. Mas foi. Segundos depois, apenas submergira e se afastara, já os hussars capturaram tudo que havia na ilha e Dakkar e Sonia tambem...

— Virá elle e se deixará prender?...

Perguntou Dakkar baixinho a Sonia. Era o seu unico temor. Se elle viesse e deitassem mãos ao seu invento...

Mas Nikolai não veio. Ou antes. Veio, sim. Mas percebeu os soldados do opressor. E afastou-se.

Tudo ali passou a ser ambiente de terror. Elles se apoderaram de outro submarino que apenas esperava experiencias do primeiro para ser lançado. Tinham Dakkar e Sonia presos. Nada lhes parecia sorrir.

E Nikolai, por sua vez, embora fizesse tudo para arranjar um plano de livrar sua noiva e seu protector...

Nada lhe vinha ao cerebro! Nada!

De um salto Sonia escapou dos braços que a seguravam. Alcançou a porta que a separava da sala de radio. Fechou-a.

E, num segundo, emquanto os homens forçavam a entrada, transmittia ella a noticia de toda a infelicidade a Nikolai, a bordo do submarino.

Não conseguiu terminala. O ultimo arranco e o ultimo esforço arrebentaram a porta e, num instante, cortando todas as ligações e arrancando-a do manipulador, deixavam Nikolai absolutamente aterrado e completamente derrotado em todas as suas esperanças...

Elles soltaram Dakkar. Fal-o-iam isca... E Nikolai traria o submarino.

Prenderam Sonia. Puzeram-na, amarrada, na praia.

Mysteriosa

E elles, de facto, vieram. Quando se approximavam e um soldado que lhes era fiel procurava salvar Sonia, os canhões feriam o costado do submarino que ia a pique.

Nikolai, Sonia e Dakkar correm. Alcançam, num lance, o interior do segundo submarino. Salvam os prisioneiros que ali se acham. Mas era tarde. Falon, auxiliado por seus homens, tambem cahia no bojo do submarino. E, no interior da nau, fere-se uma luta medonha. Parte dos homens de Falon são destruidos por uma granada de mão que Sonia lhes atira. E, assim, emquanto Falon luta desesperadamente para conter o submarino que já começa a afundar, tambem, pedram as cousas e o navio vae ao fundo...

Ao attingir o primeiro submarino o fundo do mar, são atacados os seus tripulantes por um povo minusculo e hostil que habita aquellas paragens. Assustados, fogem todos á approximação de um monstro marinho. Mas Dakkar, attento, atira-lhe um torpedo e destróe-o completamente.

O pequenino povo assombra-se. Nunca pensaram que aquillo fosse possivel. Tomam o submarino como cousa divina e Dakkar como enviado celeste.

Saudam-no com as reverencias mais exaggeradas. E, em sua honra, preparam, ali, o que ha de melhor.

Ao chegar o segundo ao fundo, Falon discute se não será possivel concertar o apparelho com peças do primeiro.

Sonia tenta convencel-o da innutilidade daquelle plano. E, arguta, propõe-lhe ir sózinha e trazer o que elle pede.

Mas Falon não lhe da credito. E, sem que ella o veja, segue-a a distancia, com alguns dos seus homens.

Na faina de procurar Sonia, Falon não viu Dakkar, que, atraz delle, encaminhava-se.

Atracam-se. Reconhecem-se, pela pequenina vizeira do escaphandro. E lutam.

A luta é tremenda. Sem treguas. Mas Dakkar consegue rasgar a roupa de Falon, e, assim, mata-o.

Ao sentir o cheiro do sangue de Falon, os pequenos habitantes do fundo do oceano, excitam-se. E sem que o chefe os possa mais conter, atiram-se á um combate de morte contra todos os seres humanos que ali se acham.

Todos se recolhem ao submarino segundo. Sonia colloca-lhe a peça que falta. E quando se preparam para emergir, notam que Dakkar traz um ferimento mortal.

Sáem Escondidos, immersos ainda, approximam-se da Ilha Mysteriosa. Os hussars montam guarda. Mas não se apercebem da chegada dos nobres de Hetvia que, num golpe inesperado e rapido, retomam a Ilha Mysteriosa, entregando-a a direcção de Dakkar.

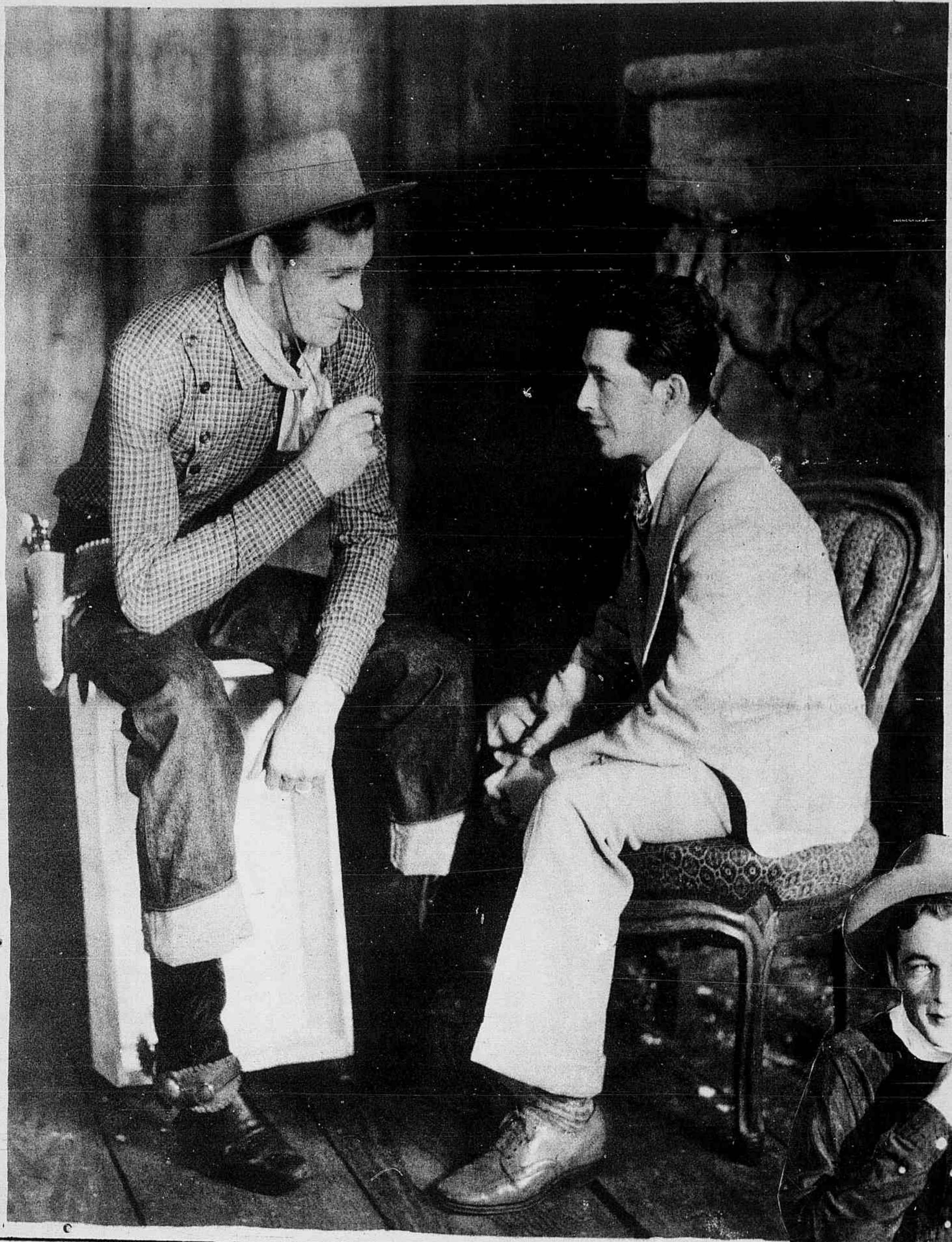
Elle conta ao povo, reunido, que é a liberdade que conquistaram. E, aprendendo o que podia advir do seu invento, pelo exemplo que lhe trouxera a trahição de Falon que ambicionava a gloria a custa daquellas machinas infernaes, elle manda que se destrua toda a base da Ilha e, junto com ella, todos os seus segredos de machinas.

(Termina no fim do numero).

FILM DA M. G. M.

Lionel Barrymore	*Conde André Dakkar*
Jane Daly	*Sonia*
Lloyd Hughes	*Nikolai*
Montagu Love	*Falon*
Harry Gribbon	*Mikhail*
Snitz Edwards	*Anton*
Gibson Gowland	*Dmitri*
Dolores Brinckman	*Teresa*

Director: — Lucien Hubbarb

Eu

lho de Montana. (Aviso, já, que Montana é um Estado e não uma senhora!) Não o conhecia ainda, pessoalmente. Era justo que o trouxesse para a curiosidade dos *fans*.

Encontrei-o cavalgando um animal bonito. Refilmava, naquelle *set*, *trechos* de *The Texas*, o seu mais recente film, que haviam sido mal gravados, anteriormente.

Esperei.

Acabaram a lenga lenga. Levaram o animal. A camera. Dispersou-se o grupo. Ahi apresentaram-me ao filho do tal Estado da America do Norte.

— Muito prazer em conhecel-o, Mr...

— Marinho!

Atalhei, rapido.

— Bem, vamos ao meu camarim. Lá temos tempo para conversar, emquanto mudo-me. Preciso ir á cidade.

GARY COOPER E L. S. MARINHO, REPRESENTANTE DE "CINEARTE" EM HOLLYWOOD...

Todo homem tem, na vida, seus momentos de indecisões. Eu não sou indeciso. Quando penso, faço logo! Talvez com medo de me arrepender, logo depois... Tudo resolvo assim. Menos sobre o que devo almoçar ou jantar. Porque ahi, é logico, penso e maduramente...

Duas vezes, esta semana, fui atacado dessa molestia que reputei, acima, geral. A indecisão. Quando resolvi assistir a execução de um condemnado á pena maxima. E, quando, preterindo o almoço com Olive Borden, resolvi entrevistar Gary Cooper.

Vocês o que preferiam? Olive ou Gary? Já sei... A leitorazinha inveja-me ao lado de Gary Cooper... E o leitor amigo, censura-me: "seu cretino! Deixe os barbados! Vá falar com a Olive querida do coração da gente..."

Não é?

Sobre a execução do condemnado, falarei mais tarde. Mas sinto frio pela espinha, cada vez que penso.

Sobre Gary Cooper... Vou falar agora.

Estive em duvida. Olive ou Gary. A duvida partia principalmente porque Olive é... Bem! Mas eu resolvi ir falar com o fi-

comversei com Gary Cooper...

— All right! Caminhando, lado a lado, pareciamos ponto de exclamação. Sim. Elle era o risco grande. E eu o ponto pequenino...

Entramos pelo seu vasto camarim e elle já me foi apresentando ao seu pae, um senhor sympathico e encanecido. Tão camarada que, deixe que lhes diga, no dia seguinte encontrei-o no bonde e elle já me cumprimentou amavel e risonho, como se fosse meu velho camarada.

A primeira cousa que me feriu a vista, foi uma photographia de Lupe Velez sobre a sua mesa de trabalho.

Havia ali um mappa do seu estado. (O tal Montana!) Uma victrola. Discos hespanhóes. Revistas e jornaes. Outros retratos. Tres aguias nas paredes, palpites constantes para os olhos de brasileiros que ali se acham e que não podem jogar no bicho... E demais dependencias.

— Sente-se, Mr. Marinho. Esteja a vontade.

— Gracias, Mr. Cooper.

Elle me olhou e, sem querer, olhou o retrato de Lupe. Depois sorriu...

— Seu magazine estampou meu retrato na capa, não foi? Eu lhe fico muito grato, Mr. Marinho. Comprei um exemplar á porta do Henry's.

Fiquei todo de peito crescido e botões arrebentando...

— Onde é impresso?

— Rio de Janeiro, Brasil.

— Então é Brasileiro?

— Yes...

Respirei aliviado. Finalmente! Um yankee que sabia da existencia do Brasil! E' verdade que Von Stroheim tambem sabia. Mas Von Stroheim é austriaco... E elle, Gary, não sabia só isso, não. Sabia que no Brasil fala-se brasileiro. Que o hespanhol aqui é lingua estrangeira. Que o Rio é uma das mais lindas cidades do mundo. E que muito a desejaria conhecer.

(De L. S. Marinho, representante de "Cinearte" em Hillywood)

— O Brasileiro é muito differente do hespanhol?

— Não. Sabendo-se uma, comprehende-se a outra, fatalmente. Já fala hespanhol...

— Não. Apenas algumas palavras... Yo te amo, por exemplo...

E tornou a olhar para os lados da photographia quente da mexicana de fogo que elle com certeza quer muito bem...

— Estou aprendendo hespanhol. Depois terei prazer immenso em aprender seu idioma. Acceita ensinar-me?

— Ora, Gary, é logico que isto só me dará prazer! Mas... Desculpe-me! Como vae Lupe Velez? Amando-o cada vez mais?

A phrase, assim, rapida e directa, fel-o olhar-me. Depois sorriu e, pensando numa figurinha ardente, longe dali, respondeu, tirando uma baforada do seu cigarro.

— Sim, Mr. Marinho, amando-me sempre, sempre...

Gary não é de muita fala. Càlamo-nos por alguns instan tes. Elle transpira pouco do qu sente. Nunca seria um bom ven dedor de terrenos... Ia mudan do sua roupa e falando. Depois emquanto seu secretario ou cou sa semelhante descalçava-lhe bota de montaria, continuou fa

(Termina no fim do numero)

NO LAR DE GARY COOPER...

O caracter que me dão, nos films, é o le uma pequena moderna, perigosa e leviana. Pequena de hoje... Mas acho que nunca me darão um que chegue á sóla de certas situações em que me achei envolvida... Pedem para relatar o que considero o mais emocionante momento da minha vida. Um real acontecimento que, ás vezes, corre parallelo com o caracter que interpreto diante da objectiva... Pois bem. Aqui vae...

E' Alice White que fala. Todos sabem como ella é, nos films, levada e leviana. Mas a sua verdadeira historia tambem será assim? Vamos ver...

— Um pretendente indesejado ao meu coração, propoz-me escolher entre elle e minha carreira. Carreira que seria desgraçada, caso não o ouvisse...

— E' natural que momento mais emocionante do que este sejam poucas as artistas que tenham passado. E deixe-me que lhes diga, desde já, que a verdade não é, apenas,

a MINHA

mais forte do que a ficção. E' ainda, muito mais excitante e perigosa...

— Vou começar pelo começo, mesmo. Isto ha um par de annos passados. Passei a ser a principal figura de um romance de tres pontas... Havia o rapaz, que eu amava. O homem que me amava e que recusava deixar-me em paz. E eu propria. O segundo componente deste triangulo, tomava a minha indifferença como encorajamento. Cada vez que eu dobrava a minha aspereza, dobrava elle as suas attenções. Certa vez deu-me joias preciosas. Re-

jeitei. Começou elle um bombardeamento e ataque cerradissimo de flores e telegrammas attenciosos... Vinham a toda hora. De dia e de noite. Sempre mal recebidos e indesejados. Tornou-se tal esta perseguição que, por fim, eu já odiava até o toque de campainha que sabia ser delle...

Decidi, finalmente, chegar ao rapaz que eu amava e contar-lhe toda a historia. Elle me aconselharia, fatalmente. E, depois, então, eu

MAIOR emoção

agiria com acerto.

Elle me aconselhou que o convidasse a um apartamento. E que, lá, dissese-lhe francamente, que as attenções que elle me dispensava, nada mais eram do que cousas abominaveis para mim e que elle, de vez, cessasse as amolações e as perseguições. Fiz o que o rapaz que eu amava me suggerira.

E o encontro foi combinado para o dia seguinte. Tudo correu normalmente. Até que eu terminasse o meu discurso estudado e preparado de ante-mão. Elle caminhou para mim e me disse, seccamente. "Alice, amo-te mais do que tudo neste mundo. Tu não me deixarás! Quanto mais depressa comprehendas isto, melhor para nós dois..."

O odio fechava-me a garganta e eu não tinha forças para arguir. E, pelas semanas que se seguiram, recusei terminantemente recebel-o e abrir, tambem, as suas caixas com flores. Sua attitude era tão ridicula, que eu não podia crer que elle continuasse, por mais tempo, fazendo aquelle papel de clown — coió, por muito tempo mais. Ahi passaram-se alguns dias sem que ouvisse falar delle e nem delle signal algum apparecesse. Julguei que o meu plano fôra bem succedido.

Uma noite, porém, aconteceu algo peor do que eu imaginava...

E' raro permanecer eu, no Studio, até meia noite. Mas foi um dia assim. Entrando pelo meu appartamento a dentro, tirei o meu casaco e o meu chapéo. Tirei-os sobre uma das cadeiras ali existentes e, quando começava a subir as escadas, senti, atraz de mim, uns passos macios... Achei que eram sons imaginarios. Fui até á porta e abria. Quando o fiz, vi, perfeitamente, que uma figura saltava pela janella dos fundos e sumia na escuridão. Gritei hystericamente por soccorro e corri para o corredor.

Vieram os vizinhos e deu-se uma busca em regra pelas dependencias todas do appartamento. Mas nada de valor havia sido roubado. E nem nada tirado do lugar. Apenas a janella aberta salvou-me de passar vexame com os meus vizinhos.

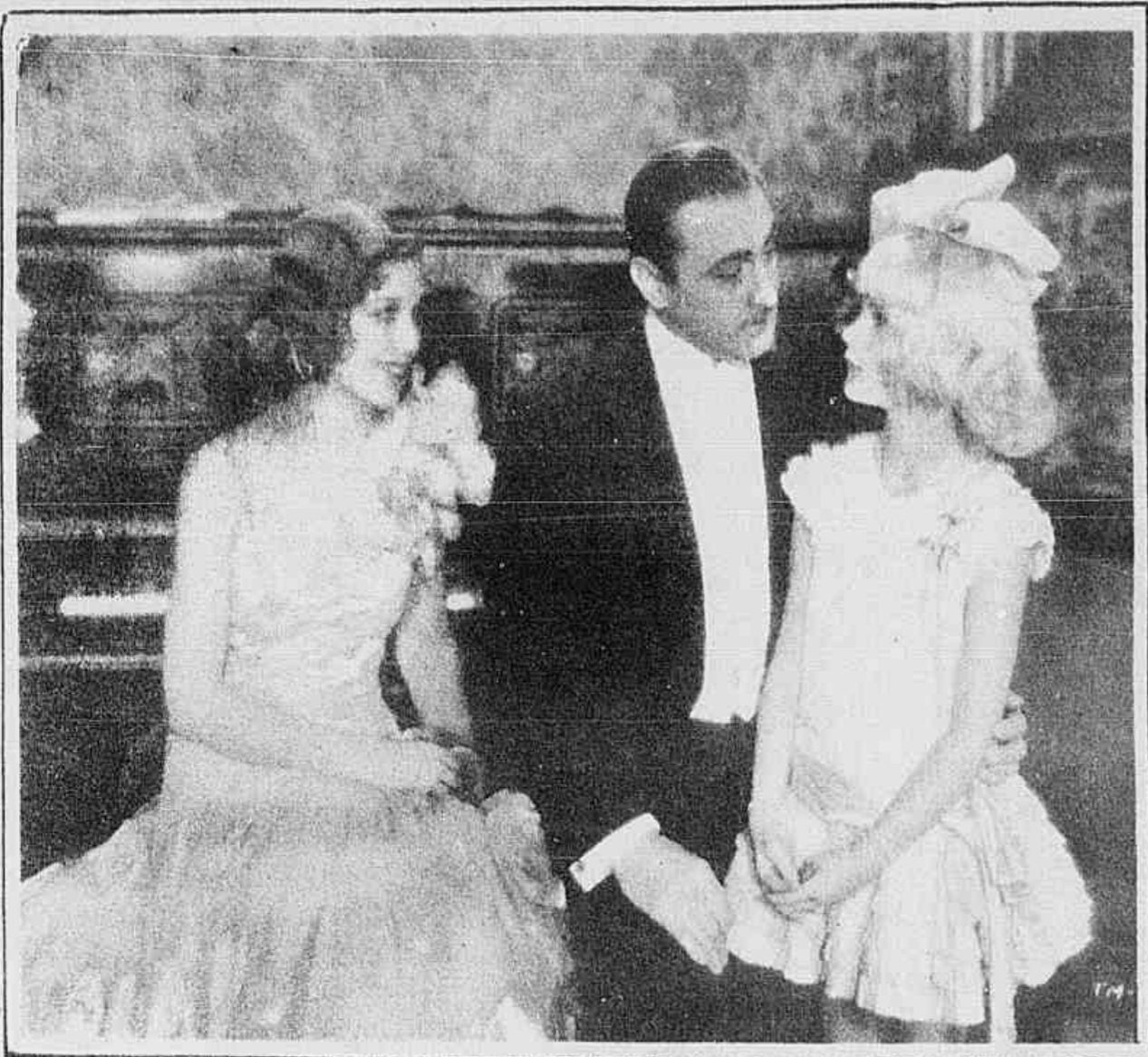
Mas muitos delles pensaram, com certeza, que tinha sido ficção minha... Despi-me, depois que sahiram. E saltei para a cama.

Já no meu pyjama, sahi da cama e fui apanhar meu diario para nelle escrever este acontecimento curioso daquella noite. Era natural que quizesse registar esses acontecimentos no livrinho que por cinco annos de carreira Cinematographica me acompanhava. E, ainda, livro esse que continha todas as phases interessantes de minha vida.

Senti, quando procurei o livrinho, que ia desmaiar. O diario tinha sumido...

Mas porque quereria alguem o meu diario? Podia ser, emfim, que eu o houvesse posto em outro lugar... Procurei pelo aposento todo. Mas tinha razão a minha primeira idéa. Elle sumira! Fôra roubado pelo homem que tão sem cerimoniosamente havia saltado pela janella... Foi uma noite de insomnia e de amarguras. E, pela madrugada, quando consegui dormir um pouco, só tive pesadelos pavorosos.

Na manhã seguinte, levantei-me bem mais cedo do que de costume. Recordei-me, com vagar, de todos os acontecimentos da tarde. Sabia que minha acção precisava ser rapida e decisiva. O meu diario era importantissimo. Era um livrinho que tinha verdades escriptas em estylo brutal de franqueza. Observações que todos tomariam por cousas differentes do que meus reaes sentimentos. E não devia ser eu franca com o meu diario? E eu estava doida para evitar

(Termina n ofim do numero).

JOHN BARRYMORE E LORETTA YOUNG EM ALGUMAS SCENAS DO FILM "THE MAN FROM BLANKLEY'S".

Bébé e Ben Lyon, casaram-se. E estão trabalhando juntos, em "Smooth as Satin".

Pergunte-me OVTRA

ANTONIO (Natal) — Seu Antonio. Aonde é que você descobriu tanta gente amiga para escrever para cá e perguntar a mesma cousa? Ou é você que tem 30 e tantas letras differentes? Mas você se esquece meu bom amigo, que eu sempre lembro aos meus netinhos levados, que já completei 40 annos de circo... Então você se acha o Valentino de Natal, hein? Mas as pequenas dahi também acham?... Você não me quer dizer quaes são as pequenas que pedem os seus retratos? Veja lá! Quem sabe se ellas estão brincando de escolher mascaras para o proximo carnaval... Veja lá! Aqui vão suas resposas: 1° *Saudade* não será mais continuada. 2° *Labios sem Beijos*, para fins de Junho. 3° Americano. 4° E', sim. A' porta do Henry's.

MAC LEY (Bello Horizonte) — 1° *The Virginia*. 2° Sim. 3° Aguarde e terá ainda muitas surpresas bem agradaveis... 4° Ainda ha dias chegou dos Estados Unidos vindo da Inglaterra. Mas eu já ouvi dizer que é elle o tal mosquito tsé-tsé, que transmitte a molestia do somno...

DAGUTE (Rio) — E' que as cartas, elle as entrega a mim e sou eu que as respondo. Envie photographias. E, depois, aguarde a sua chamada.

DE SAINT ROMAN (S. Paulo) — Desista das suas scismas. Você está enganado. Sim, mistura. Você põe o Gonzaga em Hollywood e o Uby Alvorado no Rio. Não é mistura? O seu enthusiasmo pelo Cinema Brasileiro deve continuar. Muito bem. E' pena que não me mandasse aquelle recorte. Sim. E' *Eufemia* e é da Internacional Film, sim. A fabrica é nova. Mande suas photographias, sim. Até Condessas, seu Marquez! Escreva para *Cinédia Studio*, rua Abilio, 26, Rio de Janeiro. Ella lhe mandará, com certeza. "A's Armas!" vae lá para Julho. *Labios sem Beijos* e *O Preço de um Prazer*, terão sequencias faladas. Faça bôa viagem e volte logo, ouviu?

ANNA LEE (?) — Anna Lee, você é um mysterio. Não me conta, mesmo, porque está triste? Saudade de *alguem?* Que inveja... Eu é que gostaria de cantar aquella canção ao seu retrato... Acho que você não tem, não. Não diga isso. Se elles de facto olhassem, falariam, com certeza. Nunca mais me lembro? Não seja injusta. Você sabe, Anna Lee, que eu nunca me esqueço de quem não se esquece de mim?... Não estou pensando um pouquinho, não. Estou pensando muito e muito. Receba, tambem, um doce aperto de mãos e... até breve.

SEÑORITA (Varginha-Minas)—Suas photographias foram muito apreciadas. Se você não estivesse tão longe, Señorita...Mas tenha fé e conte que ainda vencerá no seu ideal.

MAXIMILIANO I (S. Paulo) — Recebidas, entregues e apreciadas. 2° Por emquanto é mais amadorismo. Mas, em casos especiaes, sim. Quanto á seriedade, não ponha duvidas. 3° *Cinédia, Aurora, Gloria, Agra*, aqui. *Cruzeiro do Sul, Sul America, Metropole, Epica, Internacional, Mendovil, Astro*, ahi. Quasi todos estão. 4° Acho que não. Perdem-se na certa. 5° Suas photos foram archivadas. Creia que ainda terá opportunidades no Cinema Brasileiro.

RALDACE (Rio) 1° Perfeitamente. Receberá, sim. 2° Não deixou não. Está com a R. K. O. 3° Ella não trabalhou em *Barro Humano*. E, sim, em *Braza Dormida* e *Sangue Mineiro*. Será lançado em breve. 4° Care of Metropolitan Studios, 1040, N. Las Palmas, Street. Hollywood, California. 5° escreva mais. Elles são assim, mesmo.

FAY WRAY (Tijuca-Rio) — Não importuna, não. 1° Mande para ver. Far-se-á o possivel. 2° a primeira, para Paramount Studios, Hollywood, California. A segunda e a terceira, para *Cinedia Studio*, rua Abilio, 26, Rio de Janeiro. A ultima, aos cuidados desta redacção. 3° Ainda não se sabe nada. 4° E' Loretta Young, sim. 5° Mande, já disse que se fará o possivel. Volte quando quizer, Fay Wray...

GONELLA BUENO (Santos) — Uma pose de frente e uma de perfil. Envia-as quando quizer.

MIGUEL A. DA PAIXÃO (Santarém, Pará) — 1° Solteira. Da M. G. M. 2° Americano de nascimento. Mas criado e educado na Allemanha. 3° Já e provavelmente vae, sim. 4° E' solteiro e tem 25 annos. Escreva para M.G.M. Studios, Culver City, California. 5° Ella é egypcia. Mas criada e educada no Brasil. A outra é portugueza. Mas ha já bastante tempo que aqui reside. Se quizer mandar, mande. Gosto de me lembrar dos meus amigos.

RUTH ROULIEN (Porto Alegre) — 1° Não. 2° Não tem acceitado offertas para trabalhar. Mas não se sabe se é decisão definitiva. 3° Não. 4° *Cinédia Studio*, rua Abilio, 26, Rio de Janeiro. 5° Não. Curiosa...

JOSE' SIQUEIRA (Recife) — A gerencia entregou-me sua carta. Não costumamos enviar photographias.

CINEPROSIL (Curityba) — Ha quanto tempo, meu amigo! Então o sr. Joaquim de Oliveira faz empenho em passar os films brasileiros no seu Cinema? Muito bem! Mostra que comprehende o que é o verdadeiro patriotismo. E porque não tenta elle o Cinema Brasileiro ahi? Gostei muito de saber que Lelita Rosa e Didi Viana enfeitam a sala de espera do seu Cinema. Pois mande que terei prazer em recebel-a. E se lhes quer escrever, faça-o para *Cinédia Studio*, rua Abilio, 26, Rio de Janeiro.

Reginald Denny no film "Madame Satan".

MERNA KENNEDY.

(CHASING RAINBOWS)

FILM M. G. M.

Charles King . . . . *Terry*
Bessie Love . . . . *Carlie*
Jack Benny . . . . *Eddie*
George K. Arthur . . . . *Lester*
Polly Moran . . . . *Polly*
Marie Dressler . . . . *Bonnie*
Gwen Lee . . . . *Peggy*
Nita Martan . . . . *Daphne*
Eddie Phillips . . . . *Cordova*
Youca Troubetzkoi . . . . *Lanning.*

Director: — *CHARLES F. RIESNER*

No mundo da

Nunca ella se gabara de conhecer os homens. 'unca! Mas Terry Fay ella conhecia. Tão bem, liás, que não era preciso conhecer mais ninguem... a cinco annos que elle a accompanhava em excurnes theatraes de uma companhia de vaudevilles. ra natural...

Era ella que o aconselhava cada vez que le se desilludia de mais um amor. Era ella que consolava todas as vezes que a lagrima de um nor infeliz subia-lhe aos hos. E agora, juntos ao enco de *Goodby, Broadway*, uma companhia reilar, não se espantara a pela paixão violenta e Terry teve por Peg-, a nova estrella. E m a retirada espontaa desta, da Companhia, para viver ao lado um *velho amigo* que ha dinheiro o que abaa profundamente Terlevando-o a pensar suicidio...

A companhia, sem Peggy, precisou de uma substituta. Mandaram Daphne Wayne. Carlie já sabia, de antemão, que seria a mesma cousa. Terry se iria apaixonar, indiscutivelmente...

Foi aqui que começou o cerebro de Carlie a ser torturado. Ella comprehendeu, afinal, que Daphne era a mulher que Terry realmente amava. E, amando-o, como o amava ha já tantos annos em silencio, não quiz consentir que ella, como as outras,

desilludisse Terry e o arrastasse ao supremo desgosto...

Mas é que já se falava. Terry era sempre o ultimo a saber. Carlie sabia já de tudo. E era bem grande o seu medo...

Todos sabiam! Daphne andava louca por Don Cordova. Com elle trabalhára em outra estação... E, agora, reaccendia o fogo extincto...

Em todos logares eram vistos juntos. Só se falava de Daphne ao lado de Cordova. Terry, no mais alto das suas illusões, não queria acreditar...

Um dia, sem querer, Carlie ouviu. Daphne e Don combinavam um encontro.

Era o momento decisivo. Ella não poderia permittir que tal situação se alongasse por mais tempo. Via, já, o soffrimento do homem que amava. Comprehendia que não era possivel deixar que elle continuasse a sua série de maluquices pelas paixões que o avassalavam. E tentaria todos os recursos para ao menos esta paixão amainar naquelle, pobre coração que ella tanto adorava...

E, assim, depois da matinée daquelle dia, entrou para o camarim da artista. — Daphne...

Mas não sabia por onde começar. O que dizer. Que palavras. Por que? Que direitos alegaria?...— Daphne... Tornou a se embaraçar. Trocou os pés. Rolou os dedos. Daphne já se impacientava.

— Sabes, não é... Nada tenho com isto, é logico! Mas é que Terry ama-te tanto... Foi só por isso que ousei entrar aqui.

— Mas, meu bem, o que ha?

— Ha... que... Naturalmente

Lua

comprehenderás em que estado elle ficaria se soubesse do que ha entre você e Don Cordova...

— Cordova!

Fingiu-se admirada. Depois, fingiu-se calma.

— Mas o que ha?...

Olharam-se. Carlie decidiu-se.

— Olha. Não me digas que nada sabes. Eu sei que Cordova tem algo comtigo. Não te procurei ouvir. Nem procurei logares escusos para agir. Quando ensaiavamos, hoje, sem querer ouvi que dizias a elle. Que toleravas Terry porque elle era influente junto á gerencia! Peço-te! Não faças isto com elle! Se soubesses a sorte de rapaz que elle é... Porque não abandonas Don?

Daphne moía desaforos. Depois soltou-os.

— Sua espevitada... Sua escandalosa... Porque é que ousas aqui entrar para mentir? Como estaria eu hoje falando a Don se apenas o conheço de vista?

O seu olhar foi para a ponta dos pés. Para fugir ao olhar recto e sério de Carlie...

— E, sabes que mais, queixo-me disto hoje mesmo a Terry! Mal disséra, Terry entrava. Notou agitação nos semblantes.

Daphne, languida e chorosa, para elle se encaminhou.

— Sabes, querido...

Soluçou. Encaminhou-se para a mesa. Ali enfiou o rosto nas mãos e começou a chorar aos soluços.

Carlie não aturou aquella fita por mais tempo. Retirou-se.

Apanhou sua capa. Seu guardachuva. Quando ia sahindo, um braço de homem a segurou.

— Carlie!

Era Terry.

— Diga-me, sua leviana, porque é que anda forjando essas historias maliciosas e erradas a respeio de Daphne e Don Cordova?

Carlie teve vontade de estourar. Pensou e fingiu.

— Deixa-te de asneiras! Bem devias comprehender que eu brincava. Isto aqui anda tão páo que resolvi arranjar uma brincadeira para me divertir...

Terry apertou-lhe o braço.

— Escuta-me! Não acho o menor sorriso nas tuas piadas! Não me diga mais uma que attinja o nome della. Já ando por aqui com tuas grosserias comicas...

Carlie sorriu. A humilhação a feria fundo. Sorriu-lhe com amargura.

— Bem, bem, acalma-te, Terry! Faze como entenderes.

(Termina no fim do numero)

Porque fracassam os casamentos em HOLLYWOOD

— Aponto a dedo os casaes felizes que conheço. Talvez não ultrapassem aos dedos de minha mão esquerda...

No emtanto, relembrando, com certeza, a possibilidade de se casar, de novo, accrescentou:

— Mas tentarei de novo. Gosto de arriscar, no casamento, como alguem que vae procurar fortuna na roleta... Gosto de jogar. Porque não me casar de novo? Não poderei ter sorte numa das minhas tentativas?

— Nunca tive desillusões. Sou uma das taes creanças que jamais as tiveram... Posso dizer tambem isto do meu casamento. Foi mal succedido. Provaram que eram erradissimas as minhas idéas sobre casamento aos dezesete annos.

MADGE BELLAMY

Porque fracassam os casamentos de Hollywood?

Ha, nos ares da cidade do Cinema, alguma prejudicial aos vôos de cupido?... Ou é o sol que derrete, depressa, o mel de todas as luas?

Aqui estão as historias de seis casamentos que ruiram. Nas entrelinhas poderão descobrir, com a maxima facilidade, semelhança enorme entre os mesmos casos.

Alguns dizem que o casamento é a santificação do amor que livre é condemnado. Outros, pobres innocentes, crêm que é um paraizo só tocado pelos raios da lua e só perfumado com essencia de flores de laranjeira... Mas estas seis moças de Hollywood, com certeza, não pensam assim e preferem, mesmo, pouco ouvir falar em casos taes...

No emtanto, conservarão ellas a mesma idéa por muito tempo? Não cremos...

Algumas, de facto, ainda se conservam curando as feridas da desillusão. Mas as outras, não terão afinidades com as mariposas que vivem eternamente queimando as azas?...

Uma das excepções á este caso é Jacqueline Logan. Esqueceu-se do primeiro tropeção. Casou-se duas vezes já, com o mesmo segundo marido... A primeira vez ás escondidas, em Agua Caliente. A segunda, forçada pelas exigencias metticulosas do razinza tio Sam...

A outra excepção é Helene Costello que já é a esposa de Lowell Sherman.

Aqui estão ellas. As seis artistas que tudo tinha para a felicidade matrimonial. Belleza. Fama. Possibilidades de continuo successo. Helen Costello. Anna Q. Nilson. Agnes Ayres. Madge Bellamy. Mae Bush. Jacqueline Logan.

Seis das mais interessantes creaturas de Hollywood. No emtanto coitadinhas, conseguiram o que procuravam com o matrimonio?... O que lhes custou a experiencia? Nada mais do que desgraça, desillusão e infelicidade... Vamos ver porque é que foram ellas lançadas ao divorcio?

Helene, irmã de Dolores e filha de Maurice Costello, sentou-se defronte a mim e começou a contar o que pensa do matrimonio. Isto, antes do seu noivado e consequente casamento com Lowell Sherman.

HELENE COSTELLO CONTA UM CASO INTERESSANTE SOBRE O FRACASSO DE UM CASAMENTO...

— Eu e Jack eramos amigos de infancia. Conheci-o durante dez annos. Brincavamos quando ainda eramos creanças. Casei-me com elle, porque... porque... Mas poderá uma mulher, por acaso, saber, seguramente, porque é que se casou com um homem? Uma se casa porque o cabello delle tem ondas. A outra, por causa da testa larga, bonita. Aquella, porque elle tem um bonito andar e dansa com perfeição. Razão, propriamente, não ha. Casei-me com Jack, porque pensei que com elle viveria em bôa companhia e camaradagem. Devia ter pensado mais. E, assim, teria concluido o quão infelizes são os casamentos em que os maridos são filhinhos de papae que occupam o seu tempo não fazendo nada e cujas esposas continuam trabalhando, nas suas profissões...

(Termina no fim do numero).

Alvorada... do Cinema falado...

Jeanette Mac Donald

Cinema DE AMADORES

(DE SERGIO BARRETTO FILHO)

Notas por um collega

São de Wayne Shoemaker, antigo redactor do Cine-Kodak New, as notas sobre o Cinema de Amadores que transcrevemos, para os nossos leitores, com a devida venia.

Pedimos aos amadores brasileiros a maxima attenção para as palavras do nosso collega. Ellas hão de elucidar innumeros problemas, e tambem instruir ainda os leitores desta secção na difficil arte do Cinema de Amadores. Vejamos, pois:

"Ha sempre um ponto, na vida de cada amador, em que o destino parece que conspira eternamente, forçando-o sempre a dedicar-se sómente a essa especie de album cinematographico, essa especie de série de vistas de familia, deante da qual todo e qualquer outro genero de film de amadores parece tolo. Muitas vezes, o amador é apanhado de surpreza por uma verdadeira opportunidade, e então se encontra completamente despreparado para fazer um film como aliás elle proprio entende que deve ser feito.

"Esse despreparo, ás vezes, resume-se em um simples accessorio que lhe falta: um filtro, talvez um tripé ou uma téle-objectiva. Seja qual for o accessorio, o amador nunca estará satisfeito com o que fez. Si lhe faltou o accessorio, o film está arruinado. E mesmo que cause admiração a outrem, para elle estará fóra de qualquer consideração.

"Durante os meus tres annos de correspondencia com os cine-amadores espalhados por todos os paizes, fui conhecendo, pouco a pouco, os recursos de que lançavam mão certos amadores verdadeiramente engenhosos, afim de realizarem tanto as filmagens communs como novas vistas, fóra do vulgar. Alguns desses methodos, trucs, ou segredos (chamem-n'os como preferirem) foram inventados para supprir faltas, com a maxima emergencia. Outros foram inventados só para economisar tempo e principalmente dinheiro. Todos foram experimentados e usados.

"Quando essas invenções vieram ter á minha mesa de trabalho, lancei-as no meu livro de notas, para mais tarde estudal-as. Hoje vão ser dadas á publicidade, quasi palavra por palavra. Os amadores ficam encarregados de julgal-as.

"*Filtros de Emergencia*. — Todos sabem o valor de um filtro colorido. Mas, embora esse pequenino pedaço de vidro amarellado continue sendo considerado como uma das partes mais essenciaes do material de Cinema do amador, sempre acontece vir um dia em que elle sobrecarrega os proprios bolsos de rolos e rolos de film panchromatico, e... esquece o filtro de côr em casa. O resultado? Uma esplendida opportunidade para uma marinha, uma vista de nuvens, muito film panchromatico... e só!

"Mas não desanimem, quando isso acontecer. Tomem o vidro côr de ambar do carro, ou de algum dos presentes que usem oculos contra o sol. Peçam a alguem para segural-o na frente da camara, emquanto se filma, tendo-se o cuidado de que armação do vidro, no caso de serem oculos, não interfira com a lente; e pedindo-se a quem segura o vidro, para descansar o braço sobre qualquer objecto solido, afim de que a mão não trema. Os resultados serão maravilhosos!

"Porém, e disso todos já sabem, nem todos os vidros de côr servem para o fim indicado acima. Uns hão de ser muito claros, outros demasiado escuros. Quando os vidros côr de ambar dos oculos não forem exactamente da tonalidade exigida pelo vidro de um filtro, convém que o amador não se esqueça desse expediente aqui apontado, quando comprar uns oculos contra o sol... para si mesmo.

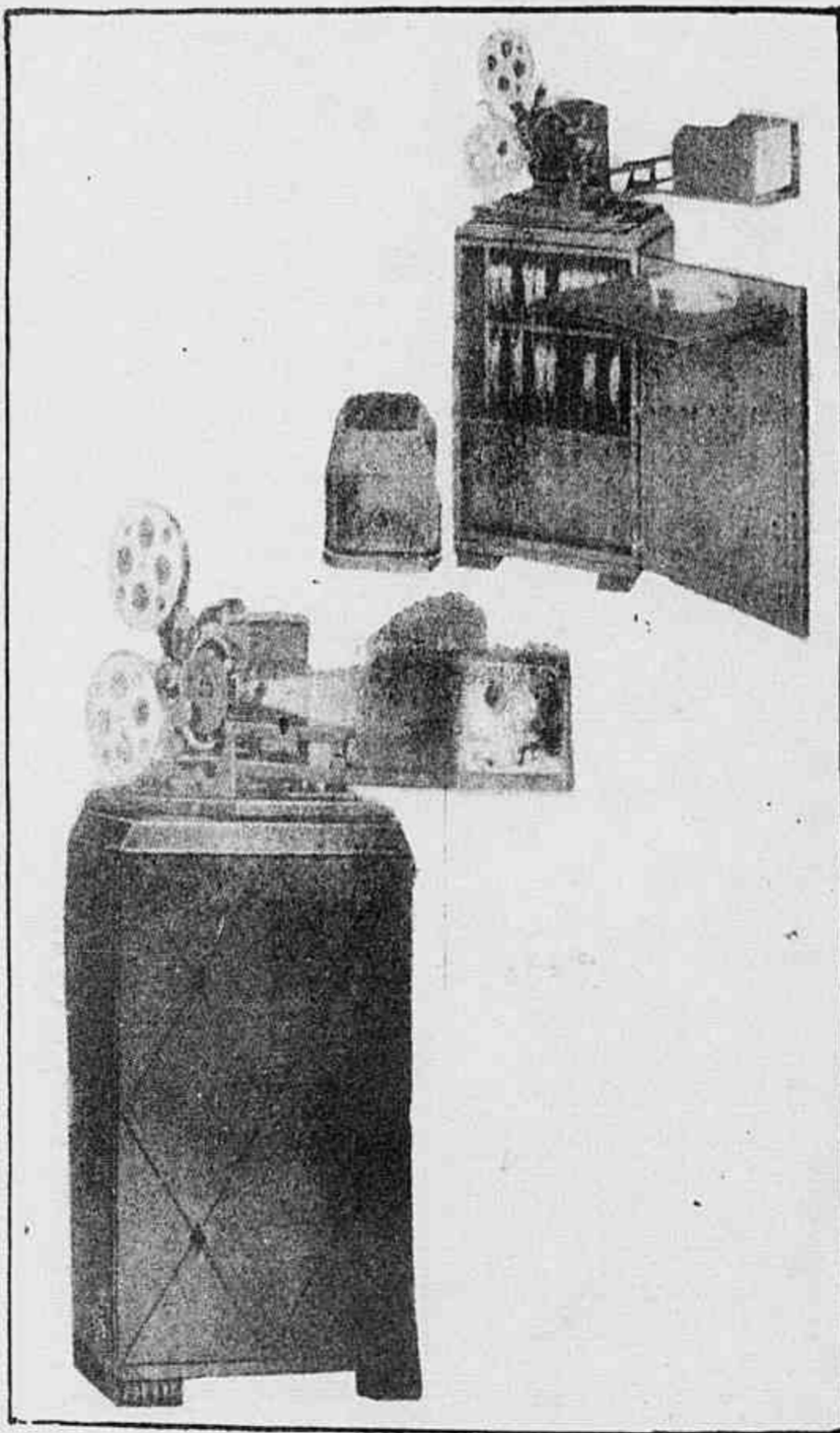
"Em ultimo caso, os chamados *vidros fumados* salvarão a situação. Os oculos dessa côr podem servir até, de um modo muito passavel, como filtros neutralisadores para quando se empregar a pellicula e filtro tri-calor do processo Kodacolor.

"*Shots com a Camara em movimento*. — Uma vez ou outra, aqui ou ali, sempre se encontra um shot appropriado para ser feito com a camara em movimento, approximando-a, afastando-a, fazendo giral-a ao redor do assumpto, ao envez de obrigar o mesmo a deslocar-se ao redor da camara. O profissional não economisa dinheiro na construcção de guindastes, wagons especiaes e não sei que mais, afim de tornar esses shots possiveis. Mas o amador? Como realizal-os?

"Muito simplesmente. Esses carrinhos em que se serve o chá (1) é o typo ideal de mesa para trabalhos desse genero. Além da facilidade de transporte, têm justamente a altura precisa para os meios planos de pessoas sentadas. Um, ou varios caixotes de sabão, amarrados com firmeza sobre a tampa da mesa, podem elevar a camara ao nivel que se deseje, permittindo além disso o movimento, em todos os sentidos, da camara do amador. O custo desse *accessorio* é nullo. Por que não experimentar?

"*A correcção do fóco*. — Muitas casas de armarinho possuem uma variedade enorme de pequeninas fitas metricas e metalicas. Ha algumas dessas fitas que, quando enroladas na respectiva caixa, não chegam a uns tres ou quatro centimetros de diametro.

"Pois bem. Tome a caixa em que vêm os filtros, levem-na a um desses armarinhos, e ajuntem uma dessas fitas metricas. No momento de filmarem em primeiro plano, usando um filtro ou lente de approximação, meçam a distancia que vae da objectiva ao assumpto, e escolham na caixa dos filtros a lente apropriada ao momento.

"*Miniaturas de tempestades em alto mar*. — Ao improvisar-se uma miniatura de scenas maritimas, é possivel dar impressão muito real de uma tempestade, dirigindo um ventilador electrico sobre a superficie da agua, e lançando sáes effervescentes ao longo da "praia" para imitar o quebrar das ondas. Dirigindo-se a corrente de ar contra a "praia", o effeito será perfeito, além de ser precisa uma quantidade quasi nulla de sáes.

"*Um disco de emergencia para diffusões*. — Póde-se executar um disco de emergencia para diffusões, em alguns minutos, cortando-se um pedaço circular de celluloide, côr branca, do tamanho da parte interior do tubo da objectiva, e depois raspando-se sobre a superficie do celluloide, com a ponta de uma tesoura ou uma faca, uma série de circulos concentricos. Apenas tenha-se cuidado em que o celluloide seja branco (incolôr) e que os circulos não sejam muito numerosos.

"*Rebatedores de emergencia*.—Já usaram uma frigideira como rebatedor? Si nunca usaram, e se encontram sem nada que os ajude, uma corrida até a cozinha, e a frigideira de aluminio, apezar de produzir uma luz um pouco forte, servirá esplendidamente para primeiros planos. Si a luz reflectida pela frigideira fôr um pouco incommoda, um pouquinho de sabão acabará com o reflexo demasiado.

"*Escurecimento — Esclarecimento*. — Eis aqui um methodo simples de se fazerem effeitos de esclarecimento ou escurecimento nos titulos elaborados em casa:

"Prepare-se o cartão com o titulo, da maneira usual, accendam-se as luzes, e deixe-se a camara correr. Com um charuto ou um cigarro bem acceso, tire-se então uma fumaça, e expillam-se varias baforadas de fumo, gradualmente, na frente da objectiva. Tenha-se cuidado de não soprar a fumaça *dentro*, mas sim *do lado de fóra* da objectiva.

"Para fazer-se o inverso, isto é, o esclarecimento, bastará virar o cartão do titulo de cabeça para baixo, e collar o titulo, depois de revelado, pelo fim. Basta não esquecer que as baforadas devém ser sopradas perto *da lente* e não *do cartão*.

"*Titulos Artisticos*. — Para improvisar esses titulos artisticos, como letreiros apresentados sobre vistas photographicas ou sobre fundos de fantasia, basta imprimir os dizeres sobre uma photographia, uma illustração, ou um pedaço de papel de fantasia, mais conhecidos como papeis pintados, para forrar casas. Qualquer negociante cederá facilmente um pouco desse papel, e um titulo impresso sobre elle resultará muito attrahente a todos que os virem".

(1) — *O autor refere-se aqui ás mesas com rodizios, para chá, tão usadas nos paizes anglo-saxões. Como porém aqui no Brasil essas mesas são quasi desconhecidas, suggerimos um brinquedo de creanças, como um automovel, por exemplo.*

A Eastman Kodak Company lançou no mercado, ha tres mezes, a estante-archivo para o Kodascope, junto á pequena téla transparente de vidro fôsco, para exhibições em familia, no lar. O conjuncto, que fará honra a qualquer phonographo de reproducção electrica, é apresentado aqui, prompto para funccionar, e em funccionamento.

Mary Miles Minter está em grande regimen para emmagrecer. Quer tentar o Cinema falado...

"Trilby" será o proximo vehiculo da Warner, para Dolores Costello, assim que ella se restabeleça da conversa que teve com Dolores 2.ª... O papel principal do film será de John Barrymore, seu marido, que interpretará o papel de Svengali.

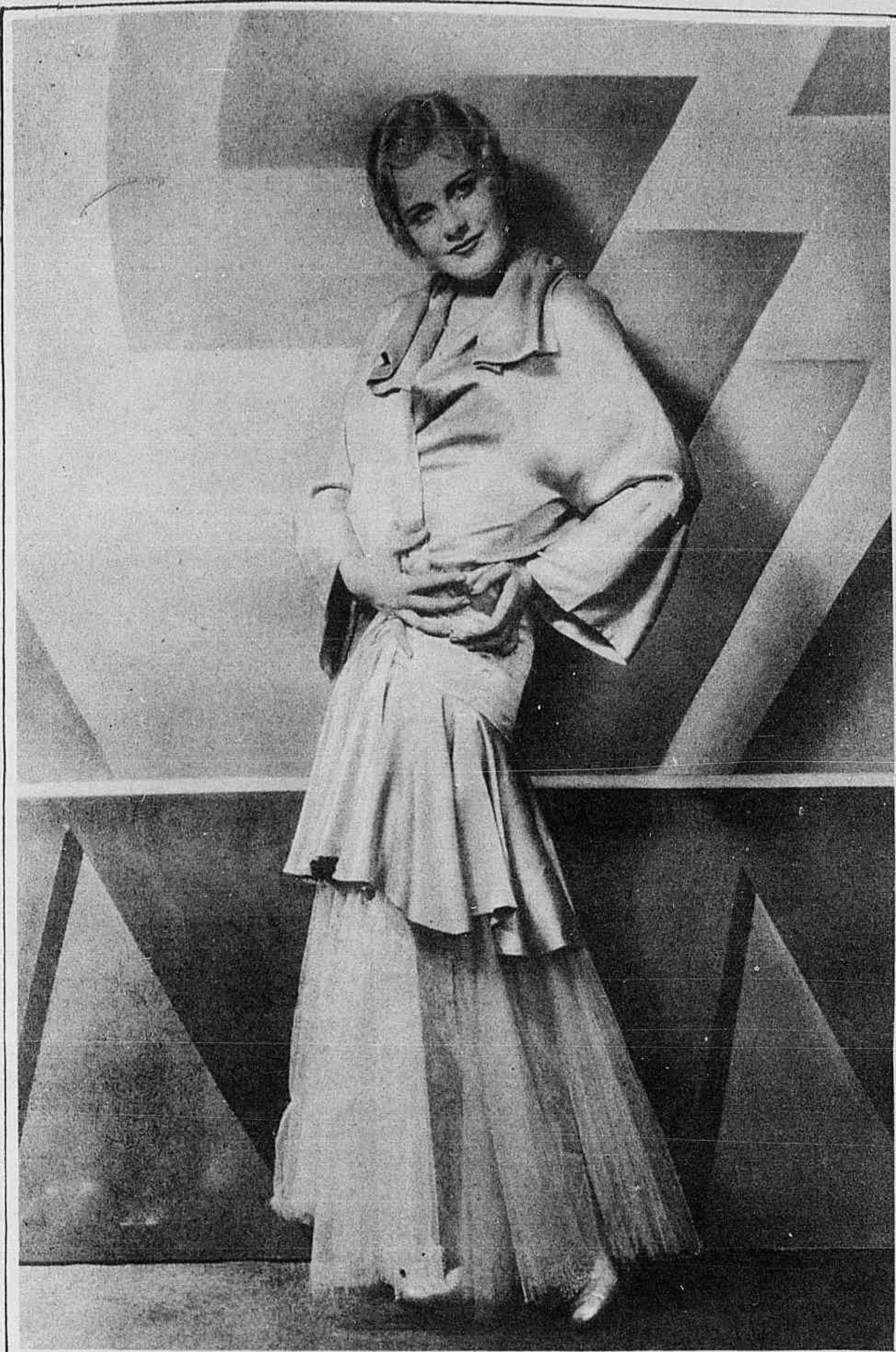
E' provavel que Erich Von Stroheim dirija, para a Universal, de accordo com licença da Warner, a versão falada de "Redomoinho da Vida", que ha annos fez com Norman Kerry, Mary Philbin e George Hackatoorne.

Adolphe Menjou assignou contracto com a Columbia para figurar em uma versão falada de uma peça de Max Marcin. Menjou já está na Columbia...

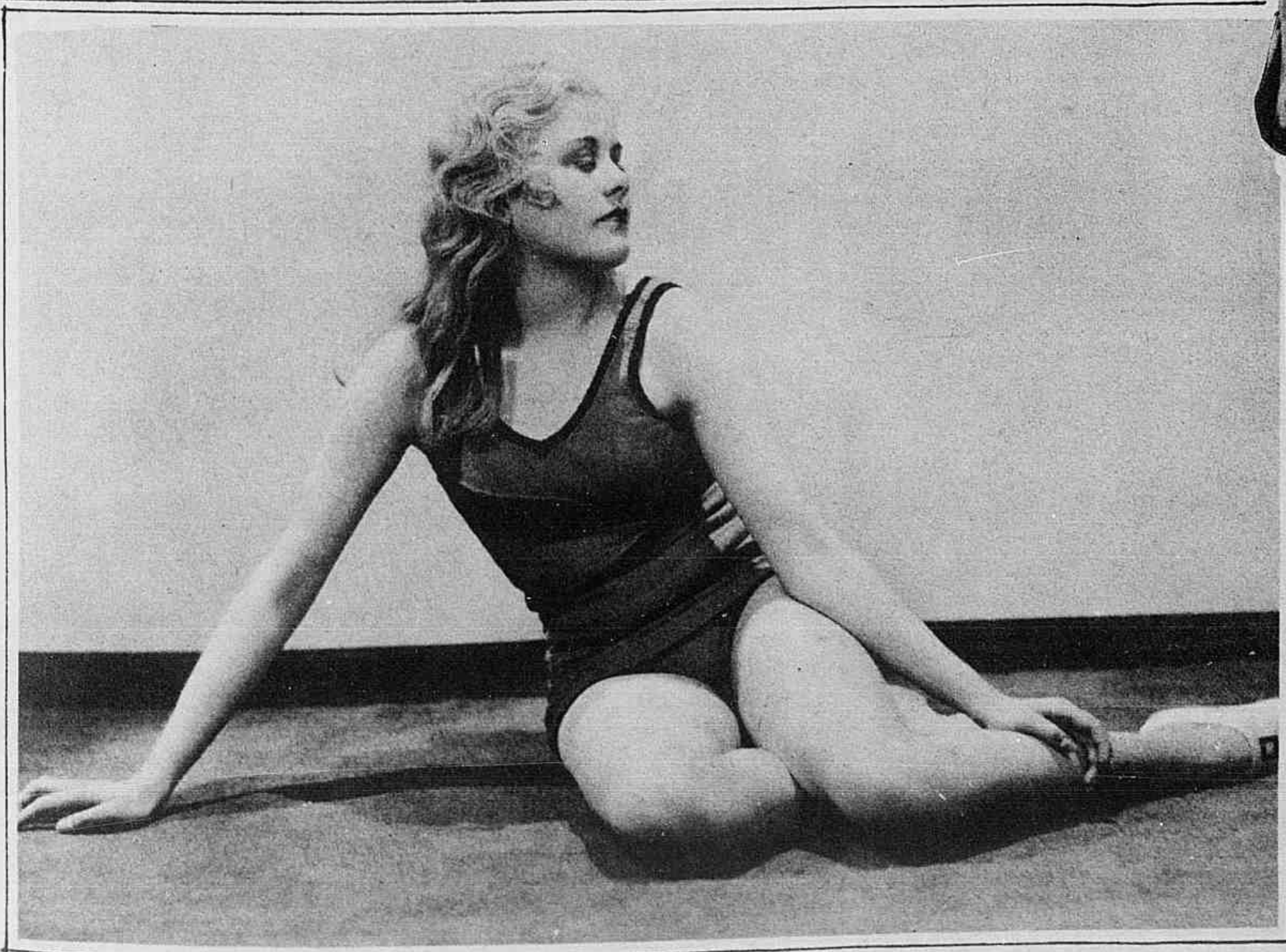
"The Iron Trail, argumento de Rex Beach, será feito feito pela Radio com Richard Dix.

Erich Von Stroheim dirigirá e interpretará o principal papel de uma historia escripta por John Farrow. E' uma sua producção particular que elle proprio vae financiar. E' logico que, agora, como productor, elle não se desmande e nem ande a dar ratas fazendo com que o film demore mais de dois annos para terminar e, nem, ainda, que tenha um tamanho tal que só seja permittida a visão de episodios do seu trabalho, como sempre aconteceu...

Tom Tyler assignou contracto com a Pathé.

"Scarlet Pages", da Warner, trará aos "fans", de novo, a figura tão sympathica de Elsie Ferguson. Ao seu lado trabalharão, ainda, Marion Nixon e John Halliday.

JOAN

MARSH

e a moda em Hollywood.

O Que se Exhibe no Rio.

Janet Gaynor no seu numero "Sunny Side Up."

Por um engano, a composição, ao transcrever a critica de "No Oeste de Zanzibar", deu-lhe a cotação de 1 ponto, quando, realmente, teve o film a de 5 pontos. Aqui, pois, a emmenda.

PALACIO THEATRO

SONHO QUE VIVEU — (Sunny Side Up) — Film da Fox — Producção de 1929.

Os primeiros planos de Janet Gaynor e Charles Farrell, neste film, já não têm aquella suavidade silenciosa de "Setimo Céo", "Anjo das Ruas" e "Estrella Ditosa". Elles cantam...

E' verdade que David Butler apanhou detalhes comicos interessantes. Observações curiosas sobre a vida intima de um trecho de arrabalde. Mas falhou o romance. E' um casal tão delicado, tão sentimental, tão suave. A voz fel-os perder 50%...

Mas, assim mesmo, De Sylva, Brown & Henderson, com as suas canções, delicadas, umas, como "If I had a talking picture of you" e vivas, ligeiras, outras, como o dueto entre Frank Richardson eMarjorie White. "Sunny Side Up", que Janet canta, é vibrante e com todo o rythmo e syncopado do fox americano.

Romance, propriamente, ha. Mas é muito tenue e não resiste á uma analyse. E a historia, mesmo, não é mais do que um pretexto irreal para a apresentação daquelles vistosos quadros daquella festa da casa de Charles Farrell. Ha dois detalhes com El Brendel, muito bons. Um é o da estatueta e o outro é quando elle desce aquelle corrimão com uma bandeja.

Sharon Lynn é o "it" todo do film. Janet Gaynor é a meiguice. E Charles Farrell... Prefiro não falar delle. Quem o viu em "O Rio da Vida", não o quererá ver neste film.

David Butler dirigiu bem. Optima photographia de Ernest Palmer e John Schmidt.

Cotação: 6 pontos.

PATHÉ

BLOQUEIO — (Blockade) — Film da F. B. O. — Producção de 1928.

No tempo do Cinema silencioso, quando foi feito, dir-se-ia que era um film soffrivel. Agora, o que se dirá? Para uns, por esse mesmo motivo será bom. Mas, para outros...

Anna Q. Nilsson e Walter Mac Grail são os principaes. Ella, coitadinha, já foi bem interessante e já figurou em muitos films e, alguns mesmo, bons. Mas agora, Annazinha... Walter Mac Grail tem um bom desempenho.

Cotação: 5 pontos.

BROADWAY— (Broadway) — Universal — Producção de 1929.

Montagem formidavel, avanços e recuos de machina malucos e innenarraveis. Alguns bons numeros de musica. Algumas girls interessantes. Evelyn Brent triste e bonita como sempre. Merna Kennedy absolutamente desinteressante. Glenn Tryon completamente deslocado. E uma direcção instavel e em certos trechos interessante de Paul Fejos.

Uma revista de humorismo, yankee, commentando o film, disse delle, mais ou menos o seguinte:

Conversavam os Laemmle, pae e filho. Este, animado, contava ao velho que achara uma historia que seria um successo de bilheteria em film. E travou-se o dialogo.

— Papae — E a historia?

— O filho — Um sujeito que toma conta de um dancing. E quando o film começa, entram pequenas dansando...

— Papae — Pequenas dansando?

— O Filho — Sim, papae.

— Papae — Quantas?

— O filho — Seis, papae.

— Papae — Pois use 40, meu filho e o cabaret? Qual o seu feitio?

— O filho — Pequenino.

— Papae — Bem... Faremos o maior de todos, até hoje. E, até logo que já estou atrasado.

— O filho — Mas, papae, e a historia, o final, a direcção, o scenario...

— Papae — Ora, meu filho... Isso tudo não tem importancia ao lado de 40 girls, canções e um cabaret formidavel... De que vale?...

Dizem que o filho teve um movimento de hombros e o pae um sorriso. Seria?

O facto é que o film agradará, mesmo, á sorte de publico que o sorriso do papae Laemmle attingir...

Cotação: 6 pontos.

IMPERIO

THA LAUGHING LADY — (Paramount) — Producção 1930.

A Paramount, com este film, inaugurou a sua temporada ingleza. Isto é. A temporada de exhibição de films totalmente dialogados em inglez. Annunciou bastante que era era só para inglez ver e assim verificar se os brasileiros os acceitam tambem. Afinal, já nos parece mais agradavel assistir-se um film totalmente falado em inglez do que assistir-se ás mutilações que têm vindo, ultimamente. Os films falados são insupportaveis para os que não entendem inglez. Mas os films mudos são insupportaveis para qualquer um.

E esta temporada, já em seu segundo film, tem conseguido successo. Dentro da colonia e, mesmo, entre estudantes da lingua ingleza.

Attrahido, tambem fui. Sabia que "Laughing Lady" era dos mais modernos films falados feitos pela Paramount. Já tinha lido os commentarios em torno delle. Conhecia os elogios feitos a Victor L. Schertzinger, o director e a Ruth Chatterton, a estrella.

Fui.

Meia hora antes, lá estava. Na sala de espera, ouviam-se as moscas voar... Os que ali estavam, cavalheiros britannicos. "Ladies e Gentlemen". Graves e austeros. Liam, calmamente, o libreto que os porteiros entregavam á entrada.

A' um canto, escondido, um rapagote, de seus 15 annos, oculos de enormes aros, lia. De quando em vez parava. Corria o diccionario. Sorria, satisfeito. Espiava a ver se ninguem estava reparando e, rapido, continuava a traducção...

Depois entrava-se. Todos em passos cadenciados. Pés de velludo, todos...

No interior do Cinema, emquanto ouviam-se os roncos dos ventiladores. Ouviamse, tambem, as respirações loiras dos visinhos e das visinhas...

Jorginho ali estava. Ao meu lado. Vinha em perseguição á Cotinha. E ella, malvada, fizera aquillo só para machucar...

Diante de mim, circumspecto, pince-nez, um senhor londrino. Aos lados, todos serios, outros senhores loiros de cabellos raspados em cima das orelhas. Provavelmente norte-americanos.

Nas poltronas atraz, loiras e pintadinhas, algumas misses. Aos lados, tambem.

O libreto estava fazendo successo...

Escureceu.

"Noah's Lark". Desenhos animados. Houve risadas discretas. O senhor myope deu algumas escandalosas. Ao lado, Jorginho espiava Cotinha...

Clareou.

Escureceu.

Mais duas pilulas. Aperitivos...

Depois o film.

"In Southampton, an elegant beach".

Quando chegou "At the Playgate residence", Jorginho dormia. Um cavalheiro myope roncava. O estudante que eu vira com o diccionario, sempre fingindo que ninguem o via, accendia e apagava uma lampadazinha de bolso para ler o libreto e comprehender aquillo tudo...

Ouviram-se algumas risadas. Por exemplo.

— Mrs. Playgate — Hamilton!

— Playgate — Yes.

— Mrs. Playgate — Ha, Ha, Ha! You look like a marshmallow!

Foi uma risada discreta...

Depois, quando chegou-se em "Marjorie's Living Room", Jorginho accordou. Neste momento, o senhor da frente, circumspecto e grave, deu tremenda tapona num insecto que lhe assentara á nuca. Jorginho soltou tremenda gargalhada. O cavalheiro myope, outra, maior ainda! O cavalheiro voltou-se. Mediu-os de alto a baixo. Ageitou o pescoço no collarinho. Olhou de novo a téla...

— Farr — What are you thinking?

— Marjorie: — Well... I think... I think... Ha,ha, ha, ha! I am going to laugh... Ha! Ha! Ha! Ha!...

— Farr — I love to hear you laugh — sometimes!...

Prompto! Acabou.

Todos sahiram. A' porta alguem dizia. Só faltaram as pancadinhas do estylo para começar o film... Outro, esfregava os olhos e abria a bocca. Depois soltava um "ora essa! e perguntava se já acabára tudo!...

Jorginho dizia á Cotinha que se ella tivesse aquella idéa outra vez...

E eu fui para casa.

Escrevendo, agora, lembro-me de tudo

(Termina no fim do numero).

Nancy Carroll

A IRLANDA TAMBEM TEM AS SUAS BOMBAS...

Orphãos do divorcio

(THE MARRIAGE PLAYGROUND)

FILM DA PARAMOUNT

Mary Brian . . . . *Judith Wheater*
Frederic March . . . . *Martin Boyne*
Lilyan Tashman . . . . *Joyce Wheater*
Huntley Gordon . . . . *Cliffe Wheater*
Kay Francis . . . . *Zinnia La Crosse*
William Austin . . . . *Lord Wrench*
Seena Owen . . . . *Rose Sellers*
Jocelyn Lee . . . . *Sybil Lullmar*
David Newell . . . . *Gerald Omeroy*
Joan Standing . . . . *Miss Scopy*
Armand Kaliz . . . . *Prince Matriano.*

DIRECTOR: — LOTHAR MENDES

Os paes não tinham juizo. Eram modernos. Irresponsaveis.

Os filhos, tambem não tinham.

Eram uma collecção. Judith. Terry. Blanca. Zinnie. Bun. Beechy. Chip.

Ricos. Cheios de vontade. Nada mais faziam do que passear e realizar caprichos até impossiveis...

A mais velha é Judith.

Percorrem a Europa.

Acconteceu já muita cousa. Já são todos crescidos.

Vamos começar a historia.

A historia é engraçada. Joyce e Cliffe, por exemplo. Os paes. Casaram-se Elle morava na Europa. Era millionario yankee que não sabia em que e como gastar seu dinheiro...

Depois casou-se com outra e Joyce com outro.

Não levaram tempo assim. Tornaram a se divorciar.

E um dia, juntos, conversando e cuvindo, ao longe, o gritar alegre dos pequenos, Cliffe disse a Joyce.

— Sabes... Tive a minha experiencia. Tu, a tua. Vamos nos casar... mais uma vez?

E casaram...

O grupo de pequenos provem destes quatro casamentos. São sete. São e não são irmãos. Têm os sangues dos paes e não absolutamente irmãos verdadeiros... Só por parte de pae e por parte de mãe... Mas, juntos, pequeninos e sem juizo. Combinam. Fazem uma conspiração.

— Não deixaremos mais sahirem do bom caminho!

Outros e levanta.

— Papae e Mamãe viverão para sempre juntos e felizes!

Mais outro que fala.

— Terão que partilhar o lar comnosco!

Um por todos. Todos por um...

De facto, pobrezinhos, estavam cançados de serem judeus errantes. Sempre a felicidade a periclitar... Sempre o socego a fugir de sobre suas cabecinhas bonitas... Podiam adormecer? Não! Accaso poderiam adormecer, pobrezinhos, socegados, não sabendo se Papae e Mamãe levantariam ainda casados?...

E assim unem-se. E forjam a combinação. E traçam o plano de campanha...

Judith tem 18 annos. Esquece-se de que é criança, tambem. Não se lembra que sua boneca se chama Baby e nem que seu cão de pello se chama Jim. Só se lembra de seus seis filhinhos. Os seus irmãos menores para os quaes é muito mais do que Mamãe Joyce...

Foi ahi que Martin encontrou Judith. Viu-a. Admirou-lhe a belleza de embasbacar.

— Judith. Alguma vez já pensou que é a mais bella de todas as creaturas?...

Foram palavras que disse e que, á noite, vieram bailar aos ouvidos della.

— Bonita?...

Mirava-se ao espelho. Dormiam os seus 6 gatinhos.

— Bonita?... Não. Não creio!

Em pouco tempo elle percebe tudo. Presenciando as brigas de Joyce e Cliffe. Notando a magoa de Judith. Sentindo a dôr daquelles entezinhos sem culpa que vivem a pedir o socego de um lar. E nada mais...

Mas entre Judith e Martin ha um abysmo. E' Rose Sellers. A noiva que elle deixou na Suissa...

Elle quer ficar. Judith já sente que lagrimas quentes queimam a fronha macia do seu travesseiro, á noite, quando chora e se recorda do Martin que a achou bonita e que tantas doces caricias lhe fazia. E que tanto se interessava pelos seus pequeninos irmãos. Tão infelizes. Tão sem familia...

Mas elle vae para Rose Sellers. Ella o chama. Ella o tem.

Pobre Judith!

Mais esta carga para o seu pobre coração de menina. Mais este desgosto para a sua profunda experiencia do mundo...

O seu maior desespero não é Rose. E' o proprio Martin.

Os suas ultimas palavras queimavam-lhe os ou-

(*Termina no fim do numero*)

Instantaneos colhidos na terra do Cinema . . .

POLLY MORAN

HARRY GREEN

MARIE DRESSLER

WILLIAM HAINES

E' bem divertida a vida do artista de Cinema, mas a publicidade obriga a tanta cousa. . .

MARION DAVIES

A minha maior emoção

(FIM)

que alguem lesse aquillo. Foram publicados, o anno passado, trechos desse diario. Mas o restante delle ninguem leu... Era meu habito, quando escrevia minhas memorias, apresentar as cousas e as pessoas com quem convivia, absolutamente despidas de fingimentos. Ao natural, portanto. Nas expressões mais francas e mais despidas de fingimento. Eu sentia arrepios cada vez que pensava poder o livrinho cahir nas mãos de uma pessoa que me odiasse. Porque eu sabia, perfeitamente, que as revelações das suas paginas, destruiriam no minimo seis lares de Hollywood... Eram opiniões minhas sobre as attitudes de certos maridos de Hollywood a meu respeito... E, além disso, as datas e os factos ali narrados, tambem arruinariam cinco carreiras preciosas do Cinema...

Mas eram cousas que eu tinha para meus olhos, apenas. Ninguem mais precisava ler o que eu havia escripto. O meu unico consolo era que elle estava fechado a chave e que esta ainda commigo estava...

Corriam estes detalhes pela minha cabeça e, ao mesmo tempo, ouviu-se um toque de campainha. Abri a porta, porque era cedo e a minha empregada ainda não havia chegado e surprehendi-me diante de um mensageiro que me trazia uma caixa muito bem acondicionada. Antes de a tomar nas mãos, eu já sabia que eram flores do meu perseguidor constante. As côres da fita denunciavam-no. Puz a caixa sobre a cama e abri-a, rapidamente. Sob as flôres, estava um cartão com apenas isto escripto: "Devolva-me o teu amor. Devolverei o teu livro." E era só.

Chamei o meu real amigo. Contei-lhe, com voz tremente, o que se passava. Elle disse, apenas. "Queira Deus que nunca me apaixone assim por uma pequena que não me queira..." Perguntou-me elle, depois, se esse diario continha coisas excessivamente francas e intimas que prejudicassem a minha vida. Expliquei-lhe, como pude, que o livro, em certos trechos, era bastante franco. Fiz com que elle comprehendesse que aquelle livro, num jornal, seria extremamente desagradavel. Impressões terriveis de grandes artistas de Hollywood... Gente de industria tambem ali estava envolvida... E haviam outros, então, que seriam o fim da carreira da propria Alice White...

Formulamos toda a sorte de planos. Chamamol-o ao telephone. Mas elle se recusou a conversar com qualquer um de nós. Escrevemos. Mas elle a nada respondeu. Só nos faltava pensar na policia. Mas a policia traduzia-se em publicidade. E publicidade era justamente o que nos amedrontava naquelle instante... Soffri, numa semana, o que em annos não soffrera. Ao cabo delle, recebi uma carta. Dizia-me ella que ou eu me casava com o mais velho e abandonava o mais velho, ou, então, aquillo tudo iria para os jornaes... Não dormi. Mas, pela manhã, tinha um plano engatilhado para rehaver o meu precioso diario. Requeria calma e nervos. E o auxilio do meu pequeno. Mas era a ultima esperança. Eu precisava rehaver o diario antes que os jornaes o apanhassem. Só o pensamento dos titulos gordos de uma primeira pagina faziam-me chorar...

Decidimos, meu pequeno e eu, tirar-lhe o diario pela forma como elle o tirara da minha casa... A' tarde, depois de espionar o ambiente, tinhamos o schema da nossa acção traçado. Embora fosse perigoso...

Armados, ambos, seguimos para o local. A rua estava absolutamente deserta. Não se ouvia nada. O policia passou e desappareceu. Aquillo afigurava-se aventuresco e terrivel. Atirei-me para as escadas que davam accesso ao appartamento do homem e, ao chegar ao topo da mesma, verifiquei, num suspiro, que ninguem me havia visto... Porque, afinal, se me vissem, seria o diabo. Porque Alice White, em Hollywood, parece-me que não é uma desconhecida...

A porta achava-se fechada. Toquei a campainha, tendo o dedo no gatilho do revolver. Ella não se abriu. Ali não estava ninguem. Voltei para o carro. O meu pequeno aconselhou-me a entrar, "como elle entrara no meu appartamento". E eu voltei para lá, de novo, com todas as precauções. Era preciso agir. Eu estava decidida a tudo. Porque temia que já fosse tarde para deixar para o dia seguinte...

Combinamos que eu estaria á porta e que elle entraria pela escada de incendio. Assim fizemos. Era morte certa se algum guarda o visse. Mas era morte da minha moral se alguem desse francá publicidade ao meu caderninho de pensamento...

Depois, emquanto elle subia, resolveu-se que eu ficasse ali, mesmo, aos pés da escada de incendio, para assobiar se alguem apparecesse.

Appareceu um policia. Meu coração gelou. Elle se approximou de mim.

— Então, menina, o que ha? Precisa de alguma cousa? A estas horas...

Eu o olhei. Depois, mais calma, respondi-lhe que esperava o meu marido que tinha ido buscar algo no appartamento e que devia voltar logo.

Elle fez uma delicada continencia e retirou-se.

Passaram-se momentos de terrivel angustia para mim...

Nisto, pela porta do appartamento saiu o meu pequeno. Entrou, rapido e o carro rodou, celere.

Até ao quarto do meu appartamento, nenhum de nós disse palavra. Depois, beijando-me com ardor e paixão, deu-me elle o livrinho que tinha sido a causa toda daquelle susto e daquelle temor... Havia *dynamite* naquelle livrinho. E o pavor nós tinhamos que aquillo tudo explodisse...

O homem que eu não amava e que me amava, jamais me aborreceu. E o rapaz que eu amo nunca me disse como é que conseguiu rehaver aquelle diario...

E' um caso que eu procuro esquecer. Mas que sempre é e sempre será o caso mais emocionante de toda a minha vida...

No Mundo da Lua

(FIM)

Caminhou. Passos adiante, Terry tornava a alcancal-a.

— Volta, vamos! Tens que pedir desculpas a Daphne!

Ella o olhou. Riu intimamente daquella pobreza de espirito.

— Deixa-me! Não me faças rir com as tuas propostas impagaveis...

Continuou andando.

—O—

Não foi preciso muita cousa.

Quando elle voltou e entrou pelo camarim de Daphne a dentro, ainda nervoso, encontrou-a nos braços de Don Cordova.

Houve alguns murros e algumas phrases pesadas. Depois mais nada.

Quando terminou o espectaculo elle procurou Carlie. A' porta, não teve coragem para entrar. Depois veio-lhe a idéa. Arrancou um dos botões do punho e entrou.

— Carlie...

Não houve resposta.

— Carlie...

Tambem não houve.

Ahi elle accendeu luz. Ao fundo do leito, perfeitamente immovel, olhos brilhantes, Carlie.

— Sabes, tinhas razão e eu aqui estou para te pedir que me perdôes. E' que...

Sempre o mesmo silencio. Elle continuou.

— E' que... Eu os vi abraçados e obtive a razão para os teus conselhos e tuas palavras.

Carlie não falava.

E, ahi, resolvi vim dizer-te que nada mais tenho com a companhia e que regresso para New York.

A noticia de sensação tambem ficou sem resposta...

— Mas, com seiscentos, respondes-me ou não?

Carlie moveu-se para elle. Seus olhos, apenas.

— Terry. E's sufficientemente grande e sufficientemente homem para que de nada valham os meus conselhos...

Fizeram silencio. Depois, emquanto Terfalava, relembrando todas as glorias que tinham colhido juntos. Todas as peças em que figuraram. Os theatrinhos e os theatrões em que haviam trabalhado.

Seu pequenino coração já se amollecia...

E, quando elle se voltou e lhe pediu, com uma tristeza na voz, que ella não o abandonasse nunca mais, Carlie já havia esquecido tudo.

— Carlie. Beija-me! Vamos fazer nossa união para todo o sempre...

Beijaram-se. Tantas vezes elle já a tinha beijado, tantas!... Mas, para Carlie e para Terry, aquelle beijo parecia ter um sabor differente, exquisito...

—O—

Ao passar pela porta do camarim de Daphne, ella o parou.

— Terry!

— Deixa-me!

— Quero falar-te!

— Nada tenho a ouvir!

— Mas, Terry, escuta...

Elle relutou. Depois entrou.

A porta fechou-se sobre ambos...

—O—

Ao fim do espectaculo, alegre, sem ter notado que Terry a evitava, Carlie procurou-o. Entrou pelo seu camarim a dentro.

— Terry...

Elle, sem se preoccupar com ella, apenas lhe fez um signal que se sentasse.

— Bem sei que me esperaste para jantar. Mas é que me demorei... E, quando cheguei, já tinhas sahido...

Elle nada dizia. Continuava arrumando a sua mala.

Ella notava aquillo mas não ligava bem as situações.

Depois falou. Muitas cousas que seu coraçãozinho alegre lhe dizia ao sentimento. Falava! Que até Eddie, o ensaiador, notara o seu contentamento!...

— Mas a culpa foi minha, Carlie!

Ella pensou que fosse ironia. Tentou explicar. A porta abriu-se. Carlie ficou atraz della. Daphne entrou, em combinação, apenas e com um kimono vermelho entre os dedos.

— Terry, querido, tens lugar para isto na tua mala?

Terry ennervou-se. Olhou para o lado de Carlie. Daphne acompanhou o seu riso.

— Oh, meu bem! Desculpe, sim! Eu não a tinha visto... Mas, Terry, ainda nada lhe contaste?

Terry emmudeceu. Carlie procurava não comprehender aquillo que já lia claramente na situação que diante dos seus olhos estava...

— Pois, querida, é bom que saibas. Partimos! Terry e eu... Olhe!

Exhibiu-lhe uma alliança lustrosa e pesada. Bonita e novinha.

Estavam casados.

Seus labios murmuraram qualquer cousa. Felicidades, bôa vida. Qualquer cousa assim! Sahiu bruscamente. Bruscamente cahiu dentro do seu camarim.

— Meu Deus... Vi, mesmo, bem direitinho tudo aquillo?...

E, pesadamente, rodou sobre os calcanhares e tombou pesadamente ao solo...

——O——

Dahi para diante tudo mudou. Elles voltaram ao theatro. Carlie passou a ver a descida da alegria dos olhos do seu companheiro. Notava o que de terrivel se passava entre elle e a esposa. E ella, cada vez mais voluvel. Cada vez mais futil. Apenas queria uma cousa. Que elle desmanchasse a sua parceria com elle e, com ella, Daphne, fizesse um numero de variedades em New York.

Terry levou semanas para se tomar de coragem e tudo dizer a Carlie. Mas esta percebeu.

— Terry. Não rodeies! Para que? Já sei. E acho justo, creia! Tua esposa quer fazer comtigo um numero de variedades...

Dias antes Eddie já a havia convidado para ir passar uns tempos na fazenda que tinha. Ella pensara. Eddie éra attencioso e bom para com ella. Não podia recusar...

Ahi Eddie entrou. Pediu licença a Terry e, aos cochichos disse a Carlie que tudo estava arranjado.

— Mas, Carlie, se eu te deixar, o que farás?

Carlie ouviu-o. Depois olhou Eddie e sorriu.

— Não te incommodes commigo. Vae, satisfeito, sorridente! Porque eu, vou para a fazenda, fazer companhia a mãe de Eddie...

——O——

Depois, emquanto representavam, Terry tentou convencer Carlie que não devia ir passar tempo algum na fazenda de Eddie. Porque elle era solteiro. E que não ficava bem, mesmo. Ella sorria. Disse-lhe, depois, que não tivesse cuidados porque a mãe delle lá estaria para evitar os fallatorios...

Terry insistiu. Insistiu. Depois perguntou.

— Casas-te, Carlie?...

Ella o olhou. Ia responder. Mas um "Oh, Terry!!!" da esposa que lhe passava ao lado, fel-o comprehender que nada tinha a ver com aquillo...

Quando todos se preparavam para sahir, ao fim do espectaculo, Daphne agarrou Don que passava pela porta do seu camarim.

— Tu te vaes?

— Vou!

— Não irás!

— Irei.

Ella o agarrou. Enterrou-lhe as mãos pelos cabellos e, nervosa e agil, beijou-o soffrega e arrebatada.

— Sabes, querido, que Don nada para mim significa...

Elle a olhou e sorriu.

— Amo-te e sei disso. Mas achas que poderei a vida toda beijando-te e passando sustos?

Ella o olhou. Beijou-o, novamente. Beijaram-se, longamente.

— Não precisarás! Eu arranjarei um meio de o afastar...

Ouviram passos.

Largaram-se. Rapido, Don ganhou a sahida e embarafustou pelo corredor.

Ao passar, esbarrou com Terry que vinha vindo.

— Hello, Don!

— Hello, Terry!

Separam-se.

Houve um recuar rapido de Terry que ligeiro, atirou Don para o interior do seu camarim.

— Mas... Terry...

— Cala-te!

Caminhou para a sua mesa. Tirou cosmetico de maquillagem que tapava um pequeno orificio que dava margem a se ver tudo que se passava no camarim de sua esposa...

— Supponha, Don querido, que um marido aqui esteja e veja, do lado de lá, um patife beijando-lhe a esposa. O que achas que aconteceria?

Don estremeceu. Fingiu.

— Bem, Terry, nada tenho com isso. Bye!

Um ponta pé e a porta fechava-se.

— Não, meu velho, vaes, agora, representar o teu ultimo papel de galã perfumado e querido das pequenas...

E cahiu de murros sobre elle. Atirou-lhe ponta pés. Soccos. Sopapos. O diabo!

O pobre já andava sangrando por todos os lados e gemendo alto.

A primeira que escancarou a porta e entrou, foi Daphne. Atirou-se sobre Terry, aos murros.

— Canalha! Para! Para! Não lhe batas mais. Seu bruto! Seu covarde!

Entrou Eddie.

— Mas calem-se, pelo amor de Deus! Ouve-se tudo de lá do palco!

Agarrou Don. Forte, como era, impediu que a luta continuasse.

— Don, sáia daqui!

Elle o fez. Daphne agarrou-o á sahida.

— Elle só sáe commigo! Considere-nos fóra desta bagunça! Seu...

E lá se foram escadas a baixo...

——O——

Terry não tinha mais forças para representar. Era a ultima humilhação. Trahido. Castigara o canalha que o aviltara. E era sua propria mulher que o aggredia em defesa do amante...

Não podia continuar. Procurou Carlie. Pediu-lhe que o auxiliassem naquelle acto...

Carlie foi. Venceu o publico com a sua bôa vontade de sempre. Suppriu a falta de Terry. E a de sua esposa...

E quando ella voltou e foi tomar a pobre cabeça anniquilada e triste de Terry entre suas mãos, acariciando-a, apenas sentiu lagrimas quentes nos seus braços e desespero dentro daquelle pobre coração despedaçado...

——O——

Depois continuaram juntos. Terry comprehendeu Carlie.

Beijou-a.

Casaram-se.

Para que nunca mais nada os separasse e nenhuma outra paixão o empolgasse como Daphne o empolgara...

Homens!... Mulheres!...

(F I M)

Para-se para admirar a mercadoria. Mas é triste quando se encontra uma vitrine feia e sem graça...

— No emtanto, já perdi, pessoalmente, todo o interesse em muitos homens bonitos, justamente depois de 5 minutos de conversa... Porque, ao cabo dos mesmos, vi que era só vitrine... Loja?... Completamente vazia.

— Sei que não sou differente das outras gostando da intelligencia de um homem. Os que me dão alimento mental para meu cerebro, são os que prefiro.

— Alguns homens que encontrei, na minha vida, fascinantes, elegantes, intelligentes. Eram terrivelmente voluveis... O que possuiam, antes de mais nada, era aquillo que chamamos *personalidade* e que é, justamente, a razão maior de uma attracção. A combinação do cerebro com o physico. Virilidade e intelligencia. Um dos homens mais agradaveis que conheço, é Joseph Schenck. Outro é Jack Donahue. Conhecendo-os é que se poderá comprehender melhor o que digo. Mas são tristemente feios...

— A idade não influe na attracção que porventura um homem possa ter. A regra é uma só. Os maduros, são justamente aquelles que mais interessam... Se me perguntar qual aquelle que eu prefiro amar, sentir-mehei constrangida a não poder responder... Quando vem o amor... Não importa idade, nem belleza, nem nada... Caso-me com o primeiro que amar. Pode ser tolice. Mas amor e raciocinio são cousas que não se ligam, absolutamente...

— O casamento, para ser permanente, não deve nunca ser realizado quando os dois muito jovens. A mulher só se deve casar depois dos 26. O homem deve ter de 3 a 4 annos de idade a mais. Mas quando o amor vem... Até com 12 é possivel o casamento... E' possivel que me case com um rapagote. Quem sabe? Mas os casamentos nas idades que citei, são mais ou menos os mais sensatos.

— Sou adepta do casamento, é logico. E' uma instituição necessaria. Nem tanto para os que se casam. Mas sim para as creanças que venham a nascer. Basta que se veja o que está acontecendo actualmente na Russia. Os filhos geralmente não conhecem seus paes e vivem pelas ruas, como malta de animaes sem dono... E' por isso que se tornam ladrões e outras cousas semelhantes. O casamento, por isso, é a mais necessaria das instituições. Os modernistas não poderão descobrir nada que substitua esta velhissima instituição. Mas casamento e amor nada tem de commum...

— Tambem creio no divorcio. E' erro pensar e acceitar como justa a situação de dois que se casaram e que já não mais se podem suportar. A vida não pode ser uma eterna luta de box domestica. O divorcio é como o ladrão das banheiras. Evita innundações...

— Mas parece que o divorcio é previlegio dos ricos. Isto é o diabo! Mas, emfim, que fazer... São tantas as cousas que são privilegios dos ricos...

— Qual o primeiro requisito para um casamento feliz? Um senso de humorismo? Acho que isto é muito sarcasmo... E' muito infantil estar aqui a dictar leis para o principal requisito do matrimonio. Mas acho que, antes de outra cousa, é preciso que se unam, moral e physicamente, pela vida toda, os que se casem, como, mãos enclavinhadas em oração perenne...

— Deve haver accordo physico e moral.

— A mulher é sempre a que paga. E' a que entra com o maior quinhão, para o casamento. Um exemplo? Perfeitamente. Os filhos. A agonia deste sacrificio, não ha homem que pague... E' o supremo sacrificio. E muitas mães já me contaram que só por isso os maridos deveriam ser escravos a vida toda...

— As mulheres amam com muito mais facilidade do que os homens. Mas quando o coração de um homem desperta. Ahi é o seu affecto que impera. Porque é mais forte e mais duradouro. O amor é pouco provavel que dure por toda uma existencia. E' possivel. Mas será excepçao a regra... E' logico que o amor de 25 annos de casados é bem differente do amor de um casal que está na primeira semana de nupcias...

— Falando de amor, é preciso chegar á uma bôa definição do que seja emoção. Não sei, pessoalmente, o que ella seja. Jamais ouvi, tambem, dois que concordassem com a mesma opinião. E', emfim, qualquer cousa de sublime que, de tão sublime, não ha definição que attinja...

— Os homens são todos differentes. Os homens da europa não são como os homens da America. Ha até differença dos homens de New York para os de Hollywood... Em Hollywood, os homens são meninos. Companheirões para o tennis ou outro sport qualquer. Mas ha, em Hollywood, apenas uns 2 ou 3 que são sufficientes para qualquer mulher... Os homens de New York, ao contrario, são homens de facto. Discutem tudo. Peças. Musica. Arte. Falam muito de negocios. E' o unico grave deffeito que possuem. Mas o principal deffeito do norte-americano é gostar muito de falar de si proprio esquecendo-se um pouco de quem está perto...

— Ha muita differença entre o homem americano e o europeu. Os europeus são melhores amantes. Mas os americanos são me-

(Termina no fim do numero).

Porque fracassam os casamentos em Holywood

(F I M)

— Foi isto que annullou nosso casamento. Jack apreciava desmedidamente a leitura. De jornaes. Não me incommodei nunca com isso. Mas é que sómente ler jornaes e nada, absolutamente nada mais, com franqueza, não é o sufficiente para fazer feliz um casamento... Em primeiro logar, não traz um cheque no fim da semana. Em segundo, não coopera com os esforços da esposa que passa o dia todo num Studio, trabalhando. Elle era um perfeito cavalheiro. Tão cavalheiro e litterato que me decidi pela separação. E, hoje, divorcio. Casamo-nos em Porto Chester, New York. Immediatamente viagei para Havana. Tres mezes depois, numa igreja de Beverley Hills, uniamo-nos religiosamente.

— Illusões? Não as feri, creia, porque nunca as tive. O meu casamento custou-me apenas uma cousa. Dinheiro... E bastante, creia...

Talvez o caso mude de figura com Lowell Sherman. Ha amor, póde-se suppor. Eu a vi justamente após o noivado ter sido annunciado. Havia, no seu dedo, um annel lindissimo. Ambos já se esqueceram de que ella fôra senhora Jack Regan. E que elle fôra senhor Pauline Garon... Ella crê que, desta feita, vença o infortunio. Merece. Mas... Vencerá, mesmo?...

———

Anna Q. Nilsson. Endereçava enveloppes quando a procurei. Ainda escrevendo, disse-me, perfeitamente calma.

— Foi, para mim, uma grande experiencia. Durante annos de minha vida, escreva, jamais aprendi aquillo que os annos de casamento me ensinaram... O que aprendi ao lado do meu ex-John Gunnerson, vale-me de muito.

— Jack é um bello rapaz. Talvez, mesmo, o melhor rapaz que conheci em toda a minha vida. Mas fez-me concluir, segura, que se me casar de novo será, por força, com um homem que houver realizado alguma cousa na vida.

— As mulheres admiram os homens emprehendedores. A's vezes feios. Insociaveis. Mas são realizadores. Formidaveis! Não comprehendia isto e nem á isto dava valor. Agora comprehendo, perfeitamente. O successo traz a adoração. Quando a mulher é forçada a trabalhar para ella e para o marido, cessa todo o respeito e toda a admiração. E a infelicidade entra pelos diques todos abertos...

— Não póde haver felicidade quando a mulher, todas manhãs, vae para o Studio e sabe que deixa, almoçando calmamente na cama, o marido. Depois, pelo telephone, cuve-lhe os beijos que vêm do club. Do banho de mar. Dos passeios a cavallo. Depois, cansada, exhausta, corre a tirar a sua maquillage para ir para um restaurante chic jantar e dansar... A's vezes queimam os olhos das luzes dos Studios. Arde a pélle da maquillage arrancada ás pressas. Mas é preciso jantar sorridente e dansar satisfeita com o marido perfeitamente inutil e perfeitamente distincto...

— Póde ser que me case de novo. Não o posso affirmar. Mas será com um homem que não seja da minha profissão. Deverá trabalhar por elle e por mim. O marido tem direitos.

Mas a mulher tambem os tem. Mulher que sustenta marido não o supporta em menos de um anno.

— Eu e Jack estamos divorciados desde 1926. Visito frequentemente sua familia. São meus bons amigos. Sinto-me feliz, mesmo, com essa amizade. Só o vi uma vez após a nossa separação. Nada houve de anormal. Mas o que garanto é uma cousa. Que poderei tentar mais uma vez. Mas sómente se fôr nas condições que já disse.

———

Jacquelina Logan que se casou com Ralph Gillespie após diversos noivados, tem uma historia mais ou menos assim. Trabalhou um anno, arduamente, para sustentar o seu lar. O marido pouco ou nada fazia. Era ella que trabalhava. Foi por isso que ella, mais tarde, uniu-se a Larry Winston, rapaz rico e trabalhador. E isto, bem pouco tempo depois de seu divorcio de Ralph. Casaram-se em Agua Caliente. Desejosa de amparo e protecção, Jacquelino procurou um homem que não fosse sua esposa e sim seu marido...

— O casamento — diz Jacqueline — é como um jogo de rugby. Ha o jogador que se exercita nos quadros inferiores para attingir o quadro principal. O primeiro casamento é o quadro inferior. O quadro principal sempre vem depois e é o mais forte...

———

Agnes Ayres, casada com Manuel Reachi, viu a sua pobre Maria Eugenia, pequenina e linda, ganhar um vestido muito bonito e tel-o, tempos depois, rustido e roto. Porque?

— Porque tudo se foi. Perdi minha opportunidade. A gordura cortou-me a carreira. Minha filha era minha unica occupação. E meu marido... Se me casar de novo, creia, será com um norte-americano. Os latinos são esplendidos amantes. Mas são pessimos maridos...

Assim é que ella relata o que foi a catastrophe da sua felicidade.

— Casamo-nns muito ás pressas. Conheci-o num jantar. Quasi que simultaneamente nos casamos. Nem quero e nem gosto de falar disso. Existem cousas que silenciadas são muito mais eloquentes... Elle é extremamente fascinante. Tem maneiras muito distinctas e é admiravelmente delicado e cavalheiro. Mas os latinos são por demais differentes dos anglo-saxões. Nunca se devem casar individuos destas duas raças tão diversas. O codigo dos latinos é muito diverso do nosso. Como perseguidores amorosos são unicos. Mas, casados, procuram dominar pela força. No seu paiz, provavelmente, encontraria mulher adequada. As mulheres, lá já serão adaptadas á taes temperamentos. Para ver, basta isto. Já me acho divorciada. Elle vem sempre para ver Maria Eugenia. E ainda diz que devo tornar a deixar crescer os cabellos que cortei... Elle os quer como eram quando eramos casados... Que tal?

— —O casamento não é feito para os artistas. O que é normal na vida de todos, não o é na vida dos artistas. Eu amo as creanças. Do casamento só tive um lucro immenso. A minha Maria Eugenia.

———

Madge Bellamy, com casamento, sempre foi mysteriosa. Casou-se ás pressas com Logan Metcalf em Tia Juana. E não foi elle mais do que uma série de acontecimentos amargos e contristadores. Terminou justamente quatro dias após o começo... Hoje já ha o divorcio final. Madge, ainda ferida, ainda magoada, evita tocar neste accidente que foi o seu casamento.

— Escolher carreira ou um cavallo, é facil. Acerta-se. Mas casamento, nunca! Os maridos são os animaes mais incertos deste mundo. Tento esquecer a minha longa embora curtissima experiencia. Quero pol-a para sempre fóra de minha vida. Casar-me-ei de novo? Monologo shakespeareano... Mas acho que a solução é francamente negativa...

———

Mae Bush deixou-se envolver pela fumaça do cigarro que fumava. Depois respondeu, segura do que dizia.

— Penso com Anna Nilsson. Só me casarei, de novo, com um homem que já tenho feito alguma cousa ou que ainda venha a fazer alguma cousa. Nem filhinhos de papae e nem desoccupados disfarçados em meninos ricos... John Cassell, quando o desposei, era bom. Depois é que vi a especie de carta que elle era...

— E' um bom rapaz. Mas eu ia para o Studio. Trabalhava por mim. Por meu pae. Por meu marido. E minha madrasta. Não era o sufficiente?

— Já tenho duas experiencias matrimoniaes. Acho que não me caso mais. Já tive o sufficiente. Os artistas não se póde dizer que sejam maus maridos e más esposas. Richard Arlen e Jobyna Ralston são uma prova de felicidade perfeita. Mary e Douglas. King Vidor e Eleanor Boardman. Mas é preciso que os homens sejam homens, de facto. E que, embora artistas, sempre tenham virilidade e iniciativas brilhantes.

A Ilha Mysteriosa

(F I M)

Ferido, jorrando sangue das suas chagas, Dakkar pede a todos que abandonem o submarino. Transmitte o seu poder a Nikolai. Beija a testa fria e loira de Sonia. Une-os sob a benção sagrada dos seus bons votos.

E, depois, como sua ultima vontade, pede para descer ao seu verdadeiro tumulo, o fundo do mar.

Entra para o submarino.

E' tardinha. O sol morre. E, emquanto commovidos Nikolai e Sonia lhe dizem adeus, elle entra para a machina e a faz submergir.

Enterra-se vivo.

Sob as ondas.

Quiz morrer dentro do apparelho que ia inventando para desgraça dos homens e infelicidade suprema do seu povo...

Eu conversei com Gary Cooper...

(F I M)

lando sobre assumptos varios. Tocou-se vitrola. Musica hespanhola... Eu scismo, até, que Gary adora a grippe, só porque é hespanhola...

— Gosta das musicas latinas?

— Latinas... Se gosto! São muito sentimentaes e bellos musicistas os latinos!

— E as mulheres?

Aqui caberia, melhor, um detalhe de Lubitsch, com Gary abaixando-se e falando-me, malicioso ao ouvido e, em seguida, um rapido escurecer... Mas elle respondeu. Calmo e ponderadamente.

— As mulheres... Sou positivamente suspeito para qualquer cousa lhe responder sobre as mulheres da raça que discutimos... Não sou latino. Sou legitimo anglo-saxão. Mas cruzou-se uma latina em minha vida. Ella...

Parou de falar. Olhou-me. Depois volveu seus olhos azues para a fumaça do cigarro que subia para o forro.

— Acceita um cigarro, Mr. Marinho?

Acceitei. Outro silencio. A victrola rodava. Havia ali um individuo que acompanhava com assobio.

— Quaes são os papeis favoritos, Mr. Cooper?

— Qualquer delles que esteja de accôrdo com minhas possibilidades. Aprecio os caracteres de homem mau. Variar, ás vezes, é bom. Não saberia interpretar um velho e nem um joven de menos idade do que eu.

— Já representou em theatros?

— Não. Nunca!

— E não gostaria de ser artista de theatro?

— Não. Nunca!

— E o que pensa dos films falados?

— São melhores do que os silenciosos. Requerem mais sciencia. Mais cerebro. Mas dão muito menos trabalho.

— O que? Como?

— Sim. Dão muito menos trabalho. Levava-se seis a oito semanas para se fazer um film. Agora, com a fala, leva-se tres e cinco, no maximo.

— Pois olhe. Confesso-lhe que pensei justamente o contrario...

— E não era o unico, não. Todos imaginavam tambem assim. Foi, mesmo, o que succedeu no principio. Mas agora, com os melhoramentos existentes e com os que se inventam, do dia para a noite, não succede o mesmo e o trabalho é bem menos exhaustivo.

Fez-se pausa. Elle se acaba de se vestir e eu imaginava uma série de mil e tantas perguntas. Não podia imaginar em o ver partir. Mas elle já me havia avisado de que descia. Mas eu o tinha ali. Porque me interessava pela sua ida a Los Angeles? Bati noutra tecla. A conversa sobre Cinema já não andava mais... Perguntei-lhe se amando, sentia-se feliz.

— Sinto-me. Muito! Talvez ainda não tivesse amado, na vida, uma vez siquer... Hoje, que amo, o amor, para mim, é um paraizo inexgotavel de felicidades. Para o homem, o amor póde ter o tamanho e o sabor que elle queira. Póde ser grande. Immenso. Sublime. Doce. Agradavel. E mais uma porção de coisas.

Seus olhos azues, sombrios, olhavam-me. Muitas foram as vezes que elle fixou o retrato de Lupe, emquanto falava. Eu é que ia comprehendendo, então, a profundidade e o tamanho daquelle amor...

(Termina no fim do numero)

Homens!... Mulheres!...

(FIM)

lhores maridos. Os homens do continente têm mais opportunidades para a pratica. Treinam em pequeninas cortezias que os tornam habeis com as mulheres. Os americanos, enfiados diariamente nos escriptorios e nos negocios, têm muito pouco tempo para aprenderem a amar...

— O europeu verá um ivro. Uma flôr. Um perfume. Dirá. "Isto deve ser do gosto della..." E compra e leva. E é do gosto della, mesmo. Os americanos telephonam á florista ou ao joalheiro e mandam levar "amostras" ás mulheres que amam... E isto é um costume abominavel!

— O amante americano não é generoso. O marido é. Já que ella seja sua esposa, tem automoveis, joias, criados. E para isso é que elle lucta. Mas o amante americano é mais sovina do que uma anecdota de judeu...

Mas quando casa, torna-se marido "coronel"... E é, mesmo, o mais coronel de todos... Toma o matrimonio como a cousa mais seria do mundo e esquece-se de todas as sovinices dos seus "rushes" de solteiro...

— Na Europa, o casamento não impede o flirt. Aqui, mulher casada que flirta... Ou leva tiro ou fica mais falada do que uma fita-revista...

— Isto, quando não entram punhos ou armas em scena e tudo acaba num "trail" ou numa cadeira que dá choque e que ninguem não quer...

— A camaradagem e simplicidade que aqui ha entre os representantes dos dois sexos sempre em lucta, é absolutamente sem poesia e encantamento. O rapaz e a moça que remam, nadam, cavalgam e jogam tennis, juntos, quanto ouvirem uma declaração de amor riem, na certa... Estejam num jardim florido ou num carramanchão mais romantico dos que os idyllios de King Vidor...

— Mas amam. Casam. Vivem felizes. O divorcio para os americanos, não é mais nada do que um facto diario commum...

Eu conversei com Gary Cooper

(FIM)

— Noto que o seu amor é quasi paixão...

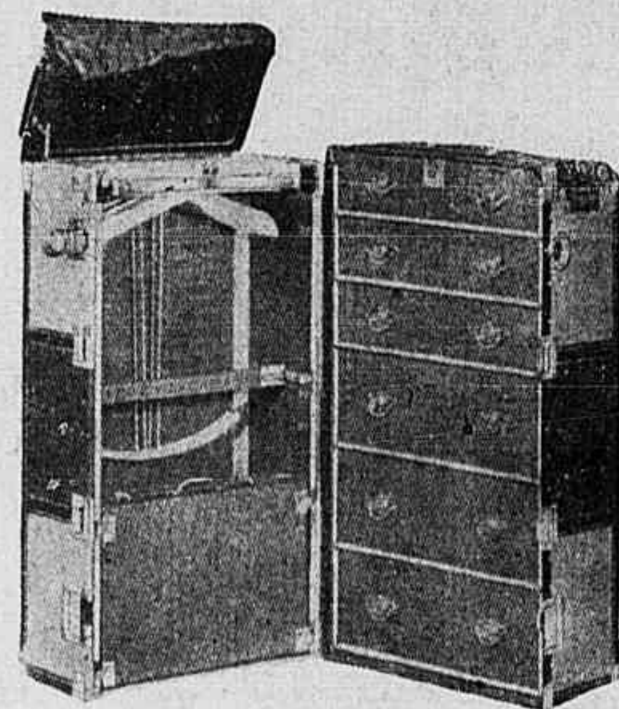
— Pois nota mal. A paixão... E' a exhaltação dos sentidos! Uma ansia incontida que nunca se satisfaz. E o amor, não. Eu amo. E não sinto insatisfacção e nem exhaltação de sentidos... E' um affecto enraizado, immenso. Mas é calmo, Despido de violencias. Mas...

Ergueu-se.

— Desculpe-me. Sou bem capaz de não sahir mais daqui e, afinal, preciso mesmo ir. Esse assumpto é grande e podemos divídil-o em duas, não é Apreciei-o muitissimo e aprecio immenso **CINEARTE**, o seu magazine. Volte quando quizer que aqui me encontra para o servir. Hoje é impossivel continuar. Se não chegar ao tribunal, até ás tres, pagarei cem dollares de multa. Deseja-me esse prejuizo?

Quasi que lhe offereço os cem dollares para elle continuar ali com a sua prosa amiga e sympathica. Mas elle já se ergue e, sorrindo estendia-me a mão.

Eu havia tocado muito bem a corda sensivel do seu coração... Mas cem dollares, dinheiro, sempre dinheiro, impediam-me continuar ouvindo a canção que elle já echoava...

Partiu. Eu tambem. A nossa entrevista pareceu-me um film dialogado. Mas eu notára tanta coisa bonita... Ainda ficará para a proxima. Mas nesta já não está tudo que a leitora deseja?

Orphãos do divorcio

(FIM)

vidos como se fossem a respiração de fogo de um anjo máo.

— Judith. Você ainda é tão criança! para comprehender o que Rose é para mim...

Não. Ella não era tão criança!

Não era!

— Martin...

E falava com elle que já estava muito longe de seus olhos.

— Martin... Não sou criança, não! Antes fosse menor do que a ultima de minhas irmãzinhas! Mas sou Judith! A mãezinha de todo elles... Se fosse criança, Martin, eu não comprehenderia que te amo! Pensaria que eras um Papae moço e grande e forte que me vinha tirar a tristeza do coração para me dar a boneca maior do bazar da esquina...

— Martin... Eu sou criança! Sou! Porque te amo com toda a ingenuidade de uma criança, mesmo...

E chorava. A pergunta indiscreta de um de seus irmãozinhos. A queixa de outro. Ella recebeu, nesse dia, com aspereza e séria preoccupação...

* * *

— Sabes, Terry, Judith hoje está tão triste...

* * *

Aquella noite, quando se deitou, Judith teve mil planos.

Foi para porta do quarto de seus paes.

— Joyce, és bem ordinaria! Pensas que não te vi aos beijos com aquelle canalha?

Era a phrase de seu pae...

— E tu? Quem é mais canalha? Elle, que me beijava? Ou tu que assistias e que não tivestes a coragem de entrar e esmurral-o?...

Era a phrase de sua mãe.

Não podia continuar. Afastou-se. Se continuasse ali, teria que entregar metade para outro homem. Metade para outra mulher. E teria que deixar de lhes dar o café da manhã. E os contos de fadas, da noite...

Precisava resolver.

Sua mãe peorava dia a dia. Seu pae, mais ainda. Sorrindo e recebendo convidados. Elles se odiavam. Porque a primeira quéda é a vergonha. A segunda é o habito. A terceira é o odio e a separação...

Ambos não prestavam.

Mas prestavam os seus irmãos. Prestava Martin Boyne. Elle sempre fôra recto e digno. Não a abandonaria na curva do caminho.

— Eu o segurarei. Atiro-me aos seus labios e beijo-os com mais forças do que Rose Sellers o beijou em dez vezes! Elle olhará para mim. Continuará achando-me criança... E, depois, não me protegerá elle contra meu Pae e minha Mãe?...

* * *

No dia seguinte, ás escondidas, ainda dia escondido, Judith e seus seis irmãozinhos, tiritando de frio. Achavam-se na Estação. Partiram para a Suissa.

Dias depois, emquanto os jornaes noticiavam a historia da "irmã mais velha que raptou os seus irmãos menores".

Judith roubava de Rose Sellers o seu adorado Martin Boyne.

— Martin... Quando eu te beijei e e quando eu te disse a minha desgraça, você comprehendeu que eu não era mais uma criança... A maior dos meus irmãos?...

Elle a olhou.

— Quando conheci teu pae e tua mãe. E quando vi você e seus irmãos. Quando senti a dignidade do teu procedimento. Quando vi a especie de menina que éras, Judith, amei-te! Não te quiz considerar mais do que uma criança, querida, porque meu coração já te considerava mais do que minha propria vida...

Silenciaram. Depois, emquanto os pequenos não viam, beijaram-se.

— E, ahi, Judith, comprehendi que precisava voltar. Rose... Eu a tinha amado. Eu a tinha pedido. Não a podia deixar. Era questão de dignidade.

Olharam-se.

— Mas quando senti o mel dos teus labios... Quando vi o olhar pedinte dos teus pequeninos irmãos. Senti que eras tu Judith, a unica que eu podia sentir ao lado do meu coração a vida toda!

Beijaram-se.

* * *

— Martin. Aqui é Joyce que fala!

Martin tapou o phone e chamou os sete para seu lado.

— Elle quer que voltes e que leves os pequenos.

Judith pensou.

— Não! Diz-lhe que não voltarei. Pergunta-lhe se será um homem digno e Mamãe uma mulher de brio.

Elle perguntou.

— Sabes, Martin. Isso depende...

Elle se resolveu.

— Pois, Joyce, teus filhos não irão. Eu me caso amanhã com Judith e elles todos ficarão sendo os meus filhos...

Houve uma pausa.

Depois uma gargalhada.

Depois uma voz sorridente.

E'?.. Pois viva! E que a terra te seja leve com esposa e seis filhos alheios pelas costas...

* * *

Casaram-se.

E' só. Mais nada. Apenas. Mas existe, mesmo esse senhor Martin Boyne?

O Villão de "A's Armas"

(FIM)

tes de Cinema, elle tem um sport predilecto. Imaginem! Qual, não adivinham nem que queiram! Pois eu lhes digo... E' collecionar photographias, num algum. De artistas de Cinema? Não. Isso elle já deixou, ha muito tempo... Colleccionar photographias das suas pequenas... Lembro-me, e muito bem, de uma occasião que sahimos de sua casa. Em tres ruas diversas elle pediu que se parasse o carro e foi conversar com tres creaturas differentes. Afinal, quando chegamos ao destino, perguntei-lhe porque estava tão aborrecido. E elle, muito sério.

— Imagine! A Lourdes, do 64, contou á Nênê, do 27, que eu estou namorando a Ruth do 35. Todas ellas, damnadas da vida, vão, agóra, contar aquelle colossinho, a Kina, do 48, que eu já as beijei, tambem... E eu vou perder aquelle colosso!

E quasi soluçava...

E ficou o dia todo pesaroso...

Francamente, não lhe perguntei, nunca, qual o perfume que prefere. E nem qual a sua flor predilecta. No emtanto, garanto-lhes que o perfume que prefere, é sempre o dos labios da pequena que ama.. E a flor que prefere, aquella que recebe de presente, e que colleciona, caprichoso, numa caixa que já está mais cheias de petalas murchas e velhas do que o mais antigo de todos os sarcofagos...

Além disso, o Nilo é companheirão até em pancadarias. Vale a pena relembrar aqui um facto.

Elle e Joaquim Garnier, certa vez, achavam-se num dos bars de S. Paulo, entre 12 e 1 hora da manhã. Bebiam e conversavam, pacatamente. A' esquerda, um impertinente grupo a provocal-os. Joaquim Garnier, alem de advogado, productor de films, emerito chauffeur, etc., funcções que accumula e que pratica com esmero, é um sujeito de força, gigantesca. Chegou o momento em que ambos acharam que éra demais. Ao ouvido do Nilo, o Joaquim disse, baixinho. "Olha Nilo, são 6. Eu fico aqui na reserva. Vae você. Se a cousa pretejar eu entro com o meu jogo e botamos todas essa gente na assistencia". Nilo arrancou calmamente do seu paletot. Deu o relogio de estimação ao companheiro. E, num salto, atirou-se sobre o grupo que provocava. 10 minutos depois, ás gargalhadas, Garnier e elle comentavam o facto. "Você viu como elles correram? E aquelle que levou o bofetão?" E' que antes do reserva se levantar, já o grupo todo havia dado as de villa...

Perguntei-lhe, certa vez qual o seu sport predilecto. Elle se maquillava e ou percebeu mal a pergunta ou applicou ironia. O que sei é que respondeu:

— As mulheres!

Cinearte

Propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho"

DIRECTORES
Mario Behring e Adhemar Gonzaga.

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 48$; 6 mezes, 25$;— Estrangeiro: 1 anno, 78$; 6 mezes 40$.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO—Travessa do Ouvidor, 21. Endereço Telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones: Gerencia: 2-0518 Escriptorio: 2-1.037. Officinas: 8-6247.

EM S. PAULO:

Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó n. 27 — 8° andar — Salas 86 e 87 — São Paulo.

Representante em Hollywood:
L. S. MARINHO

Abysmei-me, é logico. Tornei a perguntar. Elle tornou a responder. A mesma cousa. Acabei ficando aborrecido. E elle terminou, voltando-se para mim e sorrindo aquelle seu sorriso velhaco e villão como elle só...

— Digo as mulheres, Octavio, porque, você sabe, é mais difficil jogar-se com perfeição qualquer sport por mais facil que elle seja, do que conquistar-se um coração feminino e, como sou pela lei do menor esforço, prefiro o sport que é mais canja...

Mas, leitoras não se zanguem. E' uma opinião. Mas não se lembram do que disse Billie Dove? Ella acha que os villões são os que ella prefere, na maxima expressão dos seus cynismos, porque são os mais infantis e os mais faceis de se manejar...

E, além disso, na vida de Nilo Fortes ha de haver aquella que é o **sport** mais difficil do mundo! Aquella que elle ame, de facto, e que não lhe dê a menor importancia e nem saiba da sua existencia...

O facto é que elle é gentillissimo. Cavalheiro ao extremo. Educadissimo e dos melhores elementos para Cinema que já encontrei. Quando fala de um amigo, pode-se usar de certa liberdade. E' por isso que eu deitei ironia em alguma cousa, só para ver se a Luiza, do 15, não lhe vae mesmo chamar a attenção por causa da Julieta do 148...

Quando estivemos perto de dois mezes em filmagens consecutivas no quartel de Sant'Anna, fez o Nilo, ali, bôas relações. Lembro-me uma vez, um facto que se deu com elle.

Fardado, maquillado, esperando que tudo estivesse em ordem para iniciarmos o trabalho, Nilo estava encostado á um dos pilares do pateo do quartel, fumando despreoccupando, quando ao seu lado passou um primeiro tenente. Não o percebendo e mesmo não o conhecendo, Nilo, é logico, como artista do film, nem se recordou de que era severa punição tamanho relaxamento diante de um official. Este, offendido, procurou o official de dia e, chamando-o, communicou-lhe o facto. Vendo Nilo que se achava sempre na mesma posição, chegou-se ao official, pelas costas e, batendo-lhe aos hombros, disse-lhe:

— O senhor terá a sua punição! Perfile-se!

Nilo assustou-se. E perfilando-se, instinctivamente, disse, quando a zanga do official lhe permittiu.

— Queira desculpar, tenente, Mais eu sou... artista do film...

Excusado será dizer que o official acabou rindo, tambem e o facto foi alegremente commentado entre todos que ali se achavam.

Outro facto interessante, durante a filmagem de scenas militares, foi o que se deu quando fomos apanhar os primeiros planos da "morte" do Nilo.

Procuramos um recanto socegado e quiéto e, lá, combinado com o Gouvêa secretario da empresa, mandei o Nilo deitar-se. E, ahi, alegando ser necessario á scena, pois elle devia apparecer sujo, roto e ferido, começamos a atirar-lhe terra pela cara. Agua. E, sem que elle percebesse, judiamos delle a valer! Foi filmado. E, afinal, quando terminamos, já não podendo mais aguentar, rimos a valer. E foi só ahi que elle percebeu a brincadeira...

E' logico que se termine. No dia seguinte, sentei num percevejo que elle arrumou no assento do automovel e o Gouvêa andou com um rabinho pendurado atraz das costas...

Éra a vingança do villão...

Assim é Nilo. Divertido. Bom amigo. Elemento sincero e excellente. Companheirão para tudo. E, só com um defeito.

Deixa tudo. Até filmagem, se receber uma telephonada que lhe diga:

— E' o Nilo?... Sabe quem fala? A Judith, do 238...

Talvez elle nem saiba qual é a rua, Mas elle ouviu a voz feminina. O nome. E' facil! Procura nem que seja todos os 238 de São Paulo até achar a Judith do telephone...

O que se exhibe no Rio

(FIM)

isto. Mas tambem me lembro do film E' excellente. E', mesmo, bem bom. Como Cinema falado.

E' rapido. Prende a attenção. E demonstra, claramente, o progresso que os films falados têm feito de "Laughing Lady" a "Interference".

Ruth Chatterton, contando á filhinha o seu accidente, na praia.... Quando ella e Clive Brook se encontram, na casa de Playgate.

E aquelle detalhe, depois de lhe terem tirado a filha, detalhe genuinamente de Cinema silencioso, por signal, com aquelle cachorro de panno e, depois, um plano seu, chorando e, depois, a photographia da menina...

São cuosas bôas e que muito elevam o film. Elle se passa entre gente fina e bôa.

Revela uma direcção bôa. E apresenta uma Ruth Chatterton, artista de palco, numa representação genuinamente Cinematographica. Clive Brook é o mesmo artista sobrio e alinhado de todos os seus films.

Os demais são nomes decididamente de gente de theatro. Dahi certos aspectos maus do film...

Para os inglezes e norte-americanos. E para quem entender inglez. Um bom film. Do moderno Cinema falado. E agradavel. Por ser dynamico e já ter muita cousa de Cinema genuino enriquecendo cousas de theatro que aos poucos têm que sahir por completo...

Cotação: — 6 pontos.

O desenho animado do cinema Brasileiro

(FIM)

auxilio de João Stamato, foi morosissima, pois qualquer desvio de attenção prejudicaria todo o trabalho.

— E agora, porque não film o seu "João Pestana?"...

— O "João Pestana" seria um bom personagem... Ultimamente até ando com elle em viagem por Marte, como na revista que tive levei-o á Lua... Mas isso no Brasil é poesia, meu amigo... Demais a minha clientela para desenhos industriaes não me deixa tempo para essas diversões...

Despedimos-nos, então, de Angelo Marins, queremos dizer, de Seth, que documentou-nos a sua interessante palestra com algumas illustrações, inclusive um **croquis** do film do kaiser, cujo negativo photographico elle já não guarda, na sua desillusão da cinematographia desenhada entre nós.

A primeira directora do cinema Brasileiro

(FIM)

bonitas de photographar. E, com ella, os operadores têm muito que se cançar... Não lhes dá treguas! Tem medo,sempre, que as scenas que faz não estejam perfeitas. Fal-as, não raro, mais de uma vez. E' caprichosa e dedicada. Quer que o publico se admire com o seu trabalhho. Porque trabalha para o publico e o quer sempe satisfeito.

Acha, sincera como é, que as difficuldades ainda são muitas. Mas tambem acha que com conhecimento de Cinema. Com gente que auxilie e com gente decente , principalmente, faz-se Cinema. Bem brasileiro e bem bom.

Uma das cousas que ella mais censurou, conversando commigo, foi a mania dos artistas, daqui, quererem, sempre, pretender que sabem desempenhar seus papeis sem direcção. Quando, na verdade, ella acha que elles nada mais são do que automatos a seguir um cerebro capaz e entendido que os guia e que os conduz ao successo. Acha que o maior defeito é escolher artistas de theatro para o Cinema. Porque, invariavelmente, trazem, do palco, os vicios de exagero e pouco realismo. E, no Cinema, sentem-se constrangidos com as ordens da direcção que os junge ao limite estreito dos planos curtos e compostos pela direcção.

Acha que uma das grandes deficiencias, para um film, é a ausencia de operadores. E que elles, em São Paulo, contam-se pelos dedos das mãos. Os bons, estão sempre occupados. E os que se dizem bons, não prestam e invariavelmente pensam que entendem tudo...

Ella acha, sinceramente, que um dos grandes males é a desunião que existe entre os productores de São Paulo. Sendo o film um só, não concebe ella esta falta de colleguismo. Juntos, elevariam o Cinema Brasileiro ao seu verdadeiro posto. Separados, apresentarão trabalhos fracos que não são o que poderiam ser. Cada um por si. Mas o ideal, fundido. Perfeito entendimento no intercambio de artistas. De material. De apparelhos. De technicos. Isto sim!

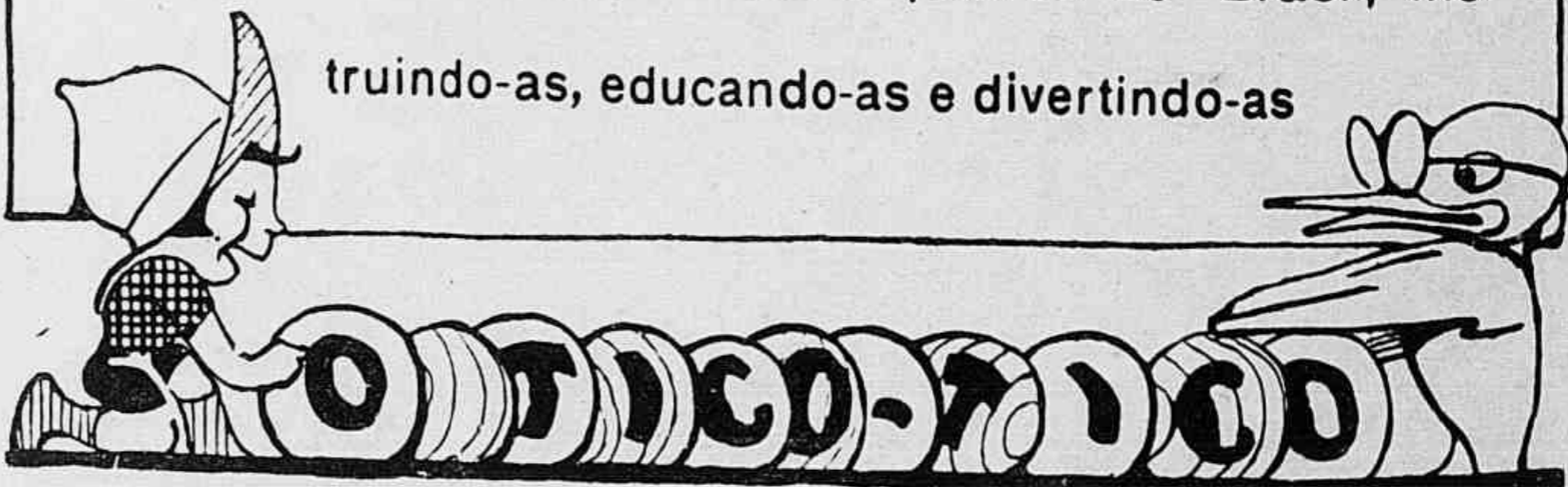
Ella tem o successo do Cinema Brasileiro como garantido. Mas acha que o elemento honesto deveria ser o principal. E que as moças de familias e os rapazes de sociedade, vendo as bôas intenções e os bons principios, chegariam por si, aos productores, para realizarem os seus sonhos artisticos.

Estando já prompto o seu primeiro film. No qual ella apparecerá como directora, para encanto dos que querem um bom film. E como protagonista, para alegreia dos que a querem ver, na sua belleza toda, radiosa e immensa. Cleo de Verberena, tenho a certeza, vae ser o motivo de muitas cartas de **fans** pedindo retratos... Vae ser a estrophe final de muito soneto... Vae ser o estrebilho de muita canção... Vae ser o ultimo nome recitado, tremulo, á noite, depois da ultima palavra da oração...

Sinceramente, admirei-a. Não só pela sua belleza. Como, principalmente, pela sua intelligencia e pelo desembaraço das suas opiniões. Tem fé. Coragem. Amor ao seu trabalho.

Melodia da Saudade vae ser o seu proximo trabalho. Pretende inicial-o breve e, nelle, introduzirá dialogos.

Entre os auxiliares, contou com a ajuda excellente de Carmo Nacarato e de seu esposo, Laes Mac Reni, que pelo Cinema 'Brasileiro já trabalha desde 1919.

Cleo de Verberena é enthusiasmada. Dizia-me ella, por exemplo, que ainda

verá o Cinema Brasileiro sendo a primeira industria do Brasil. Talvez seja exhorbitancia da sua phantasia de mulher intelligente. Mas, creiam, se todos tiverem o seu enthusiasmo. O seu amor ao trabalho. O seu carinho pelo Cinema. Elle, no Brasil, será victorioso e immenso como já o é nos Estados Unidos e em outros paizes da Europa.

Viu quasi todos os films Brasileiros. Apreciou particularmente **Sangue Mineiro** e **Barro Humano.** Acha Adhemar Gonzaga e Humberto Mauro, os dois directores Brasileiros mais notaveis. E, falando de Humberto, disse ella que de **Braza Dormida** para **Sangue Mineiro,** o seu progresso foi tanto quanto de um antigo film de **Cines** para uma das modernas producções da **Metro** ou da **Paramount.** Diz ella que se todos forem assim, o fracasso nunca poderá entrar pelas cogitações do que se mette pela industria de films Brasileiros a dentro.

Dos artistas Brasileiros, aprecia Carmen Santos, particularmente. E acha Paulo Morano o galã mais sympathico de todos. Muito embora apenas o tenha visto apenas em photographias.

E, do Cinema Americano, John Gilbert e Nils Asther e, mulher, Greta Garbo.

Von Stroheim e Fred Niblo são os seus directores predilectos. E, nos films de lá é que consegui estudar grande parte da technica que hoje emprega nos seus trabalhos.

A musica, depois do Cinema, é a sua maior paixão. E, sendo assim, ao som de uma Sonata de Beethoven, com a sua camelia predilecta ao lado. O seu perfume predilecto espalhado pelos arredores, dando **it** ao amdiente. Com imaginação e intelligencia dedicadas ao Cinema. Cleo de Verberena não fará films que agradem? Por que não?

Uma das suas interessantes manias, é collecionar photographias de artistas de Cinema. Mas só quer de artistas de Cinema Brasileiro...

Chama todas as quartas-feiras de dias feriados... Só porque lê **CINEARTE** E disse tão expontaneamente, tão sinceramente, que não pude achar que era delicadeza que fazia á mim, que a entrevistava...

O seu olhar é triste. Lembra, sem querer, o principio lindo da historia que acabou mal... E' meiga. Na attitude e na voz. E' feminina no menor requinte. O seu todo é triste. Mas a sua voz é alegre. As suas idéas brincam e enthusiasmam as idéas da gente...

Estou a apostar. Querem? Depois de **O Mysterio do Dominó Preto,** Cleo Verberena será o nome que todos vão escrever nas suas carteiras. O nome que todos guardarão. A figura que enfeitará o sonho de muita gente. A mulher que reuniu a intelligencia de uma direcção á belleza de uma interpretação fina e bôa.

Guardem bem este nome! Ainda será alguma cousa dentro desse ideal que já se realisa, tão lindamente, o Cinema Brasileiro!

GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS

"O MALHO"— que é uma das mais antigas revistas nacionaes — considerando o enorme sucesso que vem despertando entre os novos contistas brasileiros e o publico em geral, a literatura ligeira, de ficção ou realidade, cheia de interesse e emoção, resolveu abrir em suas paginas um GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS, só podendo a elle concorrer contistas nacionaes e recompensando com premios em dinheiro os melhores trabalhos classificados.

Os originaes para este certamen, que poderão ser de qualquer dos generos — tragico, humoristico, dramatico, ou sentimental — deverão preencher uma condição essencial: serem absolutamente ineditos e originaes do autor.

Assim procedendo, "O MALHO" tem a certeza de poder ainda mais concorrer para a diffusão dos trabalhos literarios de todos os escriptores da nova geração, como ainda incentival-os a maiores expansões para o futuro, offerecendo aos leitores, com a publicação desses contos, em suas paginas, o melhor passatempo nas horas de lazer.

CONDIÇÕES:

O presente concurso se regerá nas seguintes condições:

1) Poderão concorrer ao grande concurso de contos brasileiros de "O Malho" todo e quaesquer trabalhos literarios, de qualquer estylo ou qualquer escola.
2) Nenhum trabalho deverá conter mais de 10 tiras de papel almaço dactylographadas.
3) Serão julgados unicamente os trabalhos escriptos num só lado de papel e em letra legivel ou á machina em dois espaços.
4) Só poderão concorrer a este certamen contistas brasileiros, e os de preferencia, versarem sobre factos e coisas nacionaes, podendo, no emtanto, de passagem, citarem-se factos estrangeiros.
5) Serão excluidos e inutilizados todos e quaesquer trabalhos que contenham em seu texto offensa á moral ou a qualquer pessoa do nosso meio politico ou social.
6) Todos os originaes deverão vir assignados com pseudonymo, acompanhados de outro enveloppe fechado com a identidade do autor, tendo este segundo, escripto por fóra, o titulo do trabalho.
7) Todos os originaes literarios concurrentes a este concurso, premiados ou não, serão de exclusiva propriedade desta empresa, para publicação em primeira mão, durante o prazo de dois annos.
8) E' ponto essencial deste concurso, que os trabalhos sejam ineditos e originaes do autor.

PREMIOS:

Serão distribuidos os seguintes premios aos trabalhos classificados:

1º logar	Rs.	300$000
2º "	Rs.	200$000
3º "	Rs.	100$000
4º, 5º e 6º collocados	Rs.	50$000 cada

Do 7º ao 15º collocados — (Menção Honrosa) — Uma assignatura semestral de qualquer das publicações: "O Malho", "Para Todos...", Cinearte" ou "O Tico-Tico".

Serão ainda publicados todos os outros trabalhos que a redacção julgar merecedores.

ENCERRAMENTO:

O presente GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS será encerrado no dia 28 de Junho de 1930, para todo o Brasil, recebendo-se, no emtanto, até 3 dias depois dessa data, todos os originaes vindos do interior do paiz, pelo correio.

JULGAMENTO:

Após o encerramento deste certamen será nomeada uma imparcial commissão de intellectuaes, criticos e escriptores para o julgamento dos trabalhos recebidis, commissão essa que annunciaremos antecipadamente.

IMPORTANTE:

Toda a correspondencia e originaes referentes a este concurso deverão vir com o seguinte endereço:

Para o "Grande Concurso de Contos Brasileiros.

Redacção de "O Malho", Travessa do Ouvidor, 21 — Rio de Janeiro.

Officinas Graphicas d'O MALHO